



“Barra Mansa: Imagens e Identidades Urbanas”

Andréa Auad Moreira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROURB – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO
DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Orientadora:

Professora Dra. Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira

Rio de Janeiro, RJ

2002

M838b Moreira, Andréa Auad
Barra Mansa: Imagens e identidades urbanas /
Andréa Auad Moreira. - Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2002.
Xiv, 185p. : il. (algumas color), mapas, 30cm.

Orientadora: Margareth da Silva Pereira.
Tese (mestrado) - UFRJ/PROURB, 2002.
Bibliografia: p. 160 - 163.

1. Cidades e vilas – História – Barra Mansa (RJ). 2. Espaço Urbano – Barra mansa (RJ). 3. Urbanismo – Teses. 4. Barra mansa (RJ) – História. I. Pereira, Margareth da Silva, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

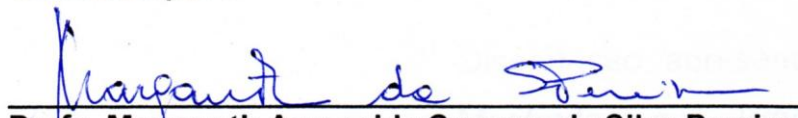
CDD: 711.4098153

Barra Mansa: Imagens e Identidades Urbanas

Andréa Auad Moreira

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo - PROURB da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Orientada por :

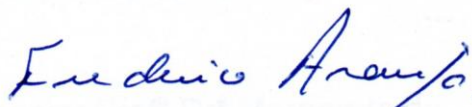


Profa. Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira
Doutora, 1988, École des Hautes Etudes en
Sciences Sociales, Paris.

Aprovada por:



Profa. Lúcia Maria Sá A. Costa
Ph.D., 1992, University College, London



Prof. Frederico Guilherme B. Araújo
Doutor, 1997, COPPE, UFRJ



Prof. Alberto Costa Lopes
Mestre, 1993, Instituto de Geociências, UFRJ

Rio de Janeiro, RJ

2002

Barra Mansa: Imagens e Identidades Urbanas

Andréa Auad Moreira

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo - PROURB da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Margareth da Silva Pereira
Doutora, 1988, École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

Rio de Janeiro, RJ
2002

Barra Mansa: Imagens e Identidades Urbanas

RESUMO

A dissertação trata da história urbana de Barra Mansa num período em que se inicia e desenvolve o ciclo industrial na cidade, entre os anos de 1937 a 2000. Tendo sido marcada significativamente pelo ciclo agrário do café, durante o século XIX, este recorte temporal possibilita realizar uma leitura das transformações materiais pelas quais passou a cidade a partir do estabelecimento de uma nova organização do seu espaço urbano, em busca de um alinhamento com a lógica da modernidade e da industrialização estabelecidas no Brasil após a década de 1930.

Releva-se aqui o fato de que a cidade acolhe neste período, já no ano de 1937, importantes indústrias de vários gêneros, dentre elas a Siderúrgica Barra Mansa, a Metalúrgica Bárbara e a Companhia Nestlé de Alimentos.

Sua localização privilegiada, no eixo dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, conduziria à sua primazia siderúrgica no Estado do Rio de Janeiro e seria responsável por suas previsões de desenvolvimento, a ponto de ser intitulada como a nova “Manchester Fluminense”.

Em 1941, a cidade acolhe a mais importante indústria – a Companhia Siderúrgica Nacional – localizada em seu oitavo distrito, Volta Redonda. A implementação da usina reestrutura de forma substancial o espaço físico de Volta Redonda, a partir do projeto urbanístico para a Vila Operária, de autoria do urbanista Attílio Corrêa Lima. Estrutura Volta Redonda, que anos mais tarde atingiria sua autonomia municipal (1954) e produz reflexos significativos em Barra Mansa, ao longo destes anos.

A análise das transformações da cidade, a partir das representações de suas imagens e identidades urbanas, ao longo deste período, apresenta-se aqui como método e caminho encontrado por esta dissertação em busca de responder a algumas indagações suscitadas pelo estudo e apreensão deste espaço urbano.

Barra Mansa: Images and Urban Identities

ABSTRACT

This paper is about the urban history of Barra Mansa in a period that the industrial cycle begins and develops, around the years of 1937 and 2000. It was fixed significantly during the XIX century by the agrarian cycle of coffee. This time clipping allows a reading of the material changings that the city went through, from the establishment of a new organization of its urban space, aiming an alignment with the modernization and industrialization established in Brazil after the thirties.

It reveals the fact that the city sheltered some important industries of several genres in 1937, such as Siderúrgica Barra Mansa, Metalúrgica Bárbara and Companhia Nestlé de Alimentos.

Its privileged location, the axis of Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais states, would lead it to the steel industry superiority in Rio de Janeiro and would be responsible for its foresight of development, being entitled as new “Manchester Fluminense”.

In 1941 the city welcomed the most important industry, - Companhia Siderúrgica Nacional - placed in its eighth district, Volta Redonda. The implement of the factory restructures, in a substantial manner, the physical space of Volta Redonda started from the urban project to the workers’ villa done by the town planner Atílio Corrêa Lima. It structures Volta Redonda, that years later would get its municipal autonomy (1954), and causes significantly reflexes upon Barra Mansa, through those years.

The analysis of the city changings, through the representation of its images and urban identities during that period, is presented here as a method and way to answer some inquiries aroused by the study and perception of this urban space.

RESUMO BIOGRÁFICO

Andréa Auad Moreira nasceu em Caratinga, Minas Gerais, residindo desde 1976 no Estado do Rio de Janeiro. Em 1989, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e desde então realiza diversos trabalhos como arquiteta, exercendo cargos em empresas públicas e privadas.

Entre os anos de 1988 e 1989 foi estagiária do Centro de Pesquisas Urbanas do IBAM, coordenado por Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Nos anos de 1990 a 1993 integrou a equipe da Secretaria Municipal de Urbanismo de Niterói, participando da elaboração do Projeto de Revitalização do Centro, coordenado pelos arquitetos João Sampaio e Sérgio Magalhães.

No período de 1993-95 trabalhou na iniciativa privada realizando vários projetos para edificações residenciais, comerciais e de serviços. De volta à Prefeitura de Niterói, em 1996, participou do processo de regularização fundiária e redesenho do Aterrado Norte, vazio urbano do centro de Niterói. De fevereiro de 1998 a dezembro de 2000 foi contratada pela Secretaria Municipal de Habitação da Cidade do Rio de Janeiro, tendo trabalhado no seu Centro de Documentação, onde realizou a organização e divulgação dos planos e projetos elaborados pelos programas da política habitacional do Município.

Tendo ingressado no curso de mestrado do PROURB / UFRJ em março de 2000, priorizou a sua realização, tendo ainda desenvolvido durante este período projetos de arquitetura para edificações residenciais.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração de André e Alice, companheiros solidários de tantas “ausências”.

Agradeço à minha orientadora, Professora Margareth Pereira, a quem atribuo o meu crescimento profissional como urbanista durante o convívio rápido em tempo, longo em intensidade.

Agradeço e dedico este trabalho ao amigo, arquiteto Sérgio Magalhães, pelo crédito e atenção para com as minhas reflexões sobre as cidades.

SUMÁRIO

Capítulo/Título	Páginas
1. INTRODUÇÃO	01
2. CAPÍTULO I Barra Mansa: do Café à Industrialização – Trocas e passagens	
I.1 – A geografia do lugar – o cruzamento dos caminhos	14
I.2 - O caráter comercial	16
I.3 - Barra Mansa e a produção do café – imagem consolidada como centro de referência	18
I.4 - As imagens da cidade - 1870-1930	23
I.5 - Da decadência do café à industrialização - a manutenção de uma dinâmica.	31
I.6 - As imagens da Cidade - 1930 -1954	37
3. CAPÍTULO II Volta Redonda – O 8º Distrito rouba a cena urbana da “Manchester Fluminense”	
II.1 – A implementação siderúrgica	48
II.2 – A decisão locacional da Companhia Siderúrgica Nacional	49
II.3 – Características do projeto nacional para Volta Redonda	52
II.4 - Volta Redonda: o 8º Distrito se transforma em novo paradigma urbanístico para Barra Mansa	62
II.5 - As imagens da cidade - 1954-1970	69
4. CAPÍTULO III Industrialização: benesse e glória, fragmento e desarticulação	
III.1 - Industrialização: do apogeu à crise de valores urbanos	80
III.2 - As imagens da cidade - 1970 -1988	86
III.3 - Industrialização: da crise à resignificação de valores urbanos	99
III.4 - As imagens da cidade 1988-2000	106
5. CAPÍTULO IV Imagens e Identidades Urbanas: dos conceitos à apropriação	117
6. CONCLUSÃO	139
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
8. ANEXOS	164

LISTA DE FIGURAS

Nº	Descrição	Página
1	Cartas de Sesmarias - Arquivo Nacional. "Levantada em 1767, pelo Sargento-Mor Manoel Vieira Leão, a pedido do Conde da Cunha. Barra Mansa ainda um sertão dominado pelos índios Puris e Araris".	15
2	Planta da ocupação original da cidade – Acervo Biblioteca Nacional, s/d - no qual pode ser observado o traçado de alguns elementos do principal conjunto arquitetônico e paisagístico do século XIX.	20
3	Ilustração da Fazenda da Posse - Álvaro Carelli - Revista Prosa e Verso.	24
4	Fazenda de Café em Barra Mansa – Acervo Clécio Penedo. s/d.	24
5	Fazenda Ano Bom – Acervo Clécio Penedo. S/d.	24
6	Ilustração da Revista Archivo Pittoresco - 1898	25
7	Edifício da Câmara Municipal. Acervo Clécio Penedo. S/d.	25
8	Câmara Municipal – Acervo Clécio Penedo. (início do século XX).	26
9	Câmara Municipal e Parque da Preguiça - Acervo Clécio Penedo, s/d.	27
10	Antiga Estação Ferroviária - Acervo Clécio Penedo - s/d.	27
11	Av. Joaquim Leite –1922 – Acervo ACIAP.	28
12	Igreja e Largo da Matriz – Acervo Clécio Penedo. S/d.	29
13	Residência do Sr. Ponce de Leon – Acervo Clécio Penedo. S/d.	30
14	Cine Teatro Éden . Acervo ACIAP. (década de 1930).	30
15	Moinho Fluminense – Acervo Clécio Penedo. S/d	32
16	O Prefeito Bulcão Viana, o interventor Ernani do Amaral Peixoto e outros visitam as dependências da Siderúrgica Barra Mansa, em Saudade, entre 1944-1945). Acervo Clécio Penedo.	34
17	Companhia Nestlé de Alimentos - Acervo Clécio Penedo, década de 1930	34
18	Vila Operária da Metalúrgica Bárbara, localizada às margens da rodovia Sérgio Braga - Acervo Clécio Penedo, S.d.	36
19	<i>Companhia Nestlé de Alimentos –1937 – acervo Clécio Penedo.</i>	38
20	Siderúrgica Barra Mansa – Lançamento da Pedra Fundamental – 1937. Acervo Clécio Penedo.	38
21	Cia Nestlé de Alimentos – Foto: Belliene – (década de 1940) - Acervo Clécio Penedo.	39
22	Distrito de Volta Redonda – Foto: Belliene – início da década de 1940) -Acervo Clécio Penedo.	40
23	Plano de Attílio Corrêa Lima - Arquivo CSN - 1941	40
24	Moinho Fluminense e casario – Década de 1940 - Acervo Clécio Penedo.	41
25	Câmara e Parque Municipal – Jornal <i>A Semana</i> , 1938.	41
26	Missas Campal em comemoração ao 1º centenário de fundação da cidade - Parque da Preguiça - 1932 - Acervo ACIAP.	42
27	Antiga estação ferroviária- Acervo Clécio Penedo (década de 1950)	42
28	Câmara Municipal e Monumento do 1º Centenário - Acervo Clécio Penedo - s/d.	43
29	Av. Joaquim Leite – Acervo Clécio Penedo (década de 1930).	43
30	Avenida Joaquim Leite - Sorveteria Polar - década de 1940. Acervo Clécio Penedo.	44
31	Avenida Joaquim Leite - ônibus Barra Mansa -Volta Redonda - década de 1940. Acervo Clécio Penedo.	44
32	Avenida Joaquim Leite - Esquina da Rua Duque de Caxias - década de 1940. Acervo Clécio Penedo.	44

33	Igreja e Largo da Matriz de São Sebastião. Acervo Clécio Penedo (década de 1940).	45
34	Edifício do Grande Hotel - Acervo Clécio Penedo - 1940.	45
35	Cine Éden - Desenho em bico de pena – Clécio Penedo.	46
36	Cine Palácio. Década de 1940 - Acervo ACIAP.	46
37	Visita do presidente Getúlio a Barra Mansa, junto ao prefeito João Chiesse Filho na campanha eleitoral de 1950 - Acervo Clécio Penedo.	47
38	Vista Parcial da cidade – 1949 – acervo - ACIAP.	47
39	Monumento ao trabalhador - Acervo Clécio Penedo – dec.1960.	70
40	Cartão Postal – Bairro Ano Bom – dec. 1960 – Acervo André Couto.	71
41	Cartão Postal – Ponte dos Arcos e Igreja Matriz – dec. 1960. Acervo André Couto.	71
42	Parque Centenário da Preguiça - Monumento comemorativo ao 1º Centenário da Cidade.	72
43	Parque Centenário da Preguiça – área externa - década de 1960 - acervo Clécio Penedo.	72
44	Edifício da Câmara após a 1ª ampliação – acervo Clécio Penedo – s/d.	73
45	Câmara Municipal – 2ª ampliação - 1968 – Acervo Clécio Penedo.	73
46	Desfile Cívico – década de 1950 - Acervo Clécio Penedo.	74
47	Desfile Cívico - década de 1950 - acervo Clécio Penedo	74
48	Cartão Postal - Av. Joaquim Leite - década de 1960 - Acervo André Couto.	75
49	Largo e Igreja da Matriz - década de 1950, antes da reforma de 1958 - acervo Clécio Penedo	75
50	Troca de galerias pluviais na área central – década de 1960.	76
51	Desfile cívico – década de 1960 – acervo Clécio Penedo.	76
52	Brasão do Município.	77
53	Cartão Postal anos 1960 – Vista Parcial do centro mostrando a construção do edifício Éden – acervo André Couto.	78
54	Cine Palácio - década de 1960 - Acervo Clécio Penedo.	78
55	Panorama da cidade de Barra Mansa na década de 1960, produzido pela Foto Brasil – Acervo Cecília Pacheco.	79
56	Cia. Nestlé de Alimentos – Revista 50 anos Nestlé -1987.	87
57	Metalúrgica Bárbara – Revista dos 50 anos da Nestlé - 1987.	87
58	Plano de Expansão do Bairro Aterrado, Volta Redonda – década de 1970.	88
59	Construção do viaduto da Ponte Alta, Volta Redonda – Dec. 1970 - Acervo Clécio Penedo.	88
60	Companhia Siderúrgica Nacional – Bairro Conforto, Volta Redonda – década de 1980.	88
61	Vista parcial da área central – Revista 50 anos Nestlé - 1987.	89
62	Praça e Igreja da Matriz de São Sebastião – Revista 50 anos Nestlé, 1987.	89
63	Interior do Parque da Preguiça – Foto: Tuca – década de 1980.	90
64	Interior do Parque da Preguiça – Foto: Andréa Auad -1988.	90
65	Prédio da Câmara – Revista 50 anos Nestlé - 1987.	91
66	Fazenda da Posse – Década de 1980.	91
67	Desfile – 1958 – Acervo Cecília Pacheco.	92
68	Edifício do Banco Itaú – Foto: Andréa Auad.	93
69	Adesivo da campanha pelo tombamento de antiga Estação, Movimento Cultural, 1987.	94
70	Interior da antiga estação ferroviária - Trecho do piso em ladrilho hidráulico. Levantamento INEPHAC - 1987.	94
71	Estação incendiada - Foto: Andréa Auad - 1988.	95

72	Estação incendiada - Foto: Andréa Auad - 1988.	95
73	Avenida Joaquim Leite – Revista 50 anos da Nestlé – 1987.	96
74	Vistas da área central. Revista 50 anos Nestlé- 1987.	97
75	Passagem de nível junto à Ponte dos Arcos - Foto: Andréa Auad - 1989.	97
76	Fachada das Casas Bahia - antigo Cine Palácio - Foto Airton Soares 2001.	98
77	Panoramas da área central – 1987- Fotos Andréa Auad.	98
78	Siderúrgica Barra Mansa - Revista da FIRJAN – 2000.	107
79	Barra Mansa – Vista aérea da área central – Foto: BOB -1998.	108
80	Volta Redonda – Panorama da CSN – Bairro Vila Operária - Dec. de 1980 – acervo C. Penedo.	108
81	Margem direita do rio Paraíba do Sul, Área Central - 2001 - Foto: Andréa Auad.	109
82	Foto panorâmica dos bairros Vila Nova, Vista Alegre e Vila Maria. Foto: BOB, 1998.	109
83	Cartão de Natal da Loja Maçônica Independência e Luz - 2000.	109
84	<i>Parque Centenário – Fotos Andréa Auad - 2000.</i>	110
85	Edifício da Câmara Municipal — Foto: Andréa Auad, 1995.	111
86	Estação Ferroviária após o incêndio de janeiro de 1988. Acervo Clécio Penedo.	112
87	Prédio da antiga Estação Ferroviária, atual Biblioteca Pública – 2001. Foto: Andréa Auad.	112
88	Avenida Joaquim Leite – Foto: Revista da FIRJAN, 2000.	113
89	Igreja da Matriz e Praça Ponce de Leon - Revista da Administração Municipal – 3 de outubro de 1997.	113
90	Pátio Férreo – área central da cidade – Foto: Baião, 1998.	114
91	Pátio Férreo, junto à antiga Estação Ferroviária – Foto: Baião, 1998.	114
92	Fazenda da Posse recuperada pelo convênio SESI/ PMBM - 1998.	115
93	Construção do Viaduto dos Trabalhadores – Foto: Andréa Auad, 2000.	115
94	Retirada do painel metálico da fachada do edifício do antigo Cinema Palácio para reforma, atual Casas Bahia – Foto: Andréa Auad - Maio de 2002.	116
95	Escritório Central da CSN – Foto: Andréa Auad - 2000.	118
96	Companhia Siderúrgica Nacional – Bairro Vila Operária. Foto: Andréa Auad.	118
97	Companhia Siderúrgica Nacional vista da Praça de Alimentação do Sider Shopping. Foto: Andréa Auad.	118
98	Avenida Joaquim Leite - Foto: Adnilson Luis, 1987.	119
99	Av. Joaquim Leite. Foto: Andréa Auad, Maio 2001.	120
100	Av. Joaquim Leite. Foto: Andréa Auad, Abril 2001.	120
101	Fachada das Casas Bahia, antigo Cine Palácio - Foto Andréa Auad - 2002.	122
102	Margem direita do Rio Paraíba do Sul. Foto: Andréa Auad – Setembro 2001.	123
103	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico na Área Central. Projeto final de graduação - UFF – Andréa Auad - 1989.	124
104	Antiga Estação Ferroviária. Foto: Airton Soares – 2001.	125
105	Câmara Municipal e Parque da Preguiça. Foto: Airton Soares -2001.	125
106	Clube Municipal. Foto: Andréa Auad – Maio de 2001.	125
107	Av. Joaquim Leite. Foto: Andréa Auad, Maio 2001.	126
108	Parque e Câmara. Foto: Andréa Auad -2001.	127
109	Avenida Joaquim Leite. Foto: Andréa Auad -2001.	127
110	Avenida Joaquim Leite – Foto: Airton Soares -2001.	127

111	Monumento Comemorativo do 1º Centenário. Foto: Jesse Chiesse – 2001.	128
112	Ponte dos Arcos. Foto: Jesse Chiesse. 2001.	128
113	Portal da antiga Estação Ferroviária, atual Biblioteca Municipal. Foto: Andréa Auad – 2001.	128
114	Construção do Viaduto dos Trabalhadores - 2001.	128
115	Antiga Estação Ferroviária, Atual Biblioteca Municipal - Foto Airton Soares – 2001.	129
116	Sede da antiga Fazenda da Posse, reformada pelo convênio PMBM/SESI. Foto: Andréa Auad – 2001.	129
117	Casario da Av. Domingos Mariano, centro. Foto: Andréa Auad - 2001.	129
118	Av. Joaquim Leite – Foto: Andréa Auad –2001.	130
119	Interior do Parque da Preguiça. Foto: Andréa Auad –2001.	130
120	Edifício residencial construído na década de 1980. Foto: Airton Soares - 2001.	130
121	Av. Domingos Mariano. Foto: Airton Soares, 2001.	130
122	Av. Joaquim Leite. Foto: Andréa Auad, 2001.	130
123	Igreja Matriz – Foto: Andréa Auad - 2001.	131
124	Interior do Parque da Preguiça. Foto: Andréa Auad – 2001.	131
125	Av. Joaquim Leite – Edifício Éden – Foto: Andréa Auad - 2001.	131
126	Ponte dos Arcos – Foto: Airton Soares - 2001.	132
127	Pátio Férreo – área central – Foto: Andréa Auad - 2001.	132
128	Av Domingos Mariano, edifício Sede da Associação Comercial - Foto: Airton Soares – 2001.	133
129	Interior do Parque da Preguiça – Foto: Andréa Auad – 2001.	133
130	Metalúrgica Saint Gobain, antiga Bárbara. Foto: Andréa Auad - 2001.	133
131	Ponte dos Arcos – Foto: Andréa Auad - 2001.	134
132	Passarela sobre a linha férrea junto à antiga Estação Ferroviária. Foto: Baião, 1998.	134
133	Sede da Prefeitura de Barra Mansa – Antigo Moinho. Foto: Andréa Auad - 2001.	135
134	Margem esquerda do rio Paraíba do Sul. Foto: Andréa Auad - 2001.	135
135	Trecho da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Foto: Andréa Auad, 2001.	137
136	Av. Joaquim Leite e Praça da Matriz - Foto: Airton Soares -2001.	140
137	Rua de Pedestres junto ao Parque da Preguiça - Foto: Airton Soares – 2001.	140
138	Av. Joaquim Leite - Foto: Airton Soares - 2001.	140
139	Fazenda da Posse – Foto: Andréa Auad - 2001.	141
140	Pátio Férreo junto à passagem de nível da antiga Estação Ferroviária. Foto: Airton Soares, 2001.	142
141	Vila Operária da Siderúrgica Barra Mansa - Bairro Saudade. Foto: Andréa Auad -2001	144
142	Bairro Saudade. Foto: Andréa Auad -2001.	145
143	Bairro Saudade, Siderúrgica Barra Mansa ao fundo. Foto: Andréa Auad -2001.	145
144	Ponte sobre o rio Paraíba do Sul, junto a Siderúrgica Barra Mansa - Foto: Andréa Auad – 2001.	147
145	Siderúrgica Barra Mansa e a ponte ilustrada acima - Foto: Andréa Auad - 2001.	147
146	Colégio Estadual Baldomero Bárbara – Construído na década de 1950 - Foto: Andréa Auad – 2001.	148
147	Praça junto ao Colégio Estadual Baldomero Bárbara, construção da década de 1970 - Foto: Ariadne Silva – 2001.	148

148	Igreja junto ao Colégio Estadual Baldomero Bárbara, construção da década de 1960 - Foto: Ariadne Silva – 2001	148
149	Fazenda da Posse, atual Centro Cultural PMBM/SESI – Foto: Andréa Auad -2001.	149
150	Últimas unidades da Vila Bárbara demolida durante a década de 1990. Foto Ariadne Silva - 2001.	149
151	Ruína da última unidade residencial da Vila Bárbara. Foto Ariadne Silva -2001	149
152	Interior do Parque da Preguiça. Foto: Jesse Chiesse, 2001.	150
153	<i>Avenida Joaquim Leite – 1937. Acervo Aciap.</i>	151
154	Avenida Joaquim Leite – 2000. Foto: Airton Soares.	151
155	Trecho do Viaduto Alexandre Fischer. Foto: Jesse Chiesse - 2000.	154
156	Ocupação do Bairro Vista Alegre. Foto: Andréa Auad - 2001.	155
157	Nova passagem de pedestres sobre o Rio Paraíba do Sul junto aos destroços da antiga Ponte Mauá - Foto: Regina Célia - 2001.	157
158	Passarela sobre a linha férrea, junto a antiga Estação Ferroviária – Foto: Andréa Auad - 2001.	158

ANEXOS

Nº	Descrição	Página
1	Mapas de localização do Município de Barra Mansa no Estado do Rio de Janeiro e na Região Sul Fluminense.	165
2	Artigo publicado no Jornal FOLHA BARRAMANSENSE, em 20 de novembro de 1991.	166
3	Mapa de localização da área central da cidade de Barra Mansa.	167
4	Comportamento demográfico dos municípios de Barra Mansa e Volta Redonda entre 1970-1991.	168
5	Entrevista com o ex-Prefeito de Barra Mansa Marcello Drable - roteiro e citações	169
6	Trecho da entrevista com o memorialista José Carlos Faria - roteiro e citações.	174
7	Foto do arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx em visita a obra do SESC Barra Mansa - década de 1980. Acervo Gilda Nora.	181
8	Cópia do projeto de intervenção paisagística no Parque Centenário da Preguiça, feita por Roberto Burle Marx.	182
9	Cópia da reportagem do diário <i>A Voz da Cidade</i> sobre a visita da equipe de Burle Marx a Barra Mansa.	183
10	Cópia do cadastro arquitetônico do INEPAC que referencia a autoria do Parque Centenário ao paisagista Glaziou.	184
11	Lista de manchetes do jornal <i>Diário do Vale</i> sobre a preservação do Patrimônio Municipal de Barra Mansa.	185

INTRODUÇÃO

“Adiante de uma outra estação (Volta Redonda), passou o trem até chegarmos a Barra Mansa, uma linda cidadezinha, com uma grande estação e bonitas casas. Bem junto à estação se via um magnífico jardim de gosto francês, em cujo fundo se achava um verdadeiro palácio. (...) Às 10 horas da manhã paramos na estação da cidade de Resende. É uma bonita cidade, com muita gente curiosa na plataforma. Uma depois da outra, sempre no Vale do Paraíba, passamos pelas pequenas estações de Itatiaia e Boa Vista, onde há uma curta parada. Todas estas estações têm os seus armazéns repletos de sacas de café, e ao longo da linha os morros de café se sucedem”.
(KOZERITZ, 1883)



(Guia Quatro Rodas - Brasil 2001)

As duas descrições acima, além de guardarem entre si a distância temporal de mais de 100 anos, guardam também uma expressiva diferença em relação ao lugar observado – a cidade de Barra Mansa, objeto de estudo desta dissertação. As descrições falam de imagens urbanas e suscitam também o nosso imaginário. Estariam descrevendo realmente um mesmo lugar? Obviamente que em 100 anos não são poucas as mudanças ocorridas em um lugar que, como Barra Mansa, passou por três ciclos econômicos, um dos quais a industrialização, ligada prioritariamente à siderurgia. Pretende-se aqui uma reflexão não especificamente sobre a quantidade e qualidade das

mudanças, mas principalmente sobre o que elas representaram para a composição da imagem e identidade urbana desta cidade hoje.

"A síntese espacial urbana tira das relações metafóricas sua maior eficiência. Os lugares, por serem como são, dizem de uma só vez uma porção de coisas para um monte de gente. Apresentam conformações cumulativas. Estão no presente, mas podem demonstrar como já foi e como, talvez, será. Assim não só con-formam. Também in-formam." (SANTOS, 1986:60)

A decisão pela temática deste trabalho de dissertação passou, de forma direta, pela relação de vivência com o processo de urbanização e com as mudanças observadas em Barra Mansa ao longo dos últimos 20 anos, os quais tive oportunidade de acompanhar, ora como moradora, ora como visitante. Discorrer sobre Barra Mansa¹ pareceu, num primeiro momento, discorrer sobre uma série de cidades de porte médio que estaria sendo focada no Brasil em seu tímido processo de descentralização, apontado pelo censo de 1991 e pelas recentes pesquisas organizadas pelo IPEA na década de 1990².

Entretanto, um minucioso exame de qualificação do projeto pôde destacar a essência das indagações da dissertação a ser elaborada, que se referiam sim a fatos urbanos genéricos das cidades médias, mas, principalmente, às singularidades da cidade em questão.

¹ Ver mapas de localização, anexo 1.

² Depois de uma urbanização explosiva, que concentrou população nas grandes metrópoles – principalmente do sudeste – ao longo dos anos 70 e 80, o Brasil está passando por mudanças na distribuição de sua população.

A marca da década de 90 é a interiorização do crescimento e a formação de novas aglomerações urbanas. Essas são algumas das principais conclusões do mais aprofundado estudo sobre o tema realizado no país nos últimos anos, em fase de conclusão: "Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil", coordenado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com apoio do IBGE e da UNICAMP, além de outras instituições. Reflexo disso, as cidades médias entre 100 a 500 mil habitantes foram as que registraram o maior crescimento absoluto nos anos 90. Juntas, passaram a abrigar 36,7 milhões de brasileiros em 1996, contra 31,9 milhões em 1991.

Entre os fatores que imprimiram dinamismo ao desempenho populacional das cidades médias, podem-se elencar: as mudanças recentes nos padrões locacionais das indústrias; as transformações mais visíveis no movimento migratório nacional; o fenômeno da periferização das metrópoles; a política governamental de atração de investimentos para as regiões economicamente defasadas; e a peculiar expansão de nossas fronteiras agrícolas e de extração de recursos minerais. Além destes, é claro, os fatores endógenos ao próprio dinamismo econômico de muitas destas cidades.

Desde as primeiras elaborações do estudo a ser realizado apareceram as palavras **Imagem e Identidade**. Se inicialmente utilizados de forma intuitiva, estes dois conceitos pareciam, no decorrer do processo de pesquisa, cada vez mais adequados ao enfoque pretendido. Pouco a pouco comecei a entender que as raízes do meu interesse sobre as questões relativas às imagens e identidades urbanas vinham desde o ano de 1976, quando da transferência de mais uma das centenas de famílias de migrantes – os Auad Moreira - vindos do interior de Minas Gerais para a cidade de Barra Mansa.

Se para alguns membros da família aquela transferência de “lugar” significava uma incontestável abertura de oportunidades, para outros, em especial para a caçula da família, eu, autora desta dissertação, seria recheada também de muitas indagações futuras. Por que vir morar numa cidade tão “feia”, tão “maltratada”? Por que será que a tratam assim?

As tentativas de responder a essas perguntas acabaram por afastar as possibilidades de permanência em Barra Mansa, mas despertou a decisão pela carreira de Arquitetura e Urbanismo, ampliando a curiosidade por entender as relações urbanas entre moradores e cidades.

No ano de 1989, ao realizar o projeto final de graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Federal Fluminense, impulsionada pelas aulas que direcionavam a atenção para com os espaços urbanos, acabei por transformar memórias pessoais na minha primeira tentativa de sistematizar uma reflexão sobre a cidade. O tema escolhido - a cidade de Barra Mansa – foi trabalhado, sobretudo no sentido do redesenho de sua malha urbana central. Estávamos num momento em que as soluções mais inovadoras para as cidades se davam, quase que necessariamente, pelo seu redesenho urbanístico.

O trabalho recebeu nota máxima, recebendo indicações de prêmios, mas não respondeu a nenhuma das perguntas originais. Pouco tempo depois comecei também a entender o por que. O trabalho com a cidade como arquiteta e urbanista não passa só pelo seu redesenho físico, mas pelo entendimento de como se desenham as relações dos seus habitantes com o seu espaço urbano constituído (ver Moreira, 1991) Neste sentido,

estabelecem-se relações entre a “imagem” física da cidade e o imaginário que se possa evocar a partir dela. Mas não só. Pensa-se a imagem da cidade como elemento indispensável para a produção da suas identidades e dos seus significados urbanos.

Cabe esclarecer que por “imagens urbanas” entende-se aqui as representações que uma cidade constrói de si própria e que em determinados momentos históricos buscam também inscrevê-las em formas construídas. Estes mecanismos de projeções de representações “afetivas” e “subjetivas”, individuais e coletivas em objetos e dispositivos urbanos estão na base de uma arquitetura e um urbanismo “retórico” e “visual”. A complexidade e a diversidade das representações sociais da cidade tendem assim a se reduzir a um “sistema de objetos” que pretende “representar” e “fixar” aquelas representações, entendendo-as como os emblemas de sua “identidade”. Pode-se dizer que na história de Barra Mansa, certos períodos são marcados pela acentuação de debates ou de intervenções que mobilizam estas relações entre “imagem” e “identidade” urbanas.

Se não podemos incluir Barra Mansa no rol das "cidades mortas", denunciado por Monteiro Lobato (1980), ela forma com outros exemplos do Vale do Paraíba Fluminense um conjunto de centros urbanos cuja potencialidade e patrimônio - econômico e cultural - nem sempre foi contemplada pela visão técnica e administrativa dos poderes públicos. Desde o século XIX a cidade vem passando por importantes ciclos da economia brasileira. Suas imagens urbanas, sobretudo aquelas que socialmente se tornam “ícones” da própria cidade, têm sofrido assim drásticas transformações em função de sua maior ou menor inserção num sistema de produção e de troca mais global. Hoje, Barra Mansa passa por uma relativa estagnação econômica e cultural, tendo em vista sua importância em outros momentos do passado. É possível afirmar que este processo interfere no próprio processo de construção social de sua identidade urbana e nos mecanismos que erigem sua “imagem” como cidade, enfraquecendo suas potencialidades.

As cidades brasileiras de porte médio representam, de maneira geral, um universo ainda pouco explorado no conjunto de trabalhos que vêm sendo produzidos nos últimos vinte anos enfocando temáticas urbanas. De fato, poucos têm sido os textos construídos a partir de uma ótica capaz de apontar as causas do crescimento destas cidades e dos investimentos financeiros em sua forma em certos momentos históricos, e, em outros, as de seu abandono e perda de vitalidade econômica. E o que dizer dos investimentos estéticos em relação também a estas cidades?

Não se trata aqui de advogar uma relação imediata e linear entre “formas construídas” e “sociedade, como se as primeiras fossem puro “reflexo” da outra. Deve-se, como arquiteto e urbanista, ficar atento para não cair nas armadilhas do “postulado ecológico” tão denunciado por F. Choay e M. Roncayolo, por exemplo, não podemos esquecer que:

“A cidade,....., não é somente um objeto, um instrumento, um meio de realizar certas funções vitais, ela é igualmente um quadro de relações entre consciências, o lugar de uma atividade que consome os sistemas de signo.” (Roncayolo et Paquot 1992:13)

Barra Mansa é assim um destes casos de cidade brasileira que, embora tenha contribuído intensamente na geração da riqueza nacional, poucas perguntas são feitas sobre ela. Não só as políticas de desenvolvimento ao longo do século XX se mostraram incapazes de integrá-la a um projeto mais contínuo e articulado de crescimento, como hoje, como intelectuais, como arquitetos, como urbanistas, como cidadãos, como “fazedores de cidade” pouco interrogamos sobre as diferentes dimensões da cidade de que fala Roncayolo e Paquot acima: objeto, instrumento, meio de realização, encontro e confronto de subjetividades, de representações.

Esta dissertação tem por objetivo menos trazer respostas do que começar a fazer perguntas. Ela aborda, genericamente, as principais características do processo de urbanização de Barra Mansa enfocando um longo período, no qual importantes mutações nos traços marcantes de sua

forma construída e de suas imagens urbanas podem ser observados: os anos de 1937 a 2000. Este recorte temporal, que cumpre mais de meio século, coincide com um tempo intenso de intervenções e transformações espaciais e de grandes debates sobre a forma urbana existente. Em linhas gerais ele é balizado pela implantação e desenvolvimento da atividade industrial no município e em seu entorno. Neste trabalho, serão analisadas as intervenções e as transformações na forma física da cidade, observando-se, particularmente, a formação e transformação da sua área central (ver anexo 3).

Objetiva-se demonstrar, primeiramente, como a concepção formal desta área da cidade no período analisado esteve diretamente relacionada com discursos que buscaram criar uma “imagem urbana”. Mas, em segundo lugar, espera-se chamar a atenção sobre como os processos de “preservação” e “mudança” formal buscaram criar laços de coesão social em torno de novas propostas de desenvolvimento, que fizeram certos segmentos repensar e resignificar o que até então era entendido como a própria “identidade” da cidade.

Ao analisar como “caso referência” a cidade de Barra Mansa, esta dissertação visa contribuir também para o registro da história urbana das cidades médias fluminenses, abordando criticamente a relação que entretém a arquitetura e o urbanismo com as questões da imagem e da identidade econômica, funcional, cultural e política das cidades.

Como já apontado anteriormente, o reatamento das diferentes representações sociais sobre o “ser urbano” ou o “viver em cidade” em certas formas físicas parece ter sido problematizado em certos momentos da história de Barra Mansa. De fato, também em outros períodos, como na segunda metade do século XIX, ou na virada do século XX, por exemplo, os debates sobre a modernização ou a conservação de sua forma física são intensos e parecem se articular com a busca de construção de “novas imagens urbanas”.

Entretanto, o período em que se desenvolve a atividade industrial parece ser um dos mais expressivos sob este aspecto. Apontar este período implica em necessariamente analisar a história sócio-cultural da cidade levando em conta programas ou projetos de intervenção física que buscaram potencializar

suas singularidades. Os anos 1937-2000, assim, parecem ter condensado um processo de questionamentos sobre a forma construída da cidade, herdada do século XIX e início do século XX, re-significando, ao mesmo tempo, a própria forma do “viver em cidade”.

Neste sentido, a industrialização da região do Médio Paraíba Fluminense, intensificada com a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1945, trouxe impactos para cidades já consolidadas na região, como Barra Mansa. De fato, a construção da CSN no até então distrito barramansense de Volta Redonda, parece definir um ponto de inflexão na história da própria cidade e uma crise nas representações hegemônicas que suas elites compartilharam a respeito da cidade, que até hoje permanece problemático.

A forma como a atividade industrial foi absorvida pela cidade e pelo seu distrito, começou por levar o distrito à sua autonomia. Se hoje observamos Barra Mansa e Volta Redonda como duas “cidades” conurbadas, ambas revelam um percurso que absorveu de forma francamente positiva em um caso (Volta Redonda) e com inúmeros impasses no outro (Barra Mansa) uma nova ordem social.

A visão da industrialização nos anos 1930/40 interferiu na estruturação da forma urbana e na imagem que essas duas cidades fizeram (ou fazem) de si, o que pode ser constatado em discursos políticos, projetos urbanos, em revistas e diversas fontes de época. Neste sentido, uma das questões a ser analisada pela dissertação será identificar os reflexos deste “novo modelo” urbano, moderno e industrial, representado por Volta Redonda, não só sobre a forma material da cidade de Barra Mansa, sobretudo em sua área central, mas também sobre as representações sociais de sua identidade urbana.

As reflexões contidas neste trabalho buscaram, entretanto, levar em consideração processos de mudança também recentes que se observam na cidade. Nas duas últimas décadas, pôde-se perceber em Barra Mansa o início de um novo processo, onde entram em cotejo questões ambientais e de preservação do espaço urbano, que mais uma vez tomam por foco de discussão o tecido mais emblemático da cidade, a sua área central. Este é um

momento fértil para se repensar o relacionamento entre o desenho urbano e as estruturas sociais, onde as imagens e as identidades da cidade já cristalizadas entram em processo de avaliação e de busca social, coletiva e política de novos significados.

Entretanto, parece pesar sobre esses novos debates a idéia de que a resignificação de certas áreas urbanas se restringiria, apenas, à valorização de um patrimônio edificado. A hipervalorização de edifícios ou conjuntos urbanos como o maior, senão o único, “patrimônio” social, induz, em contrapartida, a uma desvalorização de outros aspectos da vida social e da memória coletiva.

Dois pressupostos constituem o fio condutor da dissertação. O primeiro identifica a cidade não apenas como forma construída, mas também como forma social e entende que a interrelação entre essas duas faces do “ser cidade” ocorre de forma não linear, sedimentando, ainda, temporalidades diversas. Como nos lembra Roncayolo e Paquot (1992:12): *“Por trás do pensamento sobre a cidade se encontra a concepção do espaço e do tempo, próprios a uma cultura”*. O segundo pressuposto é o de que na cultura ocidental as representações sociais ligadas à identidade cultural foram freqüentemente associadas às formas construídas, forjando não só a noção de “monumento histórico” como a de “patrimônio histórico” que “falam” dos valores de certas comunidades, como nos lembra F. Choay (2001:12):

“Monumento e cidade histórica, patrimônio arquitetônico e urbano: estas noções e suas sucessivas figuras esclarecem de forma privilegiada o modo como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e construíram sua identidade”³.

Assim, neste trabalho, a estruturação espacial da cidade é compreendida como um processo que em certos momentos históricos tende a desenhar ou definir “cenários urbanos” retóricos que se tornam relativamente

³ O Patrimônio Histórico representado pelas edificações é uma categoria exemplar eleita por Françoise Choay em seu livro: *“Em outros tempos falaríamos de monumentos históricos, mas as duas expressões já não são mais sinônimas”*. A noção de Patrimônio Histórico hoje liga-se não só ao patrimônio edificado, nem só aos monumentos.

hegemônicos; isto é, conjuntos urbanos ou séries de objetos construídos, portadores assim de “imagens sociais” que emblematizam a representação sobre o “viver em cidade”.

Neste sentido, a dissertação possui alguns eixos em torno dos quais se desenvolve a argumentação e que se apóiam na leitura de alguns autores. O mais importante deles diz respeito ao aprofundamento dos conceitos de Representação, Identidade e Imagens Urbanas.

A questão da Identidade Coletiva é apresentada tendo como suporte teórico as revisões atuais sobre a questão, realizadas principalmente pelos historiadores e cientistas sociais. Neste sentido dois textos foram fundamentais: o de Stuart Hall (1995) e o de Edward Lopes (1997), além de textos complementares que discutem a relação que entretêm imagem, identidade urbana e representação.

Como nos lembra Hall (1995:54):

“A identidade encontra-se profundamente implicada na representação. (...), a configuração e a reconfiguração das relações tempo-espço no interior de diferentes sistemas de representação têm impacto profundo sobre como as identidades são localizadas e representadas.”

Entretanto, como nos aponta Roncayolo (1997:12), cada cultura constrói a sua própria concepção de espaço e de tempo em discursos, pensamentos, práticas e formas urbanas. A noção de representação se aplica a realidades muito diferentes. Escreve ele:

“De fato, existe antes de tudo um sistema de idéias mais ou menos coerentes daqueles que fazem as cidades, as desenham, as estruturam ou, no mínimo, acrescentam a sua pedra àquelas do passado” Mas, “(...) como esse sistema de idéias se incluem em um sistema mais geral de representação que vai do espaço concreto à interpretação geral do mundo? Quais são os portadores destas idéias ou, (...) aqueles que as exprimem e conduzem à sua aplicação: classes dominantes, profissionais da cidade, e através de que relações eles se ligam? Por fim, quais são as representações da cidade que emanam dos habitantes: seriam eles atores passivos ou ‘dominados’, ou capazes de modificar com suas práticas os

sentidos atribuídos aos objetos e aos lugares urbanos? Estas questões ultrapassam o urbano, mas o colocam ao mesmo tempo no centro dos debates sobre a origem, os sentidos e as implicações da ideologia."

Os mecanismos de cristalização de identidades coletivas em suportes materiais (edifícios e conjuntos urbanos) terão suporte teórico nos textos de Argan (1964 e 1998) e Choay (2001), que de longa data vêm trabalhando sobre o tema, além da revisão bibliográfica da obra de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1986 e 1988), indispensável para os estudos urbanos brasileiros contemporâneos.

Com Roncayolo, Paquot (1992) e Lepetit (2001) aprendemos, antes de tudo, a desconfiar das nossas próprias representações e até mesmo dos nossos recortes temporais, sabendo que o exercício que fazemos nas páginas que se seguem é, sobretudo, uma hipótese, um recorte, um olhar, ele mesmo uma forma de pensar uma cidade. Assim como aponta Paquot (1992:13):

"Nós poderíamos dizer que a cidade inscreve-se num encadeamento de temporalidades diferenciadas. É isso que se revela ao olhar e ao ouvido do observador atento. A cidade é ao mesmo tempo sempre, a mesma e outra."

O trabalho recente de Ferrara (2000), sua leitura de imagens urbanas apoiadas, sobretudo, na semiologia do espaço, despertaram, estimularam e apontaram outras possibilidades de leituras da cidade. Inscrevem-se assim as análises propostas pela autora:

"...a imagem da cidade, elemento indispensável para a produção da identidade e dos significados urbanos, (...) a imagem da cidade e o modo de sua produção, a mobilidade dos espaços divididos entre degenerescência e renovação; a mobilidade cultural da paisagem de ontem e de hoje e a relação entre percepção e produção dos significados urbanos."
(Ferrara,2000:12-13)

A evolução urbana de Barra Mansa que é apresentada aqui se pautou em vários olhares. Primeiramente nos apoiamos nos relatos dos viajantes que

percorreram esta região na segunda metade do século XIX e início do século XX, como Zaluar (1860-61) e Kozeritz (1883). Também nos serviram de fontes periódicos locais, publicações institucionais, folhetos publicitários, entre outros, citados em cada capítulo. Por fim nos pautamos, não sem a distância necessária, em outros intérpretes da história da cidade e nos relatos do principal memorialista da região – J.B. de Athayde (1960 e 1971).

A análise da conformação espacial baseia-se também nas descrições analíticas de Lamego (1963). A forma descritiva deste autor, ainda colocada em grande medida no determinismo geográfico, já revista pela própria disciplina da geografia, diferencia-se em certa medida do suporte teórico selecionado neste trabalho. A escassez de fontes primárias, entretanto, torna o trabalho de Lamego imprescindível como informação e ponto de partida tanto para as análises morfológicas pretendidas aqui como, de maneira geral, para a história urbana dos municípios fluminenses.

As análises das cidades de Barra Mansa e Volta Redonda, em seus processos de separação histórica, são feitas a partir dos principais estudos realizados exclusivamente sobre Volta Redonda nos últimos anos. Incluem-se aqui os livros do memorialista Alkindar Costa (1975,1992) e a dissertação de mestrado de Lopes (1993) . Olhada a partir da perspectiva de Barra Mansa, estes autores permitem observar como Volta Redonda “representa” o seu processo de formação colocando a sua “autonomia” como ponto de partida de sua história, o que é compreensível, mas que acaba por neutralizar sua ligação com Barra Mansa. Este procedimento ofusca a importante vitalidade de Barra Mansa nos anos 1920-30 como cidade e pólo regional, colocando Volta Redonda, por vezes, no interior de um determinismo desenvolvimentista sobre o qual competiria melhor circunscrever e analisar a complexidade de seus fundamentos.

Cabe ressaltar aqui que a dissertação de mestrado de Alberto Costa Lopes (1993) foi de extremo auxílio para compreensão do caminho percorrido por Volta Redonda nestes últimos sessenta anos, evidenciando um grande número de informações, apresentadas de forma rigorosa e acessível.

O presente trabalho foi dividido em 4 capítulos. Ao final de cada capítulo há uma leitura mais detalhada a partir de fontes de época, como revistas oficiais da administração municipal, jornais locais e regionais e registros fotográficos das imagens da cidade em determinados períodos. Esta leitura foi realizada também a partir de outras fontes escritas, primárias e secundárias, nos períodos onde parece ser possível identificar a cristalização de representações significativas sobre a cidade de Barra Mansa.

A escolha deste conjunto documental para subsidiar as análises se deve ao fato de que as tentativas de alinhar a cidade no cenário nacional e regional se evidenciam nas revistas institucionais, publicações organizadas pelo Executivo e Legislativo Municipal, com o objetivo de enaltecer os ganhos e o engajamento econômico da cidade a partir da implementação da atividade industrial. Foram realizadas também algumas entrevistas no sentido de suprir a deficiência de fontes bibliográficas, realizadas com personalidades representativas da história urbana da cidade neste período.

As análises, apoiadas, sobretudo, nas fontes citadas acima, retratam as tensões entre as “imagens urbanas”, sedimentadas em diversas temporalidades. Elas objetivam resgatar os debates em relação à destruição ou conservação de certos edifícios, e o abandono, descaso ou investimento do poder público e de parte da população com a cidade, tendo como referência a sua área central.

O Capítulo I consiste em uma revisão bibliográfica relativa a dois temas: a história urbana de Barra Mansa entre o final do século XIX e durante o século XX, e apontamentos sobre a Arquitetura e o Urbanismo na cidade e na região do Vale do Paraíba Fluminense. Este capítulo foi organizado com o intuito de melhor dominar a bibliografia disponível sobre o tema e estabelecer com maior clareza a própria contribuição que este trabalho poderia trazer para os estudos sobre a cidade. Visa também introduzir o leitor em aspectos mais gerais da própria formação da cidade, familiarizando-o com o processo de urbanização de Barra Mansa até a fixação das primeiras indústrias no município e em alguns de seus distritos.

O capítulo II trata da trajetória de implementação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda, então oitavo distrito de Barra Mansa, iniciada na década de 1940, e da posterior emancipação política do distrito em 1954, abordando os rebatimentos físicos e sociais deste período na cidade de Barra Mansa.

O capítulo III busca refletir sobre os impactos da atividade industrial, relacionando-os às mudanças significativas que ocorreram nas representações que a cidade construiu de si própria durante o período analisado (1937-2000), principalmente no que se refere à área central da cidade, foco das atenções desta dissertação. As reflexões dizem respeito, sobretudo, aos impactos causados pela implantação de uma “Citté Industrialle” no 8º distrito de Barra Mansa, analisando, ao mesmo tempo, o impulso do desenvolvimento de Volta Redonda, os debates sobre sua autonomia e a visão industrialista dominante no período.

O capítulo IV pretende uma revisão conceitual sobre as duas categorias de análise utilizadas nesta dissertação, “imagem” e “identidade” urbanas, buscando analisar aqui como esses conceitos permeiam o trabalho e o discurso dos atores sociais da cidade hoje. A noção de patrimônio coletivo é evidenciada no período atual pela discussão em torno destas duas noções. Intenciona-se poder ilustrar, de forma crítica, as “imagens” urbanas que vem sendo apropriadas como constitutivas da “identidade” da cidade, mobilizadas por prefeitos, urbanistas, arquitetos, historiadores, dentre outros “fazedores de cidades”, nos últimos anos. O capítulo chama atenção também para as “imagens” menos evidentes; “imagens” imateriais que são construídas cotidianamente por outros atores, moradores da cidade, como nos lembra Roncayolo (1997), atores mais “silenciosos”. Busca-se apontar com este exercício diferentes possibilidades de leitura da área central de Barra Mansa, leituras de “imagens” que são “valorizadas” (investidas) ou “desprezadas” nas práticas sociais e no plano do imaginário coletivo.

CAPÍTULO I

Barra Mansa: do café à industrialização – trocas e passagens.

1.1- A geografia do lugar: o cruzamento de caminhos

“Daqueles núcleos fundamentais na conquista da montanha e da floresta, distintos em sua gênese pela atuação de fatores diversos, tipicamente regionais, esgalham-se, porém, outros, com tonalidades próprias e bastantes para que se salientem na uniformidade paisagística e humana da civilização dos cafezais, pela resoluta mentalidade evolucionada. O maior desses núcleos foi Barra Mansa, por seu brilho peculiar no ciclo do café.” (Lamego, 1963:121)

A principal referência histórica que remonta aos primeiros tempos da colonização do território do atual município de Barra Mansa diz respeito à concessão de sesmaria a Francisco Gonçalves de Carvalho em 1764, pelo vice-rei Antônio Alves da Cunha, o Conde da Cunha. Esta sesmaria situava-se entre os rios Bananal e Paraíba, cortada pelo córrego já então denominado de “Barra Mansa”.

Ao longo dos últimos anos do século XVIII e início do século XIX, o território começou a ser efetivamente explorado, com a concessão de outras sesmarias, surgindo as primeiras fazendas dedicadas à agricultura e à pecuária, em caráter de subsistência. A Carta de Sesmaria recolhida por Athayde (1963:16) ilustra a situação do território fluminense à época:



Fig. 01- Cartas de Sesmarias - Arquivo Nacional
"Levantada em 1767, pelo Sargento-Mor Manoel Vieira Leão,
a Pedido do Conde da Cunha.
Barra Mansa ainda um sertão dominado pelos índios Puris e Araris".

Como remonta Antônio Figueira de Almeida (1932), nos primeiros anos do século XIX surgiu um pequeno núcleo urbano na margem direita do Rio Paraíba do Sul, próximo à foz do Rio Barra Mansa, como decorrência da contínua utilização destas terras como pousada e “troca de mulas” dos viajantes que se dirigiam a São Paulo, Minas Gerais e Goiás. O povoado, situado em terras disputadas por duas das mais importantes vilas da região, Resende e São João do Príncipe, passou a ser conhecido pelo nome de “Posse”. Em 1813, Resende perdeu definitivamente a área em litígio e o povoado foi transferido para a localidade do Rio Acima com o nome de “São Sebastião da Posse”, origem da atual cidade de Barra Mansa.

Aproximadamente em 1820, Custódio Ferreira Leite, capitão mor da Vila de Resende, mais tarde intitulado Barão de Aiuruoca, se estabeleceu em uma

fazenda localizada à margem esquerda do Rio Paraíba. Fez construir na margem oposta, frontal a sua propriedade, a capela sob invocação de São Sebastião, no mesmo local aonde mais tarde viria a ser construída a atual Igreja Matriz de Barra Mansa. A importância do Barão para a conformação urbana de Barra Mansa está presente em todos os registros existentes sobre a sua história. Lamego (1963:122), assim descreve:

“...Barra Mansa teve desde os seus primórdios a ampará-la, a decisiva influência de um dos mais úteis dos seus fazendeiros aristocráticos: CUSTÓDIO FERREIRA LEITE, o futuro Barão de Aiuruoca. A ele é que propriamente se deve a fundação, pois além de ter sido o construtor da capela de São Sebastião, não somente doou a Barra Mansa os terrenos em que se deveria edificar a vila, como ainda reservou grandes áreas que deviam ser distribuídas pela câmara do município, gratuitamente, às pessoas que desejassem construir.”

Em virtude de sua localização, que fisicamente estabelecia a ligação com vários centros urbanos importantes, o povoado começa a assumir importância já nas primeiras décadas do século XIX. Em 03 de outubro de 1832 foi criada a Vila de São Sebastião de Barra Mansa, e a partir daí uma série de providências são tomadas no sentido de urbanizar seu território como a construção da Igreja Matriz e da Cadeia pública, a elaboração do primeiro código de posturas e da primeira planta da área urbana, o calçamento das ruas principais e a criação do serviço de abastecimento de água, com grande número de chafarizes.

1.2- O caráter comercial

“...embora não tenha surgido como “via de estrada” não teve Barra Mansa de esperar pelos trens, - como Barra do Piraí -, para que, como centro de comunicações, logo se viesse a definir. Antecipando-se à Estrada de Ferro Oeste de

Minas, por ali começam a transitar a caminho da costa, numerosas tropas mineiras e mesmo de Goiás.”(Lamego, 1963:123)

Na primeira metade do século XIX a trama urbana se expande até as margens do Rio Paraíba do Sul, ligadas por transporte fluvial. Novos caminhos de ligação da cidade com outros centros urbanos são abertos e a vila passa a apresentar-se como centro de serviços e comercialização das propriedades rurais. São construídos grandes armazéns para depósito de café às margens do Rio Paraíba, por onde se transportava a produção.

O seu caráter comercial, ligado à troca de mercadorias e serviços, esteve sempre presente desde os seus primeiros assentamentos, independente dos recursos de locomoção utilizados pelos viajantes que por ali passavam, o que é possível verificar a partir dos registros do memorialista Antônio Figueira de Almeida (1932:14):

“...a beira do rio, já desde os primeiros tempos, foram marginadas de grandes armazéns, havendo nas redondezas da vila, bazares, vendas e ranchos, grandemente freqüentados, com próspero comércio e vida de intensidade freqüente.

A produção do café imprime novo ritmo no processo de urbanização de Barra Mansa. O aumento cada vez mais expressivo da produção cafeeira, na segunda metade do século XIX, além de contribuir para o incremento e expansão da área urbana, gera o interesse pela construção da Estrada de Ferro e outras melhorias.

1.3– Barra Mansa e a produção do café – imagem consolidada como centro de referência

A segunda metade do século XIX representa um dos períodos mais significativos da história urbana de Barra Mansa, marcado pela sua consolidação como centro de atividade cafeeira e ao mesmo tempo pela crescente importância do Vale Fluminense no cenário nacional. Barra Mansa foi declarada cidade em 15 de outubro de 1857, iniciando-se no mesmo ano a construção de sua Casa de Câmara. De passagem por Barra Mansa em setembro de 1859, Augusto Emílio Zaluar (1975:25) faz algumas considerações sobre a cidade:

“A Barra Mansa é uma das povoações de aspecto mais agradável que tenho visitado no interior. A Estrada de Ferro de D. Pedro II, que tem de cortá-la de um extremo a outro, será para esta povoação de certo um grande incentivo de progresso. Ponto comum onde convergem as duas grandes artérias de comunicação de São Paulo e Minas, a Barra Mansa será forçosamente uma das estações do comércio e dos produtos industriais e agrícolas destas duas províncias... Os habitantes de Barra Mansa são geralmente estimáveis pelo seu espírito sociável, suas maneiras urbanas, e mesmo por algumas ilustrações que abrilhantam o seu grêmio. Abastados fazendeiros constituem a grande riqueza do município, que consiste quase, senão toda, na cultura do café. Numerosas e ricas fazendas cobrem o solo em todas as direções, aumentando o valor das propriedades a fertilidade dos terrenos, que são fecundados por abundantes e excelentes águas”.

Identifica-se neste período iniciativas públicas que promoveram a construção da imagem da cidade como referência urbana e comercial para outros núcleos urbanos de seu entorno. Para expressar sua afirmação como importante núcleo regional, a cidade conheceu intervenções urbanas marcantes neste período. As mais significativas concentram-se na reformulação de sua área central, onde se localiza o conjunto formado pela sede da Câmara Municipal (1861), pela antiga estação da Estrada de Ferro D

Pedro II (1871), através da qual se escoava toda a produção cafeeira da região, e pelo Parque Centenário da Preguiça (1874), projetado pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou⁴.

Este conjunto de edificações foi percebido socialmente até as primeiras décadas do século XX como a “imagem” mais representativa da cidade e, ainda hoje, constitui-se em importante referência. A imagem urbana representada por este conjunto arquitetônico e paisagístico pode ser remontada a partir do já apresentado relato do viajante Carl Von Kozeritz, de passagem pela cidade em 1883:

“..., passou o trem até chegarmos a Barra Mansa, uma linda cidadezinha, com uma grande estação e bonitas casas. Bem junto à estação se via um magnífico jardim de gosto francês, em cujo fundo se achava um verdadeiro palácio. (...)”

Sobretudo no que diz respeito à inauguração da estação da Estrada de Ferro Pedro II, em 1871, Barra Mansa se reafirma como referência urbana e comercial para uma série de localidades e continua, no que diz respeito à abertura de novas vias de comunicação, a seguir em busca de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para Barra Mansa agora se dirigem, a exemplo do que acontecera em 1864 com Barra do Piraí, todo o café de uma vasta zona de

⁴ “Assim, o edifício da Câmara, concluído em 1861 - ficou magnificamente construído, de sorte a se poder dizer, em 1870, que ele era ‘a melhor Casa de Câmara de toda a província, tendo custado apenas 50 contos e sendo feito de pedra e cal’. Ao mesmo tempo, diante da Casa de Câmara, foi plantado o grande jardim municipal cuja planta foi confiada ao notável ornamentador, celebríssimo urbanista do tempo - Glaziou. A praça municipal era a de grande parada - a que atrás se fez referência, e se transformou em jardim pouco depois da guerra do Paraguai.” (FIGUEIRA DE ALMEIDA, 1932:23).

Consubstanciada na tradição oral e nos registros de alguns historiadores como Figueira de Almeida (1932), a presença do paisagista Glaziou em Barra Mansa evidencia o destaque da cidade no panorama da Província do Rio de Janeiro à época de sua construção. Só algumas cidades foram contempladas com os projetos de Glaziou e possuíram estrutura econômica suficiente para realizá-los. Porém, como observa Terra (2000:67):

“A obra de Glaziou, se incluídos todos os jardins a ele atribuídos, pode ser organizada em três grupos, de acordo com a existência ou não de fontes primárias sobre essa atribuição...O primeiro grupo tem sua atribuição apoiada apenas na opinião de alguns historiadores ou de artigos na imprensa, que trataram do tema...O segundo grupo é formado por aqueles jardins a ele atribuídos e aos quais se pode, com relativa segurança, considerar como sua obra, no seu traçado original, pois existem projetos por ele assinados ou documentos que mencionam a sua autoria...Os exemplos mais significativos constituem o terceiro e último grupo. Eles podem, com certeza, ser apontados como obra de Glaziou, pois farta documentação existe de sua intervenção no projeto e na execução dos mesmos.”

Não foram encontrados, até o momento, registros oficiais (documentos, plantas, cartas) que atribuam a autoria do Parque da Preguiça ao paisagista Glaziou. Entretanto, o desenho do parque, a alameda que recebe o seu nome, localizada junto ao mesmo, a citação de Figueira de Almeida, reiterada mais recentemente (1980) pelo Cadastro Arquitetônico e Urbanístico do INEPAC (ver anexo 10), deixam poucas dúvidas a este respeito.

fazendas. Barra Mansa atinge, na década de 1870, o seu período áureo com o novo sistema de transportes nela centralizado e com todo o município sob um “mar de cafezais”.

“Com o estímulo da estrada de ferro, o plantio do café estende-se por todos os distritos onde o prestígio de opulentos aristocratas organiza o município em sólidas bases hierárquicas firmadas na produção agrícola.” (Lamego, 1963:124)

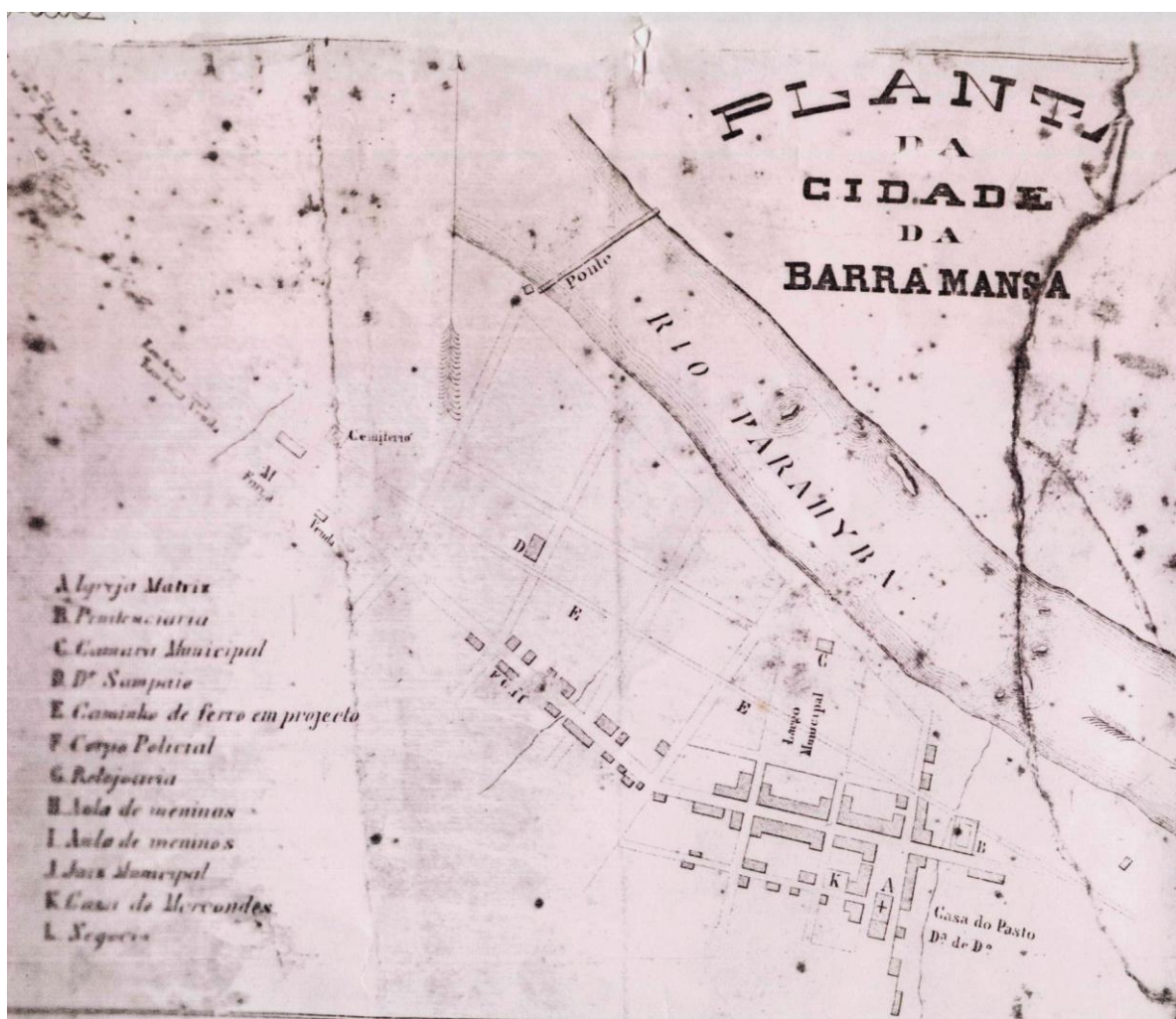


Fig. 02 - Planta da ocupação original da cidade – Acervo Biblioteca Nacional – s/d, no qual pode ser observado o traçado de alguns elementos do principal conjunto arquitetônico e paisagístico do século XIX: Câmara Municipal (1861); Estação Ferroviária (1871); Parque da Preguiça (1874).

*Barra Mansa, rosa dos vergéis do Paraíba!
Rio cujas margens
contam histórias tumultuosas!
Margens que foram roteiro de bandeirantes,
Caminho de apóstolos.
Vias de Progresso!*

.....
*As pegadas dos índios se arrastam
como serpentes entre as árvores...
Aqui um rio pequeno deságua no Paraíba...
Por serem mansas suas águas,
deram-lhe o nome de rio Barra Mansa...
E lá pelos idos de mil oitocentos,
No velho engenho da Posse
ergueu-se uma capela de reboco
em louvor de São Sebastião!*

...
*Pela porta sempre aberta da capela
Entram tropeiros cansados...
Negros fugidos de engenhos...
Entram barqueiros viajantes
Vindos da terra bandeirante.
Vindos de Minas...
Vindos do mar!...*

...
*Quem é esse aí que chega
à conquista do sertão?
Custódio Ferreira Leite
que um dia será Barão!*

...
*O capitão mor Custódio Ferreira Leite
Futuro Barão de Aiuruoca
Traz nas léguas de caminho
a poeira da Esperança
que segue o rastro dos triunfadores!
Cumprindo antiga promessa
de construir sete igrejas
em sete plagas diversas,
Esse novo fazendeiro
fez erguer outra capela
bem junto à Estrada Geral,
No antigo Largo da Vila
hoje Praça Ponce de Leon
Num terreno de cem braças quadradas
Doadas por Marcondes do Amaral
Ao redor desta capela uma cidade está nascendo
entre montanha e rio...*

*Ouço o clamor desta voz subterrânea
que anseia por ser vida!...
Ouço o ruído deste pó,
que anseia por ser ruas e avenidas,
exigindo este chão!...
Exigindo este chão!...
EXIGINDO ESTE CHÃO!
Aqui há de erguer uma cidade...
Aqui há de erguer uma cidade...
E a vila afinal nasceu
Ao redor da capelinha...
Que dia festivo, aquele!
Três de outubro de mil oitocentos e trinta e dois
...
Ah! A história das cidades
tecidas de sons e cores...
Pregõõõõõõões...
Anúncios!
Bulício de vida!
Armazéns multicolores junto ao rio!
Trem de ferro chegando!
Gente-que-vai-gente-que-vem-genti-que-vai-genti-que-vem
genti-que-vai-genti-que-vem!
Gentchhhh...
Não de pés nus, mãos vazias,
Mas de fraque e cartola:
São os Barões do café!
Rural aristocracia
do Vale do Paraíba!
Seus brasões são puras jóias
verdes folhas de esmeralda
e rubros grãos de rubi!
Custódio Ferreira Leite,
um dia serás Barão!
Mas nas arcas da pobreza,
sem lavor de argento ou de ouro
Cunharás o teu brasão!*

Lacyr Schettino

"Nasce uma Cidade". Poema em Prosa e Verso comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA PROSA E VERSO nºIX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, p.15-26.

**As Imagens da Cidade
Barra Mansa 1870-1930**

**O RIO, A CÂMARA, O PARQUE, A ESTAÇÃO
as trocas, o café, a pecuária**

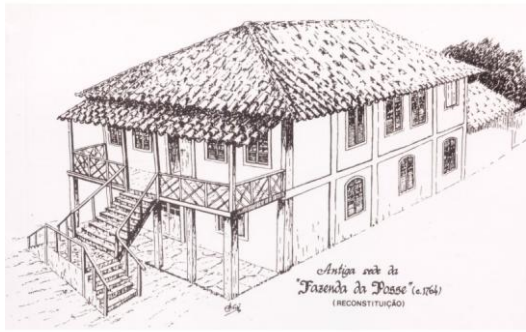


Fig.03 - Ilustração da Fazenda da Posse - Álvaro Carelli
Revista Prosa e Verso.



Fig. 04 - Fazenda de Café em Barra Mansa
Acervo Clécio Penedo.s/d.

“A chegada contínua de novos colonos, atraídos pela febre do café, que a todos contagiava – depois de 1820, e a introdução de maior número de escravos, vindos diretamente da África, forma os fatores que mais concorreram para o rápido povoamento de suas terras e desdobramentos das extensas sesmarias em diversas e importantes fazendas, como a Ano Bom, Sant’Anna do Turvo, Santo Antônio, Criciúma, Ribeirão Claro, Onça, Três Poços, Cedro, Retiro, Belmonte, Boa Vista, Brandão e São João Batista.” (ATHAYDE, 1971:17)



Fig.05 - Fazenda Ano Bom – Acervo Clécio Penedo. S/d

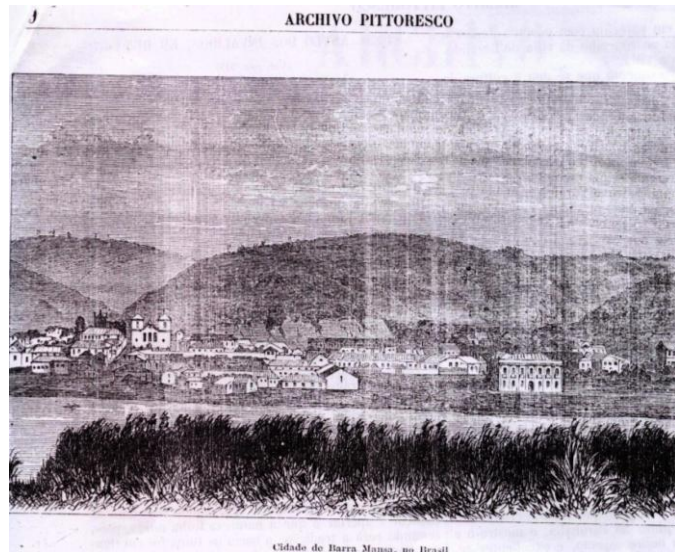


Fig. 06 - Ilustração da Revista Archivo Pittoresco -1868

Rio Paraíba do Sul

“A situação da cidade, além de vantajosa, é de muita beleza, pelo realce que lhe dá o Parahyba com sua plácida corrente e verdejantes margens. Posto que esteja edificada em terreno levemente accidentado, offerece bonita perspectiva aquém a contempla do rio...O Parahyba é navegável para embarcações pequenas, e são muitas as que se ocupam em serviço de Barra Mansa, tanto no transporte de passageiros como no de mercadorias. Este rio é abundante de diversidade de peixes saborosos. Além d’isto, a cidade é farta dos gêneros mais necessários à vida, e também é mimosa de muitos propriamente de regalo, entrando n’este numero as frutas mais especiaes do Brasil.” (Revista Archivo Pittoresco 1868:3653-36)



Fig. 07 - Acervo Clécio Penedo. S/d

Parque da Preguiça

“Em 1844 era ainda um matagal, em certos pontos meio alagadiço, quando ganhou o nome de Largo Municipal, por ser o lugar destinado à construção do Paço Municipal...Em 1848 foi concedido o primeiro terreno para edificação particular na Rua Formosa, defronte ao Largo. Em 1860, a Câmara fez novas concessões de terrenos a figuras importantes da cidade, como Joaquim José Ferraz de Oliveira, o Barão de Guapi, com fundos para a Rua das Flores.” (ATHAYDE, 1960:139).

O edifício construído pelo Barão de Guapi abriga hoje a sede do Clube Municipal.

“... diante da casa de Câmara, foi plantado o grande Jardim Municipal cuja planta foi confiada ao notável ornamentador, celebríssimo urbanista do tempo – Glaziou.”
(ALMEIDA, 1932. Barra Mansa: CMBM.1991:31-57).

Câmara Municipal

“O edifício teve sua construção iniciada no ano de 1857 e só ficaria pronto em 1861, quando foi inaugurado na administração do Com. José Ferraz de Oliveira, o Barão de Guapi, perdurando até hoje graças a repetidas reformas dos sucessivos prefeitos.” (ALMEIDA, 1932:31).

No ano de 1914, quando Barra Mansa conheceu a figura do seu primeiro prefeito nomeado, Eng^o João Luis Ferreira, a Câmara cedeu a parte térrea de seu prédio para que nele se instalasse também a Prefeitura, o que perdurou por 70 anos, até 1984.



Fig.08 - Câmara Municipal– Acervo Clécio Penedo. (início do século XX)



Fig.09 - Câmara Municipal e Parque da Preguiça - Acervo Clécio Penedo, s/d.

Antiga Estação Ferroviária

“Depois de uma luta que se prolongou por quase dez anos, era afinal inaugurado o trecho ferroviário da Estrada de Ferro Dom Pedro II (hoje Central do Brasil), entre Pinheiro (atual Pinheiral) e a cidade de Barra Mansa, a 16 de setembro de 1871, com a presença da Princesa Isabel, então regente do Império, e de seu marido, o Conde d’Eu.” (ATHAYDE, 1971:22)

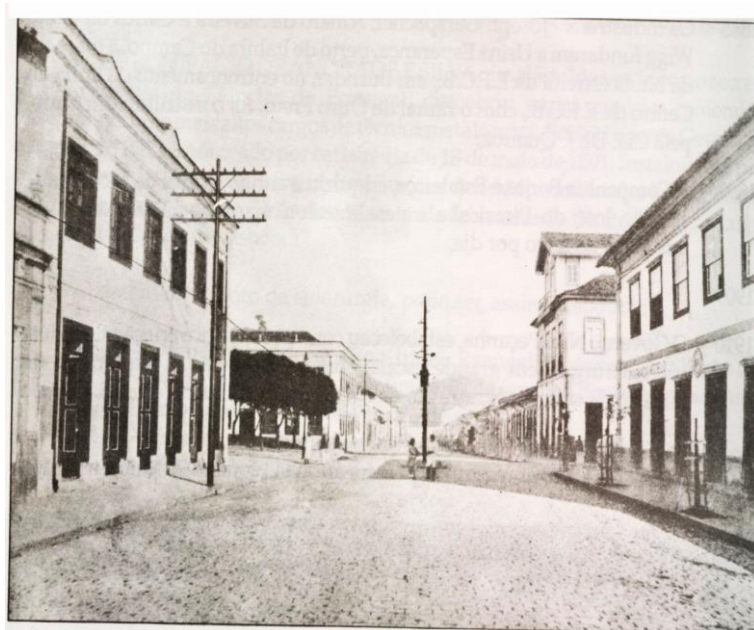


Fig. 10 - Antiga Estação Ferroviária - Acervo Clécio Penedo - s/d

Avenida Joaquim Leite

“Com. Joaquim Leite Ribeiro de Almeida (S.João d’El Rei 1824/Quatis, então distrito de Barra Mansa-1898). É com inteira justiça que seu nome figura na principal avenida da cidade, e, podemos afirmar sem receio de cometer injustiça que o Comendador Joaquim Leite Ribeiro de Almeida foi até hoje a maior personalidade política da história barramansense.”

(ALMEIDA, 1932).



Barra Mansa em 1922. À esquerda da foto nos dias atuais localizam-se as sedes dos Bancos Nacional e Itaú (Antiga Forum)

Fig.11 - Av. Joaquim Leite –1922 – Acervo ACIAP

Presidente da Câmara, por dois mandatos consecutivos (1869-1873 e 1873-1877), Joaquim Leite proporcionaria ao município décadas de benfeitorias e progresso. Dentre as realizações deste período, destacam-se: abertura de estradas, melhoramentos urbanos, serviço de abastecimento de água, reforma da Praça da Matriz, a Escola Normal, a Estação Ferroviária, a ponte da Ferrovia Oeste de Minas, a Biblioteca Municipal, fundação do primeiro jornal de Barra Mansa “A Aurora” no ano de 1870.

“Foi o maior paladino da política barramansense, tendo exercido mandatos por 39 anos. Foi Deputado à Assembléia Legislativa, Vice-presidente da Província, da qual foi Presidente interino durante a Guerra do Paraguai. Foi agraciado com a Imperial Ordem da Rosa, no grau de Comendador; tendo recusado, por modéstia, o título de Barão Ribeiro de Almeida, com que havia sido distinguido por Decreto de 23 de dezembro de 1887...É de sua iniciativa o ofício ao Imperador solicitando a vinda de um botânico para projetar o Parque Municipal, planejado em 1874 por Glaziou e realizado em seu mandato como presidente da Câmara” (ALMEIDA, 1932).



Fig. 12 - Igreja e Largo da Matriz – Acervo Clécio Penedo. S/d

Data de 1820 a fundação do Largo da Vila, depois chamado Largo da Matriz. O início da construção da Igreja Matriz data de 1839, pelo capitão Antônio Marcondes do Amaral. Em 1859, é concluída pelo Tenente Manuel Carlos de Barros. Passou por inúmeras reformas, sendo a mais significativa a de 1939, ano de seu 1º centenário, quando foram reparados o assoalho e a pintura, e a de 1959, que alterou significativamente a sua forma, interna e externamente.

“A origem deste logradouro está intimamente associada à cidade, que aí teve princípio em 1820, com a transferência, nesse ano, de seus fundamentos, até então localizados no sítio da Posse, nas imediações do Rio Barra Mansa. Inicialmente teve o nome de Largo da Vila.” (ATHAYDE, 1960:137)

Por volta de 1880, o Largo da Matriz foi ajardinado pelo francês Auguste Garnier. Em 1893, novas reformas no Largo da Matriz foram inauguradas, com a presença do bispo do Rio de Janeiro. Em 1911, registra-se a construção de dois caramanchões de ferro:

“2 caramanchões de ferro, todos iluminados, nos quais as bandas de música passaram a exhibir-se aos domingos e feriados... Em 1907 foi adotado o nome de Praça Ponce de Leon. Em 1931, o prefeito Izimbarido Peixoto fez novas reformas, colocando fontes luminosas. Em 1934, o mesmo prefeito inaugurou o Obelisco do Trabalhador, demolido por Bulcão Viana e reconstruído em 1949.” (ATHAYDE, 1960:197)



Fig.13 - Residência do Sr. Ponce de Leon – Acervo Clécio Penedo. S/d

“As ruas da cidade, em geral, são largas; as casas, pela maior parte, de boas aparência, e todas resplandecendo de alvura, o que produz um bello effeito entre os verdores que por todos os lados as cercam.” (REVISTA ARCHIVO PITTORESCO, 1863:3653-366)



Fig.14 - Cine Teatro Éden. Acervo ACIAP. (década de 1930)

“Como prevíamos em nosso último n.º, o Éden Cinema regurgitou de espectadores no último Domingo. Antes das 7 horas, hora marcada para início da sessão, estava a lotação completa, apellando muitos espectadores para a boa vontade dos proprietários em permittir que assistissem à sessão de pé. E assim aconteceu. Cerca de 60 pessoas ficaram sem cadeiras. Hoje às 7 horas em ponto, teremos uma magnífica sessão com variado programma.” (Jornal “O Município”, 10 de setembro de 1911).

“O prédio definitivo do Éden, construído pelo Sr. Esperidião Geradine era, na minha opinião, o mais bonito que houve em Barra Mansa, ele foi inaugurado no ano de 1929...tinha 504 lugares na platéia, 70 lugares distribuídos em 14 camarotes e 150 lugares na geral..., que às vezes o pessoal brincava dizendo que era o puleiro...” (Trecho da entrevista com Sr. Antônio Leal, realizada em maio de 2002. O sr. Leal foi responsável pela programação dos cinemas da cidade durante os anos de 1958-68).

I.5 – Da decadência do café à industrialização - a manutenção de uma dinâmica.

A promulgação da Lei Áurea, em 1888, e o desgaste das terras fluminenses com o cultivo do café levam à falência dezenas de fazendeiros locais. A produção agrícola do café se desloca paulatinamente em direção a São Paulo, deixando para muitas cidades fluminenses uma total falta de perspectivas em relação ao desenvolvimento econômico e social.

Nos primeiros anos do século XX, a construção do ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas (1900-1915), atravessando todo o município em direção a Minas Gerais, é fator decisivo para a economia local. As velhas fazendas de café, decadentes e quase abandonadas são compradas por mineiros, que trocam a lavoura pela pecuária leiteira. Em poucos anos Barra Mansa é elevada à posição de centro pastoril.

“Barra Mansa impelida por um determinismo geográfico, irá tornar-se em breve uma “cidade encruzilhada”, sobretudo quando a maior das nossas vias férreas por ela passando, por sua vez fosse recortada por uma nova linha transversal necessária a Minas Gerais e buscando o porto de Angra dos Reis.” (LAMEGO, 1963:123)

A produção de leite atinge o seu auge na década de 1930. Alguns documentos oficiais da cidade remontam e ostentam o fato de ter sido Barra Mansa a maior produtora de leite do país da década de 1930⁵, atividade presente à época, em praticamente todas as propriedades rurais da região.

A localização privilegiada da cidade, no eixo rodo-ferroviário Rio - Minas - São Paulo, foi também responsável pela sua inserção na atividade industrial. O perfil de Barra Mansa na década de 1930 é assim descrito por Lamego (1963:124):

“Barra Mansa tornou-se afinal um centro ferroviário distribuidor. Apenas a 151 quilômetros do Rio de Janeiro

⁵ A revista *Carnet Social*, publicada pela administração municipal em 03 de outubro de 1968 é um dos exemplos.

e a 108 de Angra dos Reis, com os dois portos de mar à sua disposição, a cidade é visada por grandes iniciativas industriais em meio a uma adiantada zona rural, onde os rebanhos e os laticínios já começam a substituir a velha economia dos cafezais do império.”

Entre as décadas de 1920 e 1930, chegam as primeiras indústrias ligadas à pecuária leiteira (pequenas indústrias de laticínios) e a moageira, representada pelo Moinho Fluminense (1932), moinho de trigo beneficiado pela rede ferroviária, principalmente a Oeste de Minas, para a distribuição da farinha em toda a região.



Fig. 15 - Moinho Fluminense, s/d –Acervo Clécio Penedo

O ano de 1937 é um marco da industrialização de Barra Mansa. Marca a chegada de três grandes indústrias: a *Cia Nestlé de Alimentos*, atraída pela grande produção leiteira do município, elevado na época à posição de centro produtor da bacia leiteira do médio Paraíba; a *Siderúrgica Barra Mansa*, do grupo Votorantin, e a *Cia. Metalúrgica Barbará*, atraídas pelo entroncamento da Estrada de Ferro Central do Brasil com a Rede Mineira e pela proximidade e ligação com os mercados do Rio de Janeiro e São Paulo. A chegada destas

primeiras grandes indústrias era motivo de orgulho para a população e destaque na imprensa local:

“Os barramansenses estão de parabéns pela instalação das duas usinas metalúrgicas que ora funcionam, uma em Saudade, a SIDERÚRGICA BARRA MANSA S/A, e a outra na Estamparia, a METALÚRGICA BARBARÁ.... Barra Mansa, como primeira cidade do Estado do Rio possuidora dessa indústria, deve se sentir orgulhosa e confiante no seu futuro aureolado, como Pandiá Calógeras procrastinou com o epíteto honroso de Manchester Fluminense.” (JORNAL A SEMANA, 03 de outubro de 1938).

Releva-se aqui o fato de ter sido Barra Mansa a primeira cidade fluminense selecionada para receber a indústria siderúrgica, que era à época motivo de grandes expectativas de desenvolvimento e lucro por parte do governo federal. No mesmo jornal é reproduzido trecho do discurso do presidente Getúlio Vargas pelo jornalista Ivo Horta de Araújo:

“O Presidente Vargas frisou em São Lourenço, quando entrevistado por jornalistas cariocas, que o seu governo estava empenhado no desenvolvimento da exploração de nossas matérias primas, primordialmente da siderurgia, dizendo à imprensa: A siderurgia é uma indústria prometedora de grandes lucros não só aos capitalistas e companhias que nela empregam seus capitais, como também ao país e à sua população....De todos esses benefícios que a siderurgia nos proporciona, eis o maior, o objetivo colimado: o incremento da siderurgia tornar-nos-á aptos a exportar, nos livrará da importação de materiais desse ramo que tanto oneram a nossa balança importadora.”



Fig. 16 - O prefeito Bulcão Viana, o interventor Ernani do Amaral Peixoto e outros visitam as dependências da Siderúrgica Barra Mansa, em Saudade. s/d (entre 1944-1945). Acervo Clécio Penedo.

A inserção destas primeiras indústrias no município ocasiona um aumento expressivo de população e um incremento da atividade comercial. A malha urbana se expande ao longo do Rio Paraíba do sul, com dificuldades, contida pela topografia⁶. A concentração se verificou predominantemente sobre a margem direita, com o prolongamento natural do núcleo primitivo (próximo à Igreja Matriz de São Sebastião), em direção a oeste, onde se instalaram as indústrias *Nestlé* e *Siderúrgica Barra Mansa*.

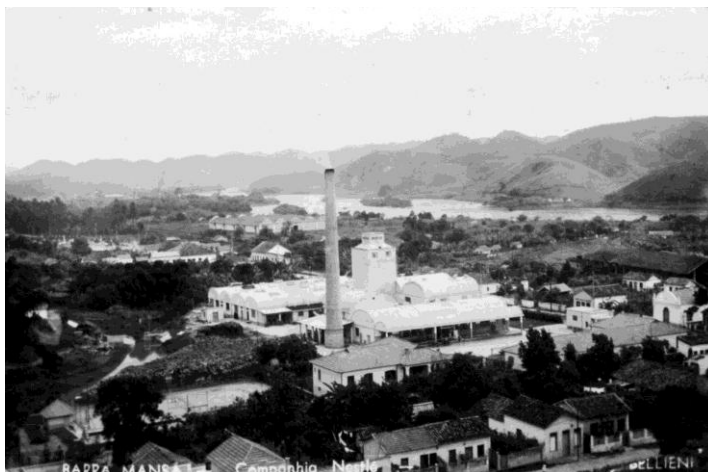


Fig. 17 - Companhia Nestlé de Alimentos, década de 1930. Acervo Clécio Penedo

⁶ A topografia da cidade é explicitada por Lamego (1969:125): "Eleva-se Barra Mansa à margem do Paraíba sobre uma faixa de aluviões indo até Ribeirão da Divisa.... Na margem oposta os morros descem à beira d'água com os mesmos vivos declives das "meias-laranjas" típicas da zona, os quais na margem urbanizada impedem que as ruas subam pelas encostas, o que torna Barra Mansa quase uma cidade linear."

A industrialização que se estabeleceu na cidade processa-se de modo mais intenso com a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1941, o que deu ao município o título de “Cidade do Aço”⁷, transformando o Vale do Paraíba Fluminense numa das regiões mais industrializadas do país. A implantação da CSN estruturou fisicamente o distrito de Volta Redonda e reestruturou a já consolidada Barra Mansa.

A atividade industrial possibilita o realinhamento da cidade na rede política, econômica e social do país⁸. A cidade não estaciona como tantas outras deslocadas do eixo Rio – São Paulo – Minas; tornam-se, porém, paulatinamente invisíveis as suas imagens ligadas à aristocracia agrária. A centralidade demarcada formalmente no espaço, onde se localizava o centro econômico e político da cidade, que trazia remissões de seu passado ligado ao cultivo do café, foi sendo processualmente fragmentada a partir da década de 1930, quando da implantação das primeiras indústrias.

Uma imagem ideológica de cidade agora se estabelecia: moderna, dinâmica, comercial, industrial, com um número cada vez maior de habitantes. Havia que se suplantar a sua identidade ligada à atividade agrária, que no caso dos municípios fluminenses associava-se à idéia de atraso⁹.

Neste contexto, a imagem física da cidade também sofre alterações significativas entre os anos 30-40. Ocorrem as primeiras construções de edifícios ligados a uma nova expressão formal, “modernizante”, que buscavam se diferenciar do estilo “neoclássico província” presente nas edificações públicas e particulares de Barra Mansa do final do século XIX. Apesar da expressiva substituição do patrimônio edificado do município ocorrido durante

⁷ A designação “Cidade do Aço” foi atribuída originalmente a Barra Mansa, na década de 30, pela sua primazia siderúrgica no Estado do Rio

⁸ Ver anexo 6 – Trecho da entrevista com o memorialista José Carlos Franco Faria.

⁹ A análise de FERREIRA (1994:35) estrutura a reflexão sobre este “atraso”: “De fato, o estado do Rio enfrentou graves problemas quando o setor agroexportador cafeeiro, articulador do conjunto da produção, deixou de ser o eixo dinâmico no final do século XIX, abrindo caminho para um longo e difícil processo de reconversão da economia e de implementação de um novo padrão de crescimento. O ponto central do nosso argumento é que o estado do Rio, a partir do final do século XIX, enfrentou uma crise agrária séria e duradoura, que não tem a ver com a noção de decadência, mas que se refere a um conjunto de dificuldades para superar os entraves colocados pela crise do escravismo e à tentativa de encontrar alternativas de reconversão da economia.”

todo o século XX, é possível ainda identificar alguns exemplares destes pequenos edifícios construídos nas décadas de 1930–40, mas é, também, nas dimensões das novas indústrias, no tamanho de suas vilas operárias que as novas representações coletivas de um novo “viver” e “ser” cidade vão sendo secretados, forjados.



Fig.18 - Vila Operária da Metalúrgica Bárbara, localizada às margens da rodovia Sérgio Braga. S.d.
Acervo Clécio Penedo

...
*És aço da Saudade e da Barbará
Mas és também o carnaval!
que vem do viaduto e da pedreira!
És a alegria dos moços e das crianças
nas paradas cívicas das suas escolas!
e és também a mangueira do pátio da mais humilde
Escola municipal...*

Lacyr Schettino

“Nasce uma Cidade”. Poema comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA PROSA E VERSO nºIX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, p.15-26.

**As Imagens da Cidade
Barra Mansa 1930-1954**

O RIO, A CÂMARA, O PARQUE, A ESTAÇÃO
a indústria, a Urbanidade, a Renovação

As indústrias das décadas de 30-40 em Barra Mansa: Moinho Fluminense, Cia Nestlé de Alimentos, Siderúrgica Barra Mansa, Cia Metalúrgica Barbará, Companhia Siderúrgica Nacional.

“Barra Mansa – lugar de destaque no concerto dos municípios fluminenses... Colméia febricitante do Vale do Paraíba” (JORNAL “A SEMANA”, 1938:1)

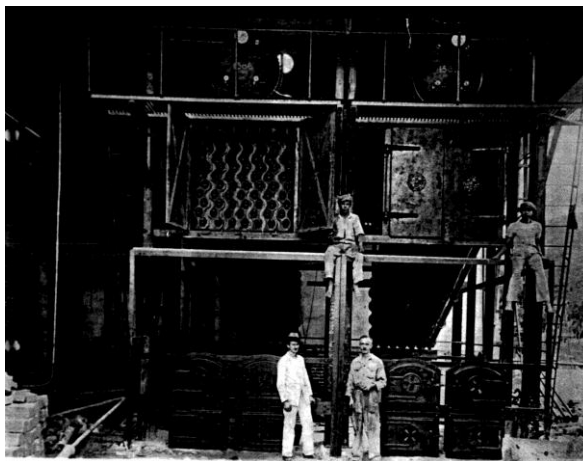


Fig. 19 - Companhia Nestlé de Alimentos –1937 –
acervo Clécio Penedo

“As farinhas do Moinho de Barra Mansa são as melhores porque reúnem uniformidade, pureza absoluta, rendimento máximo” (“A Semana, 1938:2)

“.....sob a direção de um barramansense de fibra e de caráter que procura, dentro dos orçamentos ainda limitados, introduzir em nossa terra os melhoramentos de que ela não pode prescindir como cidade que se prepara para ser a verdadeira capital da indústria brasileira.” (Jornal “A Semana”, 1938:4)

“45.000 LITROS DE LEITE POR DIA em produtos mundialmente famosos. É essa a espantosa quantidade de leite que a Nestlé and Anglo–Swiss Condensed Milk Company emprega em seus famosos produtos, de reputação universal, oriunda dos cuidados rebanhos barramansenses”. (Jornal “A Semana” 1938:10 - Propaganda da Cia. Nestlé com a fotografia da fábrica, localizada no bairro da Figueira).



Fig.20 - Siderúrgica Barra Mansa –
Lançamento da Pedra Fundamental – 1937
Acervo Clécio Penedo

*“...Caminhando sem tédios nem canseiras,
és sentinela que, garbosa, avança
para ombrear-se às lides altaneiras
E, coroando-te, a rútila esperança
Prediz seres primeira entre as primeiras
Da terra fluminense, oh! Barra Mansa!”
(Poema de Lacyr Schettino, Jornal "A Semana", 1938:11)*

“O aspecto novo e multiforme que Barra Mansa, hoje oferece aos viajores – a sua vida intensa e a laboriosidade de seu povo, honesto e digno, são atestados eloqüentes de seu progresso e do seu desenvolvimento, denunciadores de um porvir promissor não muito longínquo...É que o marasmo que lhe entorpecia a marcha avassaladora e lhe tolhia os movimentos foi sacudido para o lado e uma nova seiva revigorou-lhe o corpo, outrora anêmico..... É a ENERGIA! É o progresso! E em cada coração barramansense há o mesmo desejo, a mesma ânsia e uma só sofreguidão: - o interesse comum, o bem estar geral, a tranqüilidade de todos.” (Mário D'alva, "Croniquêta" BARRA MANSa EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956).

“Aspectos da Cidade – Fábricas Nestlé e Matadouro Industrial Regional”. (BARRA MANSa EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956)



Fig.21 - Cia Nestlé de Alimentos – Foto: Belliene – (década de 1940)
Acervo Clécio Penedo.

“Depois da Revolução de 1930, operou-se uma outra revolução mais proveitosa para a nação – a da Siderurgia... Como resultado, aos poucos foram se estabelecendo diversas companhias em seu território, culminando porém com a instalação, nas suas proximidades, da Companhia Siderúrgica Nacional” (BARRA MANSa EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956, parte histórica escrita por J.B. Athayde)



Fig. 22 - Distrito de Volta Redonda - início da década de 1940
Foto: Belliene - Acervo Clécio Penedo

Volta Redonda para Vargas:

“Um marco da nossa civilização, um monumento a atestar a capacidade da nossa gente, um exemplo com tal poder de evidência que afastará quaisquer dúvidas e apreensões sobre o futuro, instituindo no país um novo padrão de vida e uma nova mentalidade” (In Morel, 1989, p. 48).

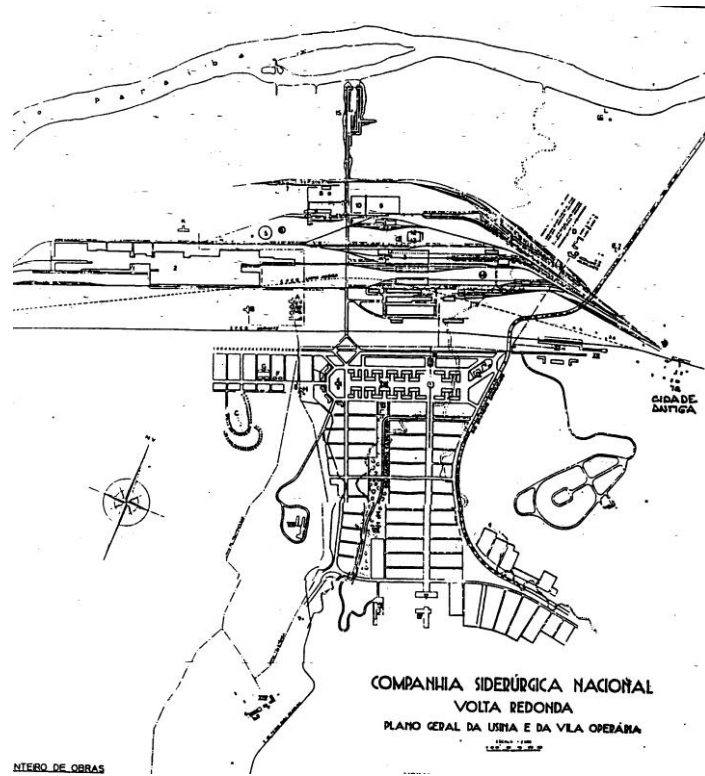


Fig. 23 - Plano de Atílio Corrêa Lima - 1941

Rio Paraíba do Sul

*“...Salve pois Barra Mansa, a flor mais perfumada do solo
fluminense, a terra abençoada!
Que sempre progredindo,
Vai lutando e vencendo, opulenta e formosa.
Salve, Estrela do Sul, que se mira, radiosa
No vasto espelho azul do Paraíba lindo!”*

(Poema *A Estrela do Sul* – ilustrado pela vista parcial da cidade - Jornal “A SEMANA” – Barra Mansa, 03 de outubro de 1938:12)



Fig. 24 - Moinho Fluminense e casario – Década de 1940 - Acervo Clécio Penedo

Parque da Preguiça

*“Aspectos da Cidade – Parque Municipal – Beleza!...
Encantamento!...Evocação!...Poesia!...Romance! (BARRA
MANSA EM REVISTA. Barra Mansa , 03 de outubro de 1956).*

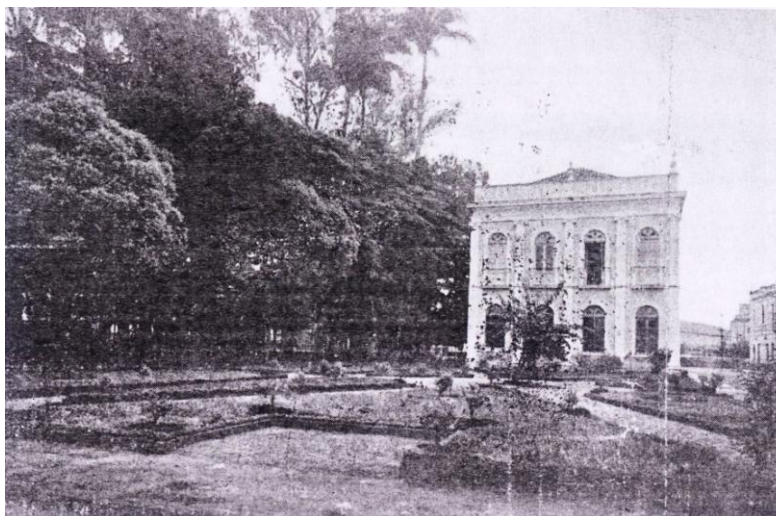


Fig. 25 - Câmara e Parque Municipal – Jornal A SEMANA, 1938



Fig. 26 - Missa campal em comemoração ao 1º Centenário de fundação da cidade. Parque da Preguiça –1932 – Acervo: ACIAP.

O Monumento do 1º Centenário

A fotografia acima reúne personalidades locais ao pé do Monumento ao Centenário, no dia de sua inauguração, 3 de outubro de 1932. Percebe-se aqui a estrutura social estabelecida e a importância do ato público e solene. Ao centro está a águia, feita em mármore de Carrara, de autoria de Benevenuto Berna. O monumento figura a tradição e a força dos cem anos de existência da cidade. Foi também rezada uma missa campal, no interior do Parque da Preguiça, confirmando a dimensão do evento.

Antiga Estação Ferroviária

Muitos homens chegam à cidade de trem, principalmente aqueles vindos de Minas Gerais. Mas neste período, pela Estação Ferroviária já passavam também muitos vagões transportando minério de ferro.



Fig. 27 - Antiga Estação Ferroviária - Acervo Clécio Penedo (década de 1950)



Fig. 28 - Câmara Municipal e Monumento do 1º Centenário
Acervo Clécio Penedo – s/d

Câmara Municipal

“Aspectos da Cidade – Câmara Municipal, Edifício da Prefeitura”. (BARRA MANSÁ EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956).

O edifício aparece na foto acima antes das ampliações, mantida a sua forma original.

Av. Joaquim Leite

Estabelece-se cada vez mais como centro de comércio e interação social, palco e vitrine da cidade cuja economia se ligava cada vez mais à atividade industrial.



Fig. 29 - Av. Joaquim Leite - década de 1930 – Acervo Clécio Penedo

Avenida Joaquim Leite - Vistas parciais - década de 1940:

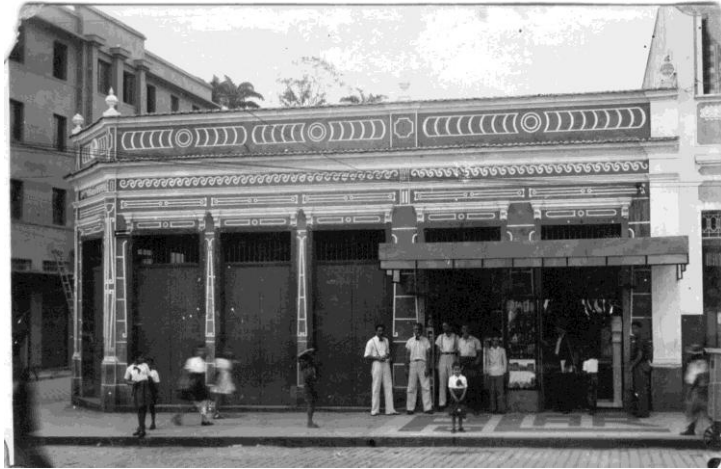
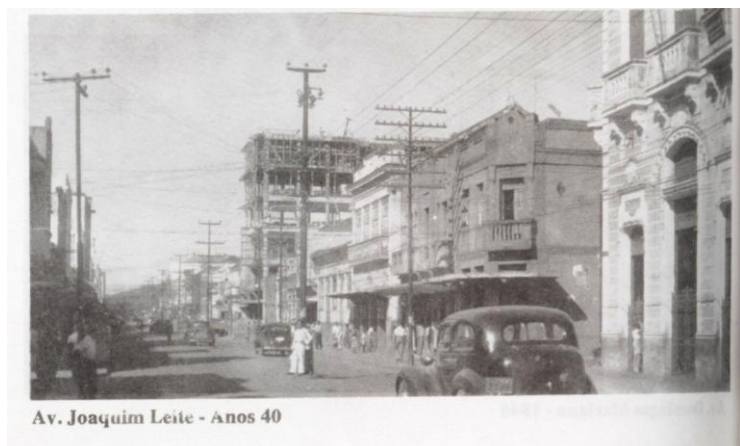


Fig.30 - Sorveteria Polar - Acervo Clécio Penedo.



Fig. 31 - Ônibus Circular Barra Mansa- Volta Redonda
Acervo Clécio Penedo.



Av. Joaquim Leite - Anos 40

Fig. 32 - Esquina Rua Duque de Caxias - Acervo ACIAP.

Igreja e Largo da Matriz

“Aspectos da Cidade – Altar-mor da Matriz de São Sebastião, em Barra Mansa.” (BARRA MANSA EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956).

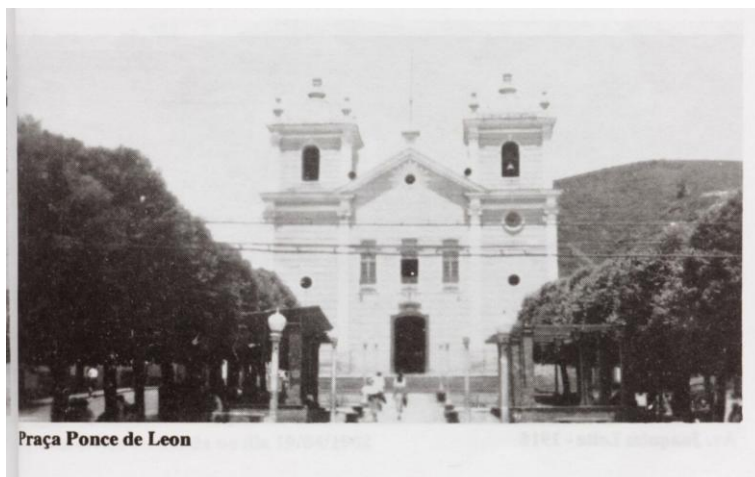


Fig. 33 - Igreja e Largo da Matriz de São Sebastião
Acervo Clécio Penedo (década de 1940)

Novos e antigos edifícios

“Aspectos da Cidade – duas vistas da Biblioteca Pública” (BARRA MANSA EM REVISTA. Barra Mansa, 03 de outubro de 1956).

A Biblioteca funcionava no casarão junto à Matriz, ex-residência do Sr. Ponce de Leon, demolido na década de 1960. Alguns novos edifícios são erguidos ao longo da Avenida Joaquim Leite, representando uma nova “imagem” de Cidade: próspera, moderna, industrial.



Fig. 34 - Edifício do Grande Hotel - Acervo Clécio Penedo - 1940

Cine Éden

“Vimos realizar-se no dia 30, um grande festival no Éden, em benefício das obras de remodelação da Matriz. O acompanhamento ao piano foi feito pela exímia pianista senhorita Zulma Moreira” (JORNAL “A SEMANA” – Barra Mansa, 03 de outubro de 1938:4).

“O conhecido cinematografista sr. J. Bellieni de Carvalho, está realizando um short bastante interessante. Trata-se de uma adaptação do Hino Nacional. Enquanto se ouve a música de Francisco Manuel, apresentam-se na tela imagens com relação à letra de Duque Estrada...” (JORNAL “A SEMANA” – Barra Mansa, 03 de outubro de 1938:8).

“Artistas de ponta. Procópio Ferreira e Jaime Costa vieram com as Companhias aqui, cantores como Francisco Alves, Silvio Caldas, Orlando Silva, todos eles cantaram aqui, cantaram no Éden...” (Trecho da entrevista com Sr. Antônio Ieal, responsável pela programação dos cinemas da cidade durante os anos de 1958-68).



Fig. 35 - Cine Éden - Desenho em Bico de pena – Clécio Penedo

Cine Palácio

Este prédio é um dos mais significativos edifícios erigidos na década de 1940. Contemplava os interesses do público cinéfilo, claramente identificado na cidade à época, e os ideais de modernização das fachadas e dos programas arquitetônicos.



Fig. 36 - Acervo ACIAP

“...E depois do Éden veio o Palácio que foi inaugurado em 5 de novembro de 1944.... tinha 994 lugares na platéia em baixo e mais 300 na platéia superior.... e quem construiu foi a empresa Camerano, Montuori & Leal....O cinema acompanhou o crescimento da cidade, da região, porque o Palácio foi construído em função do advento da Siderurgia para a região, né? Volta Redonda não tinha nada, então o pessoal de Volta Redonda vinha dançar no Clube Municipal. Com o tempo eles foram crescendo, crescendo até virar aquela cidade formidável que é hoje...A gente poderia dizer que Barra Mansa era a principal cidade do Sul Fluminense nesse período? Nesse período de 40-50 foi, foi. Depois veio Volta Redonda.”
(Trechos da entrevista com Sr. Antônio leal, responsável pela programação dos cinemas da cidade durante os anos de 1958-68).



Fig. 37 - Visita do presidente Getúlio Vargas a Barra Mansa, junto ao prefeito João Chiesse Filho, na Campanha de 1950 - Acervo Clécio Penedo.



Fig.38 - Vista Parcial da cidade – 1949 – acervo - ACIAP

BARRA MANSA: IMAGENS E IDENTIDADES URBANAS

CAPÍTULO II

VOLTA REDONDA: O 8º DISTRITO ROUBA A CENA URBANA DA “MANCHESTER FLUMINENSE”

II.1 – A implementação siderúrgica

Como se sabe, a necessidade e o impulso de implementação da indústria de base no Brasil liga-se aos anos de 1930, mais especificamente aos anos do Estado Novo (1937-1945), governo ditatorial do presidente Getúlio Vargas.

Vários fatores de ordem política e econômica de âmbito mundial, principalmente relacionados à crise econômica e política enfrentada pela Europa e pelos Estados Unidos no período entre guerras, bem como a emergência de uma sociedade urbano-industrial cada vez mais expressiva no Brasil, antecipam o projeto siderúrgico nacional, a ser implantado para subsidiar a expansão das atividades industriais brasileiras e para incrementar as exportações de matéria prima para as indústrias de todo o mundo.

Para Vargas, a modernização que intencionava implementar com seu governo aliava-se principalmente à expansão das funções do Estado. Neste sentido, Vargas assume o território e a crescente urbanização como dimensão chave do seu projeto político para o país. A reorganização territorial era compreendida assim como um instrumento de reprodução da lógica geopolítica e econômica do Estado Novo.

O primeiro governo Vargas (1930-1945) foi de grandes transformações urbanísticas, não só nas cidades existentes mas na criação de novas cidades, como é o caso de Goiânia. Como analisa com propriedade LOPES (1993:25): *“cada nova instalação territorial deveria ter um caráter exemplar para o conjunto dos demais lugares do país”*

As cidades funcionariam, nesta lógica organizacional do Estado, como espécies de vitrines pedagógicas do que deveria ser o Brasil urbano. Os modelos novos e os planos de urbanismo, nessa perspectiva, assumem o caráter de um verdadeiro discurso político.

“Formas espaciais não seriam meras coadjuvantes, mas investidas de uma explícita utilidade em revelar propósitos, sublinhar idéias, distinguir valores e atuar sobre as formas de consciência” (LOPES, 1993:36)

No plano para a construção da Vila Operária de Volta Redonda, ligado essencialmente à construção da Companhia Siderúrgica Nacional, aliam-se dois grandes projetos de Vargas: a expansão territorial emblemática e a implantação da indústria de base brasileira, que representaria a autonomia e a expansão econômica da nação. A “Manchester Fluminense” é escolhida, talvez pelo seu “determinismo físico”, para subsidiar esse projeto.

II .2 - A decisão locacional da Companhia Siderúrgica Nacional

Tomada a decisão de implantação da usina siderúrgica pelo Estado, é criada em março de 1940 a *Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional*, responsável por gerenciar tanto a escolha da área mais apropriada para a implantação, como o projeto técnico da própria usina, a ser desenvolvido pelos norte-americanos.

A escolha da área contou com exigências técnicas, políticas e de ordem militar. Dentre elas, ter a usina uma ligação direta com o local de ocorrência das matérias primas; a proximidade com os principais mercados consumidores (Rio e São Paulo); a existência de infra-estrutura de transportes rodoviário, ferroviário e marítimo; o acesso à água doce; o afastamento da capital em tempos de guerra.

Os critérios, priorizados segundo o modelo americano, foram a proximidade com os mercados consumidores e a de infra-estrutura do local, além do afastamento territorial da área da capital, o Rio de Janeiro. Os relatórios da empresa americana Arthur G. Mckee Co., responsável pela

consultoria ao projeto da usina, em 1940/41, levantados por LOPES (1993:44), destacam:

“Poderosas razões de ordem econômica geral, de ordem política, de ordem social e de ordem militar afastam o empreendimento o mais possível do porto do Rio de Janeiro.”

Apesar de terem sido cogitadas algumas áreas nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná, a atenção especial voltava-se para o eixo Rio-São Paulo, em particular para o Vale do Rio Paraíba do Sul. A região do Vale do Paraíba respondia a inúmeras exigências do projeto: possuía água doce em abundância; fontes de energia (a Represa de Ribeirão das Lages recém inaugurada em 1938, distante apenas 38km de Barra Mansa); uma altitude favorável combinada a um bom clima; e um grande potencial de abastecimento agropecuário. Uma exigência determinante do projeto de implantação da Usina era que o local selecionado contemplasse um terreno plano com área mínima de 6km², em forma alongada, a salvo de enchentes e com subsolo resistente a grandes cargas.

As condições geográficas existentes em um dos distritos do município de Barra Mansa favoreceram a sua escolha para sediar a Companhia Siderúrgica Nacional. Barra Mansa à época já era reconhecidamente uma das melhores localizações para a implementação industrial no Vale do Paraíba Fluminense. O sítio onde implantara-se a cidade não possuía, entretanto, condições físicas favoráveis para a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional. A análise realizada por LAMEGO (1963:124-125) nos ajuda a melhor compreender as condições geográficas desfavoráveis da cidade:

“O não ter sido a usina construída nos próprios arrabaldes da cidade, é uma decorrência dos fatores geográficos locais. Eleva-se Barra Mansa à margem do Paraíba sobre uma faixa de aluviões indo até Ribeirão da Divisa. Mas estes depósitos fluviais são por demais estreitos para que uma empresa de tão grande vulto possa ali ser estabelecida. Na margem oposta os morros descem à beira d’água com os mesmos vivos declives das “meias-laranjas” típicas da zona, os quais na margem

*urbanizada impedem que as ruas subam pelas encostas, o que torna Barra Mansa quase uma cidade linear.....Foi preciso descer o rio e ir à próxima estação de **Volta Redonda**, onde, como num passe de mágica, uma nova cidade **moderníssima** subitamente apareceu, a ladear os gigantescos altos fornos, os quilômetros de construções para os laminadores, além de numerosos prédios para a companhia siderúrgica, a maior iniciativa industrial até hoje levada a efeito no Brasil, por iniciativa direta do governo.”*

O “lugar” Volta Redonda deve ser aqui relativizado, sobretudo no que se refere às suas pré-existências intrinsecamente ligadas ao já consolidado município de Barra Mansa. O distrito de Volta Redonda era, em 1941, data de início de implementação da usina e da vila operária, um espaço de produção agrícola decadente. Contava com um número reduzido de habitantes¹⁰, possuindo, entretanto, uma proximidade com a infra-estrutura exigida pelo projeto, e oferecida pelo município de Barra Mansa, muito embora isto não seja relevado nos registros que relatam a sua escolha:

*“... a decisão locacional tendeu a destacar, como atributos positivos do lugar, aquilo que, mesmo ligado a uma tradição agrícola identificada com um passado que começava a ser superado, pudesse servir de vetor à instalação do projeto. Volta Redonda **não era um espaço liso, sem rugosidades** capazes de impor alguma resistência e condições ao novo que se anunciava.” (LOPES, 1993:47)*

A partir de 1941, escolhida a área e iniciados os trabalhos de construção da Usina e da Vila Operária, estabelecem-se alterações significativas na relação entre o município de Barra Mansa com o seu oitavo distrito. Volta Redonda passa a ser agora um foco e uma prioridade nacional. Se pudéssemos categorizá-la à época, falaríamos de um **Distrito Federal**,

¹⁰ Dados do Censo de 1940 – Volta Redonda, 8º Distrito do Município de Barra Mansa com 2.782 habitantes (1.017 urbanos e 1.765 rurais)

pertencente apenas por uma negligência administrativa, ao município de Barra Mansa.

“... a racionalidade do projeto estava impregnada por um triunfalismo que, coerente com a trajetória de realizações e com o discurso político de Vargas, prometia uma vida nova e um tempo novo. Em Volta Redonda seria apresentado ao Brasil e aos brasileiros algo novo, capaz de tornar real aquilo que estava latente no mundo das intenções e dos desejos”.
(LOPES, 1993:53)

II.3 – Características do projeto nacional para Volta Redonda

A decisão locacional para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional precede o início dos trabalhos de implementação. O Decreto Lei Nº 237/25 de março de 1941, parcialmente transcrito por LOPES (1993:46), assinado pelo então governador do Estado do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto, desapropria a área para a implantação da Usina e da Vila Operária:

“Desapropriação das fazendas Santa Cecília e Retiro (Três Poços), situadas em Volta Redonda, distrito de Barra Mansa, destinados à instalação da Usina Siderúrgica, Vila Operária, logradouros públicos, organização de serviços públicos e expansões futuras.”

O projeto urbanístico para a Vila Operária de Volta Redonda seria de autoria do arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima. Autor de vários projetos urbanísticos à época, Corrêa Lima foi um expoente e um dos precursores do

moderno urbanismo brasileiro¹¹, trabalhando intensamente durante o primeiro governo Vargas.

Em 1941, quando convidado a realizar mais uma obra para o poder público, Atílio Corrêa Lima deparou-se com uma situação radicalmente diferente de Goiânia, cujo projeto de sua autoria tornou conhecida a sua capacidade no âmbito do urbanismo. Tratava-se agora de um programa mais modesto, o da construção da **vila operária** que faria parte da estrutura de apoio da grande usina a ser construída pela Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, então distrito do município de Barra Mansa.

Mais modesto, mas não menos emblemático. Uma tarefa que uniria a construção física à construção social de uma cidade não só moderna, mas também industrial. O projeto de Volta Redonda seria, como analisa LOPES (1993), mais que uma unidade industrial, seria o “*estandarte síntese do projeto nacional de Vargas*”, a maior unidade industrial do país. Ao projeto seriam atribuídos códigos simbólicos, capazes de identificá-lo como síntese do que deveria ser o Brasil novo. Volta Redonda seria, nos pronunciamentos do presidente Vargas, um exemplo a ser seguido:

“Um marco da nossa civilização, um monumento a atestar a capacidade da nossa gente, um exemplo com tal poder de evidência que afastará quaisquer dúvidas e apreensões sobre o futuro, instituindo no país um novo padrão de vida e uma nova mentalidade” (MOREL, 1989:48).

¹¹ Como remonta Costa (1990), Atílio Corrêa Lima nasceu em Roma, em 8 de Abril de 1901. Seu pai, o escultor José Octávio Correa Lima, foi aluno de Rodolfo Bernardelli na Escola Nacional de Belas Artes, onde foi também professor entre os anos 1910 a 1930. Em 1919, Atílio inscreve-se como aluno livre na mesma Escola, diplomando-se Engenheiro Arquiteto em 1925.

Pela realização de seus projetos, conquistou o prêmio de viagem a Europa, indo a Paris em princípios de 1927, onde também fez o curso de Urbanismo no Instituto da Universidade de Paris, concluído em 1930. A tese de sua autoria para a conclusão do curso - “*Avant-Project d’Amenagement et d’Extension de la Ville de Niterói*” - foi publicada pela própria universidade em 1932.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1931, foi então convidado a reger a cadeira de Urbanismo, que acabara de ser criada na Escola Nacional de Belas Artes, na qual permaneceu até 1937, auxiliando a implementar assim o ensino do Urbanismo no Brasil. Rapidamente se impôs como urbanista, recebendo encargos para importantes trabalhos: o plano de Goiânia, capital de Goiás, o plano de remodelação da cidade do Recife (não executado), o Plano da Vila Operária de Volta Redonda, aqui em questão, dentre outros.

No campo da arquitetura, notabilizou-se pelo projeto da Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont, seu mais notável trabalho. Fez também o projeto da Estação de Cabotagem do cais do porto do Rio de Janeiro e trabalhos de paisagismo residencial desenvolvidos paralelamente aos trabalhos citados. O seu último trabalho consiste no plano para o Conjunto Residencial Várzea do Carmo, a serviço do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, no qual trabalhava quando da sua morte prematura aos 41 anos, a 27 de agosto de 1943.

Se o discurso de Vargas atribui ao projeto de Volta Redonda esta capacidade contaminadora para o país, pode-se imaginar o que tenha sido esta influência em nível regional, e mesmo local, no caso de Barra Mansa que era evidentemente o município que sediava esta iniciativa. Volta Redonda passa ser um foco de atenções nacionais e regionais a partir da implementação da CSN: o futuro estava ali e ele era a imagem do próprio município que o atraía e, agora, acolhia o projeto: Barra Mansa.

Corrêa Lima se nutre de todo o seu conhecimento e formação de urbanista para tentar pensar o projeto levando em conta as discussões técnicas e artísticas de seu tempo. Inspira-se, como já analisado amplamente por LOPES (1993), no modelo da "*Citté industrielle*"¹² de Tony Garnier, com remissões também às Garden

Cities de Howard, mas também aos novos subúrbios industriais que se multiplicavam e as experiências de cidades voltadas para a produção que vinham se desenvolvendo na URSS. O projeto para Volta Redonda passa, entretanto, por muitas adaptações relacionadas às solicitações específicas do projeto de implantação da usina siderúrgica: "*Enquanto o modelo de Garnier concebía uma cidade administrativamente autônoma, com a terra socializada, a vila operária de Volta Redonda pertencia à empresa*". (LOPES,1993:83)

É relevante situar neste contexto a intenção de Atílio de, ao realizar o plano, envolver projetualmente uma área geográfica muito maior do que o próprio espaço destinado à construção da Vila Operária. Atílio pensou nos desdobramentos e rebatimentos regionais que ocorreriam a partir da instalação

¹² O termo francês *Citté Industrielle*, traduzido no Brasil literalmente como "Cidade Industrial", merece ser melhor analisado aqui. A "*Citté Industrielle*", pensada por Garnier, constituía-se numa unidade inteiramente pensada sob o ponto de vista produtivo; sistema disponível para uma função definida, a função industrial. Uma cidade é mais que uma função, ela necessita de outras inter-relações sociais e econômicas para ser definida como tal. Na França, a utilização da palavra "Citté", a partir do final do século XIX, ligada ao mundo do trabalho e ao mundo da produção, foi introduzida para se opor à palavra "Ville", que por longo tempo define "cidade". Tomemos como exemplo as "*Citté Ouvrieré*". No Brasil, à época, Atílio Corrêa Lima tem consciência de que nem todo aglomerado urbano constitui uma cidade e talvez seja por isso que em muitas das suas plantas quando se refere à Volta Redonda anota "Vila Operária". As imprecisões da utilização do modelo de Garnier parecem residir na necessidade de adaptações ao processo de industrialização brasileiro estabelecido à época. É relevante considerar que a necessidade de pensar historicamente sobre o sentido das palavras vem levando a estudos originais, empreendidos sob o patrocínio da Unesco, como o projeto *Le monde de la Ville*, criado por Christian Topalov e Jean-Charles De Paule.

da Usina Siderúrgica, e propôs ao governo, em 25 de dezembro de 1940, uma primeira proposta, cuja descrição foi recolhida por Manso (2001:167):

“Tratava-se da realização de um Plano Regional que ocupava uma área de 25km² do município de Barra Mansa, na planície do Vale do Rio Paraíba, entre a cidade de Barra Mansa e a Vila de Pinheiral. A planície aluvial cobria, aproximadamente, 15km² na margem direita, onde foi implantado o plano da usina e da Cidade Operária, e 5km² na margem esquerda do Rio Paraíba. O entorno da planície se caracterizava pela existência de morros em forma de “meia laranja” emborcada, com alturas variando de 50 a 200 metros e com declividade entre 25 e 50%”.

Essa proposta¹³ de Corrêa Lima incluía ainda a elaboração de um memorial descritivo, códigos de obras e urbanismo para Barra Mansa e também para a Vila Operária de Volta Redonda e um plano de financiamento das obras. Os impactos esperados pela implantação do projeto siderúrgico num vale ao qual se atribuía uma vocação progressista, baseada na indústria, justificavam propósitos tão amplos. Afinal, como havia previsto Pandiá Calógeras, estaríamos diante de uma nova *“Manchester Fluminense”*.

A urgência do trabalho e o interesse da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional na construção da Vila Operária fizeram com que a proposta fosse desmembrada em duas. A Vila Operária teria seu plano elaborado imediatamente, sob a responsabilidade da comissão. O restante, isto é, um plano em escala mais ampla, regional, e os demais itens da proposta

¹³ LOPES (1993: 79) assim descreve:

“Proposta para o Estudo do Plano Regional de Urbanismo para Volta Redonda, no Vale do Paraíba, onde será instalada a Usina Siderúrgica”, datada de 25 de dezembro de 1940 e endereçada ao Major Hélio Macedo Soares, Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro.

A Proposta incluía:

- *Plano de Conjunto, prevendo o local de várias indústrias, núcleos de habitação, pequena lavoura, rede de viação, reserva, etc.;*
- *Plano de Urbanização de Barra Mansa, constando de remodelação da parte existente da cidade e extensão racional da cidade, de acordo com as tendências locais, visando principalmente adaptá-la a condições futuras, devido à intensa convergência de capitais e indústrias criadas pela Siderúrgica;*
- *Sistematização e coordenação dos diferentes setores da vida urbana (trânsito, comunicações, zoneamento, legislação, etc.);*
- *Projeto de uma cidade operária tipo, para Volta Redonda, tendo em vista o máximo rendimento e conforto admissível para o caso, para um mínimo de despesa e manutenção, categorias e tipos de habitação, campos de esportes, playground, escolas, pequeno centro comercial, água e esgoto.”*

original de Corrêa Lima, só seria objeto de contrato efetivo em maio de 1941, assinado com o governo do Estado do Rio de Janeiro.

As intenções de Atílio, bem como suas proposições e controle executivo foram muitas vezes contestadas e suplantadas pelos atores que conduziam o processo globalmente, aqueles a quem se atribuía o gerenciamento também da construção do espaço da Usina:

“Entre a ponta do lápis de Atílio Corrêa Lima e o papel onde foi riscado o plano, estava a mediação de um conjunto complexo de atores, com destaque para a direção do projeto.”(LOPES,1993:82).

Atílio foi responsável pelo Plano de Urbanismo e pela concepção geral dos principais volumes e disposição dos edifícios da vila operária, sendo os outros projetos de arquitetura concedidos a outros arquitetos. O urbanista indicou no Plano o local para a construção da futura prefeitura da cidade, posteriormente ocupado pelo edifício do Escritório Central da Companhia Siderúrgica Nacional. A prefeitura só é edificada quando da emancipação de Volta Redonda, em 1954, numa área de expansão da cidade, fora do espaço da Vila Operária.

O lugar destinado por Atílio para a instalação da Prefeitura Municipal não foi ocupado pelo principal prédio administrativo da CSN aleatoriamente. A centralidade instaurada na Usina, fez com que ela se sobrepusesse durante muitos anos à própria idéia de administração municipal. A análise estruturada de LOPES (1993) nos ajuda a compreender este fato:

“As indecisões sobre a localização da sede da Prefeitura, desde o Plano de Corrêa Lima, passando por todos os planos que o sucederam para a cidade, podem ser vistas como uma metáfora das dificuldades da municipalidade se situar nesse circuito de poder e decisão. Ao contrário, a recusa de Hélio Modesto de situar a sede da CSN no espaço industrial da usina, e a sua construção definitiva no lugar destinada por

Corrêa Lima à prefeitura, é a afirmação inequívoca de poder da empresa perante à cidade”. (LOPES,1993:213)

Percebe-se aqui, mais uma vez, demarcarem-se as indecisões administrativas governamentais na implementação de Volta Redonda. A quem pertencia aquela organização urbana? Administrativamente ligada ao município de Barra Mansa, financiada pelo capital da empresa no que dizia respeito à construção e à manutenção de parte do espaço físico, atrelada a um projeto político nacional. Estas indecisões, se ao mesmo tempo materializaram de forma diferenciada o espaço do poder em Volta Redonda¹⁴, certamente deixavam confusos os governantes da cidade de Barra Mansa, município ao qual pertencia de fato e de direito aquele distrito, agora industrial.

Reflexos destas indecisões passaram logo a serem sentidos. O rigor formal compreendido no traçado de Attílio foi estabelecido apenas nos limites da Vila Operária. Fora desses limites, entretanto, a ocupação existente antes da implementação da usina (as antigas habitações e comércio do distrito – a "Volta Redonda Velha", como era chamada) foi se constituindo de “desvio e pecado”, abrigo da desordem não tolerada no espaço mantido como transparente na “cidade usina”.

Do ponto de vista urbanístico é possível entender duas situações distintas neste período de implementação. O espaço da “cidade usina”, cujo controle urbanístico capitaneado pela própria CSN evitava alterações, e o espaço da “Volta Redonda Velha”, principalmente no eixo Niterói-Bairro da Estação (demolida em 1944), para o qual não se tinha elaborado um projeto de ocupação. Esta área contava assim com um controle urbanístico do município de Barra Mansa, “ineficiente” e “descuidado”, pouco atento aos padrões de racionalidade que Attílio Corrêa Lima havia desejado estender a todo o município e que agora estava restrito ao enclave da Vila Operária de Volta Redonda. Esta situação resulta em inúmeras denúncias do urbanista ao

¹⁴ *O lugar no espaço tende a ser o lugar no poder. Se compararmos com o padrão do período colonial, em que o conjunto Casa de Câmara e Cadeia, Igreja e Fórum, situado numa praça central das cidades, refletia o poder local, hoje um estranho que chegue a Volta Redonda terá que rever os seus códigos de leitura do espaço para encontrar a prefeitura.”(LOPES,1994:183)*

prefeito de Barra Mansa, referenciadas por LOPES (1993). O trecho da carta dirigida ao prefeito da cidade, engenheiro Joaquim Ribeiro de Almeida Matos (interventor), em 08 de abril de 1943, denunciando de forma contundente o processo de urbanização que estava ocorrendo nas áreas não controladas pela empresa, afirma a idéia de seu projeto para Volta Redonda como um núcleo urbano racional:

“Por inércia ou má compreensão administrativa, foi tolerada e permitida a construção e a especulação imobiliária fora do perímetro previamente estudado. Formou-se um quisto, uma excrescência urbana sem método e sem a elementar compreensão dos problemas da região. Assim comércio, indústria, habitação com inúmeros cortiços foram amontoados em sítios onde forçosamente obrigará, no futuro próximo, a desapropriações onerosas. Um verdadeiro caos foi criado ao lado de uma cidade planejada, tudo após a assinatura do contrato para o Plano regional”. (LOPES,1993:111-112)

Attílio mostrava-se muito indignado com qualquer ameaça ao seu projeto, idealizado de forma tão “coerente e racional”. Tentava alertar as autoridades, antes que nada mais pudesse ser feito. O fato é que, com a crescente migração, os imóveis da “cidade da empresa” eram concedidos para uso dos trabalhadores da usina, não se tornando estes proprietários de fato dos imóveis, num primeiro momento. Os imóveis da “Volta Redonda velha” eram vendidos por loteadores, e possuíam assim valor de troca. A prefeitura de Barra Mansa foi conivente com os parcelamentos, o que causa uma desconforto na relação de Attílio com os dirigentes municipais.

Referindo-se às pressões dos proprietários de terras, atingidos tanto pelo Plano de Volta Redonda quanto pelo Plano Regional, em elaboração, Corrêa Lima afirma, em carta dirigida ao Major Hélio de Macedo Soares e Silva, também em 1943:

“...as dificuldades apresentadas pelo caso de Volta Redonda são muito mais complexas do que

o de Barra Mansa e Pinheiros, pois estas duas cidades não sofreram as mutilações e a desenfreada especulação imobiliária. Em Volta Redonda criaram-se situações desagradáveis que não aparecerão, é claro, nos projetos apresentados, mas que representam trabalho insano e delicado, tratando-se de ferir interesses, que levantam ódios e entram a boa marcha dos estudos. Sem falar aqui a responsabilidade que pesa pela interferência do Plano com a Companhia Siderúrgica Nacional.” (LOPES, 1993:112)

Attílio assumiu assim um duplo e difícil papel analisado por LOPES (1993): *“assistia à materialização do seu plano na cidade da empresa enquanto atuava junto à prefeitura de Barra Mansa, elaborando parte do Plano Regional que lhe fora encomendado pelo governo do Estado, sem conseguir se antecipar e influir nos fatos”*. O urbanista foi também responsável, durante algum tempo, pela aprovação de obras particulares na “Volta Redonda Velha”, a serviço da prefeitura municipal de Barra Mansa.

A partir destes relatos, é possível perceber o quanto era confuso o quadro administrativo estabelecido também para os dirigentes barramansenses, o que influenciava diretamente nas idéias acerca do destino do próprio município, ensaiadas à época. Podemos analisar sob dois aspectos a postura dos dirigentes barramansenses de então: ou não se compreendia a dimensão do projeto de Volta Redonda, ligado administrativamente ao município; ou à Barra Mansa não era dada a autonomia e a inclusão necessária no Projeto Siderúrgico Nacional. Haveria um desinteresse organizacional por parte dos administradores barramansenses ou por parte dos administradores do Projeto Siderúrgico Nacional? Quem deveria, analisando a escala institucional, instituir o perfil desta relação? A diferença que se estabeleceu entre os dois lugares no que diz respeito à capacitação técnico-administrativa, ao rigor com o controle urbano e à implantação de infraestrutura urbana, demarca a partir do final da década de 1940 o início de um processo de distanciamento da qualidade urbanística entre Barra Mansa e Volta Redonda. Transfere-se paulatinamente para Volta Redonda a idéia de

“*Manchester Fluminense*” e a denominação de “*Cidade do Aço*”, originalmente e legitimamente concedida a Barra Mansa.

A partir da criação da Vila Operária (anos 1940), implanta-se no Distrito de Volta Redonda uma larga política de investimentos em equipamentos coletivos e serviços urbanos financiados pela CSN, além de uma política protecionista da empresa estatal com relação à moradia, lazer, saúde e educação para a população de trabalhadores e funcionários. Em Barra Mansa esta infra-estrutura não se estabeleceu. Ao município delega-se a obrigação de cuidar do território de Volta Redonda, sem, contudo, se estabelecer uma política de integração de investimentos urbanos por parte dos dirigentes do Plano Siderúrgico Nacional.

Os investimentos em infra-estrutura urbana de Volta Redonda cada vez maiores e a tentativa de negar a dependência administrativa da moderna Volta Redonda em relação a Barra Mansa, culmina com o movimento emancipacionista do distrito em 1950. O movimento é integrado pelos partidos políticos, comerciantes, proprietários de terras, profissionais liberais e Maçonaria.

A campanha emancipacionista de Volta Redonda sofre muita resistência dos políticos e da sociedade barramansense¹⁵: era como perceber o tempo e as oportunidades perdidas pelo município. Porém, diante de uma evidente autonomia “de fato” já configurada pela administração do distrito industrial pelas normas próprias da CSN, em 17 de julho de 1954 institui-se o ato de criação do município de Volta Redonda. A criação do município, como relaciona LOPES (1993), é contemporânea da conclusão do Plano B de expansão da usina e *das “irresistíveis pressões políticas que levaram Vargas ao suicídio, em agosto daquele ano”*.

¹⁵ ATHAYDE (1960:26-31) destaca: “ *O movimento emancipacionista emerge em 1950....A sociedade Amigos de Volta Redonda, precursora do movimento emancipacionista, denunciava o abandono e a falta de investimentos na cidade velha. Os tributos arrecadados pela Prefeitura de Barra Mansa estariam sendo canalizados para a sede do Município.... Enquanto Barra Mansa resistiu, pelas perdas que a emancipação representaria, Pinheiral, então um distrito do município de Piraí, lutou, sem sucesso, pela anexação à Volta Redonda.*”

A partir daí as diferenças entre os dois municípios tornam-se cada vez maiores e mais evidentes. Volta Redonda passa por inúmeros planos de reestruturação urbana, ligados principalmente às questões de expansão¹⁶. Assim, os novos bairros, as novas unidades habitacionais, os serviços, as novas unidades comerciais, enfim toda a cidade passa a ser objeto de estudos e controle por parte da administração municipal, aliada intrinsecamente à Companhia Siderúrgica Nacional - CSN.

Após o golpe militar de 1964, que estabelece um novo projeto geopolítico para o Brasil, ocorrem alterações significativas nas organizações políticas e sindicais da cidade. A implantação do 22º Batalhão de Infantaria Blindada – BIB em Barra Mansa sufoca possíveis divergências entre empresa e trabalhadores. O controle sobre o território fica cada vez mais rigoroso, culminando com a decretação do município como Área de Segurança Nacional, em 1973, situação que perduraria até 1985.

O novo projeto político e econômico dos militares estabelece novos conteúdos nas relações entre estado e capital estrangeiro, ocasionando, particularmente em Volta Redonda, uma retirada paulatina das obrigações da Usina estatal com a cidade¹⁷. É o início da orfandade dos operários, acostumados com o paternalismo do Estado e a característica de provedora da CSN.

¹⁶ O Plano encomendado pela CSN, em 1953, ao arquiteto Hélio Modesto, mesmo antes da emancipação do município, dá provas disto, como citado por LOPES (1993, p.125): “O Plano propôs primeiramente um conjunto de intervenções voltadas para a consolidação e a melhoria urbanística das áreas já urbanizadas, incluindo zoneamento de funções, sistema viário e padrões arquitetônicos para equipamentos urbanos (escolas, postos de saúde) apresentados como kits para disseminação nos bairros...”

¹⁷ “...No que diz respeito às políticas da CSN, convém destacar duas importantes fontes propulsoras do metabolismo espacial da cidade no período: o Plano D de expansão da usina siderúrgica e a edição da nova política social da empresa, fundamentada nos princípios do liberalismo”. LOPES (1993:138)

Coincidentemente, é entre as décadas de 1970 e 1980 que se dá o maior incremento populacional em Barra Mansa e Volta Redonda¹⁸, estimulado pela crescente produção da siderurgia. É possível, a partir da citação abaixo, compreender os efeitos dessa conjugação de fatores.

“Na esfera social prevê-se o agravamento de tensões provocadas pela exacerbação das demandas por habitação e infra-estrutura urbana, além do aumento do consumo de drogas e o aparecimento de quadrilhas armadas. Em todos os casos credita-se parte do problema à multiplicação exponencial de uma variada tipologia de fluxos, internos e externos, mantidos por Volta Redonda, que atrairiam pessoas e valores estranhos ao lugar, especialmente ao convívio da família operária.” (LOPES, 1993:144)

II.4 - Volta Redonda: o 8º distrito se transforma em novo paradigma urbanístico para Barra Mansa.

Se para Volta Redonda, que havia passado por um processo de elaboração formal e estrutural do seu espaço físico, adequando-o para a atividade industrial em termos de infra-estrutura e expansão, a previsão era alarmante, o que dizer da vizinha Barra Mansa, que recebe proporcionalmente o mesmo contingente populacional sem que o sonho de Attílio Corrêa Lima, de um plano regional capaz de orientar seu crescimento e absorver o impacto de Volta Redonda, pudesse ser implementado.

Na década de 1970, espalha-se por todo o Brasil a idéia de remodelação do projeto de cidade, corrigem-se e recriam-se modelos, se estabelecem novos

¹⁸ Ver anexo 3 – Tabelas do comportamento demográfico das últimas décadas.

conceitos de “ser cidade”, acontecem, como aponta Lopes, as “Re-formas” urbanas¹⁹.

Em Volta Redonda isto pode ser claramente identificado. Alinhada ao que acontecia no Brasil em termos urbanísticos, ela recebe a realização de sucessivos planos que tentam adequá-la ao que existia de mais novo no pensamento sobre a cidade. São desse período: o Plano D de expansão da Usina (impulso determinante para a elaboração de outros planos), o Relatório Wit-Olaf (1969 – Planejamento), o Plano da ADESG (1975), o PEDI VR (1975), o Plano Diretor (Hidroconsult 1980).

O fato mais relevante, no caso de Volta Redonda, é que embora os planos tenham sido de caráter muito diferenciado, privilegiam e resignificam valores simbólicos da cidade (a usina, o trabalho, o operário, a organização, o controle urbanístico, os monumentos, a segurança). Fortemente demarcada no plano Attílio²⁰, a carga simbólica está presente em todos os planos subseqüentes que tentaram reestruturá-la. Apesar de nem sempre referenciarem-se nos mesmos valores e por isso mesmo apostarem em algumas transitoriedades físicas, os planos carregam um discurso relacionado à idéia de progresso e de modelo de cidade a ser seguido. Reflexo disto é a enorme quantidade de monumentos que possui a cidade. Assim, a cada intervenção alguns novos monumentos são acrescentados à paisagem urbana de Volta Redonda, “recuperando os ânimos” e “renovando as expectativas para o futuro”, “esquentando a imaginação utópica”, como traduzida por LOPES (1993).

Entre as décadas de 1970-80, Barra Mansa dá sinais tímidos de alinhamento²¹. Não recebe a remodelação, mas o “plano de gaveta” do antigo

¹⁹ *Do ponto de vista do enfrentamento acadêmico do problema da forma urbana pelos arquitetos e urbanistas, esse período assistiu aos derradeiros exercícios de tradução de teorias em práticas de desenho totalizantes sobre a cidade... Os patrocinadores privilegiados dessa investida transformadora sobre a paisagem são o BNH e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). O BNH atuará fundamentalmente no financiamento habitacional e da infra-estrutura urbana, enquanto o SERFHAU investirá no planejamento urbano científico.” LOPES (1993:161)*

²⁰ *“Impregnado de tantos valores simbólicos que lhe foram atribuídos em sua construção, o conjunto usina-cidade, edificado na década de 1940, havia adquirido códigos de linguagem espacial que se impunham com certa persistência no tempo.....” LOPES (1993:176).*

²¹ Ver trecho da entrevista com o ex-prefeito Marcello Drable – anexo 5.

SERFHAU, intitulado Plano de Desenvolvimento Integrado do Município²². A cidade tenta se alinhar ao seu jeito, de forma improvisada e inconseqüente. É deste período as principais substituições em seu parque edificado da área central, a construção de estruturas físicas desproporcionais e despropositadas para a cidade (edifícios muito altos, o viaduto²³ Alexandre Fisher, a ocupação inadequada de muitas encostas e das margens do rio Paraíba do Sul).

Na década de 1980, ocorre em Volta Redonda a efetiva transição da Usina em busca de atingir uma lógica neoliberal, que culminaria não só no conflito entre trabalhadores e empresa em novembro de 1988²⁴, como também, posteriormente, na privatização da empresa, efetivada em abril de 1993.

Foi importante para o poder público municipal de Volta Redonda, nesta transição, cristalizar fragmentos de uma história que, embora ficasse a dever ao roteiro original da “*cidade industrial*” proposto por Attílio, possuía enorme orgulho de seu patrimônio simbólico (não só os edifícios e a malha urbana, mas aqueles valores que alimentavam o imaginário dos trabalhadores e funcionários da CSN)²⁵. Em 1985, o prefeito Benevenuto dos Santos Neto institui a política municipal de tombamento, quando o Cine Nove de abril e outros edifícios da Vila Operária são tombados pelo município.

A década de 1980 marca o auge do descaso das autoridades municipais na cidade de Barra Mansa. É deste período um bom número de substituições, sem critério, do seu patrimônio edificado; a expansão desordenada do seu território, causada pela expansão demográfica (ocupação de áreas ribeirinhas e

²² Desenvolvido através do SERFHAU, este plano, datado do ano de 1968, tem a maior parte de suas ações engavetadas, não implementadas. Há, porém, que se destacar a execução do levantamento aerofotogramétrico do município, que subsidiaria a execução de várias propostas do referido plano.

²³ “*Nas cidades brasileiras, os anos de 1970 serão identificados como a era dos viadutos. Em Volta Redonda seriam inaugurados os viadutos Nossa Senhora das Graças e Presidente Médici. Os fortes estímulos à construção civil, como grande empregadora de mão-de-obra desqualificada, fariam com que esse tipo de “obra de arte” se impusesse como necessidade, às vezes sem apoio em prioridades efetivamente manifestas nas cidades.*” LOPES (1993,p.163)

²⁴ Ao final da década de 1980, o quadro recessivo de desemprego, baixos salários e profundas carências sociais transformou Volta Redonda num verdadeiro campo de batalha. Em novembro de 1988 explodiu a greve mais contundente da história da cidade, que culminaria com a entrada do exército no interior da Usina e a morte de três funcionários, num conflito marcante para a história do sindicalismo no Brasil.

²⁵ A segurança representada pela garantia de emprego proporcionada pela imagem estatal da CSN entra em crise. A estabilidade que havia atravessado gerações estava enferma e necessitava agora de ações que pudessem acalantar a dúvida e a insegurança dos habitantes de Volta Redonda, a cidade-empresa.

de encostas na periferia da cidade); a falta de controle urbanístico e ambiental; a falta de atenção aos espaços urbanos mais significativos e simbólicos já consolidados por boa parte da população. Todos estes fatores combinados levariam à construção de uma imagem física cada vez mais fragmentada e sem atrativos. Só ao final da década, com a obrigatoriedade constitucional de realizar o seu Plano Diretor, e diante da atuação dos movimentos preservacionistas surgidos a partir dos episódios da demolição do prédio do Fórum e do incêndio da antiga Estação Ferroviária, é que a cidade passa a se rever, a lançar sobre si um olhar um pouco mais atento e cuidadoso.

Com a privatização da CSN no início da década de 1990, a cidade de Volta Redonda, absolutamente dependente economicamente da empresa, teve que buscar canais de resignificação. Tendo passado por um período de transição em que tudo parecia “desmanchar”²⁶, a municipalidade, através do seu PLANO 2000²⁷, elaborado durante o governo do prefeito Vanildo de Carvalho (1989-1992), em parceria com a CSN, implementa um roteiro de obras tentando escapar e suplantar a transição neoliberal porque passavam a indústria e, conseqüentemente, a cidade. Um roteiro de obras em busca da recuperação do orgulho dos moradores da cidade, cujas principais propostas e intervenções eram: atenuar a estética massacrante do viés industrial imposto à cidade, promover uma “revolução cultural”, promover um roteiro de turismo, criar ruas de pedestre destinadas ao lazer e à cultura, construir o Memorial Zumbi, desenvolver o Plano Lúcio Costa²⁸ para o novo centro administrativo no bairro Aeroclube, junto à curva do Rio, a volta redonda.

²⁶ A crise da indústria estatal culmina com a privatização da CSN, durante o Governo Collor. Paulatinamente desconstruída, a lógica urbana centrada na maternidade exercida pela CSN, agora desmoronava, como explicita LOPES(1993,p.195): “As cenas de neoliberalismo explícito, com a retirada do Estado da produção e seu acanhamento na resolução das carências sociais, se abatem sobre Volta Redonda de modo contundente, acumulando uma pauta extensa de manchetes negativas sobre a cidade”.

²⁷ “A formulação do Plano 2000, na verdade, um plano de obras, seria explicitamente voltada para o esforço de recuperação do orgulho dos moradores pela cidade. A tentativa de dissimular a presença da siderúrgica aparece nas entrelinhas da propaganda sobre o plano..... A Prefeitura Municipal, entretanto, firmará um contrato com a CSN, em 1991, a fim de transformar as dívidas da empresa com a municipalidade em investimentos programados pelo Plano 2000”.(LOPES,1993,p.204-205)

²⁸ O Plano 2000 convoca o urbanista Lúcio Costa, em 1991, para o projeto de urbanização do bairro do antigo Aeroclube. O projeto de Lúcio Costa previu a construção de um novo centro administrativo junto à volta do rio que dá nome à cidade, apontando o caminho da revalorização do rio depois de livre da poluição.

As várias iniciativas da municipalidade de Volta Redonda, em parceria com a CSN, apesar de serem passíveis de inúmeras críticas formais e conceituais, demonstram uma preocupação constante com a cidade, o que reflete em seu espaço físico e constrói a idéia permanente de ser esta uma “cidade bem cuidada”. Excesso de “cuidados” em Volta Redonda, carência de “cuidados” na vizinha Barra Mansa. A evidência deste processo gera uma reação depreciativa na população de Barra Mansa, e é a partir das inúmeras comparações que percebe-se repetir com freqüência, nas últimas décadas, o discurso dos moradores da cidade que caracteriza Barra Mansa com sendo uma cidade “*desarrumada, desorganizada, feia, com trânsito confuso e ruas apertadas*”.

Se o início da década de 1990 marca a transição do caráter neoliberal assumido pela CSN, com todas as dificuldades do seu novo relacionamento com a população da cidade, ligada, sobretudo, a esta fonte de trabalho, o final da década, a partir de um longo processo de reformulação destas relações empresa-municipalidade-população, marca a consolidação da imagem da indústria como “privatizada, eficiente, competente”, a qual os moradores se orgulham de sediar em sua cidade. Nos últimos anos estabelece-se uma relação harmônica, direta e constante entre empresa e Prefeitura. Muitas das ações da Prefeitura estão diretamente vinculadas à CSN, em caráter de incentivo, apoio, parceria.

Entretanto, a empresa tenta desvincular a sua imagem de promotora exclusiva da “vida” da cidade. Esta relação pode ser percebida diariamente através dos jornais locais e regionais:

*“Volta Redonda, hoje, já percorre seu próprio caminho, sem precisar unicamente da bengala amiga da CSN. Apesar de viver em função da siderúrgica, de seus empregos, de seus impostos e de seu prestígio. Estamos procurando o futuro em outras áreas, como a de serviços, por exemplo, com apoio total da CSN”.*²⁹

²⁹ Trecho da entrevista do prefeito Antônio Francisco Neto ao Suplemento Especial do jornal *Diário do Vale*, em 09 de Abril de 2002. Edição comemorativa dos 61 anos da CSN.

Que caminho próprio estará se referindo o prefeito Neto? É difícil acreditá-lo sem a presença da CSN, como é tão fácil perceber nas contradições de seu discurso. É premente a necessidade da empresa, e não da cidade, de se desatrelar do fardo de “promotora pública” do futuro de Volta Redonda. Neste sentido, pode-se perceber a principal e fundamental parceria entre a empresa e a Prefeitura: o discurso do prefeito, que atinge toda a cidade, está de acordo com o que a empresa quer fazer a população da cidade e principalmente os seus operários entenderem. A CSN privatizada resignifica desta forma a sua relação com a cidade, em busca de um “lugar” que não lhe traga problemas. De “mãe” à “madrasta”, de “madrasta” à “madrinha”, a empresa reafirma a sua vinculação com a própria imagem da cidade de Volta Redonda.

Em Barra Mansa, a década de 1990 é marcada por uma intensa busca da “identidade” da cidade por parte dos seus administradores. Estes percebem intuitivamente a confusa situação a que chegara a cidade. Observa-se, porém, um aprisionamento, ou um entendimento limitado deste conceito de identidade, compreendido com algo que se pudesse inventar, criar, arranjar. Em cada slogan administrativo observa-se a tentativa de alçar a “identidade” para a cidade através da reformulação da sua imagem. Muito se pode observar também da vinculação das propostas ao modelo de desenvolvimento representado pela cidade de Volta Redonda. Apesar de todas as diferenças de conformação social e espacial existentes entre as duas cidades, que de certa maneira foram ilustradas neste capítulo, poucas são as iniciativas de formulação de caminhos próprios para Barra Mansa.

*....a 15 de outubro de 1857
foi colocado na carta geográfica do Rio de Janeiro
mais um pequeno ponto escuro
ao lado dum grande traço azul*

*....
A vila de São Sebastião de Barra Mansa
fica elevada à categoria de cidade!
Cidade de Barra Mansa*

Lacyr Schettino
"Nasce Uma Cidade". Poema comemorativo do 131º
aniversário de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA
PROSA E VERSO nºIX. Barra Mansa: GREBAL, 1998 (p.15-
26).

As Imagens da Cidade
Barra Mansa 1954-1970

O RIO, A CÂMARA, O PARQUE, A ESTAÇÃO
Volta Redonda, a CSN, as trocas

As Indústrias

“Barra Mansa é hoje um dos maiores parques industriais do Estado, arrolando entre suas indústrias siderúrgicas, metalúrgicas, alimentícias, de transformação e outras, muitas das quais atraídas pela Companhia Siderúrgica Nacional construída em Volta Redonda, então distrito do município e não distante de Barra Mansa.” (REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO MARCELLO DRABLE –1967/1970).

Volta Redonda – a CSN

“Pela Lei nº 2.185, de 17 de julho de 1954, o Distrito de Volta Redonda foi desanexado de Barra Mansa, passando a constituir novo município. A Lei nº 2.435, de 5 de abril de 1955, alterou as divisas do novo município, originando daí uma questão judiciária, ainda em curso nas altas cortes de Justiça, entre as municipalidades de Barra Mansa e Volta Redonda.” (REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO MARCELLO DRABLE –1967/1970).



Fig.39 - Monumento ao trabalhador s/d
acervo Clécio Penedo – dec.1960

Rio Paraíba do Sul

O rio aparece nos cartões postais da cidade. É deste período a construção da principal ponte de ligação do centro da cidade com o novo bairro do Ano Bom. A partir de sua inauguração, em (1956), a ponte dos arcos, atual Ponte Ataulfo Pinto dos Reis, passa a ser um símbolo de identificação da cidade.



Fig. 40 - Cartão Postal – Bairro Ano Bom – dec. 1960 – Acervo André Couto



Fig. 41 - Cartão Postal – Ponte dos Arcos e Igreja Matriz – dec. 1960
Acervo André Couto

Parque da Preguiça



Fig. 42 - Parque Centenário da Preguiça
Monumento comemorativo ao 1º Centenário da cidade

Motivo de muito orgulho para os cidadãos barramansenses, o parque passa neste período por algumas reformas “modernizantes”. O Parque de contemplação projetado por Glaziou ganha brinquedos de ferro e posteriormente uma quadra poliesportiva.



Fig. 43 - Parque Centenário da Preguiça – área externa
Década de 1960 -Acervo Clécio Penedo

Câmara Municipal

O edifício, composto originalmente por 7 aberturas frontais passa inicialmente pela ampliação de 2 aberturas frontais de cada lado, no pavimento inferior, e posteriormente esta ampliação é também feita no segundo pavimento.



Fig. 44 - Edifício da Câmara após a 1ª ampliação – acervo Clécio Penedo – s/d



Fig. 45 - Câmara Municipal – 2ª ampliação -1968 – Acervo Clécio Penedo

Antiga Estação Ferroviária

O caráter de referência da chegada de pessoas, notícias e mercadorias, ligada ao transporte ferroviário, vai perdendo potência a cada novo ano destas décadas, cada vez mais ligadas ao automóvel.

Mesmo assim é grande o número de passageiros que optam pelo trem em direção aos estados de Minas Gerais e São Paulo. O fluxo mais expressivo de trocas se dá evidentemente entre os mineiros do sul do estado, que se utilizam da cidade para comprar, vender, trabalhar, morar. Esta dinâmica tornou-se uma tradição desde a inauguração da Oeste de Minas, em 1913.

O fluxo de trens ligados à atividade siderúrgica é a cada ano maior, constituindo uma nova dinâmica de funcionamento do trânsito de pedestres e automóveis no centro da cidade.

Avenida Joaquim Leite

Vitrine e espelho das ações “modernizantes” da cidade, a Avenida recebe muitas substituições de edifícios, um adensamento crescente, sempre mantendo a multiplicidade característica da atividade comercial que abriga desde sempre.



Fig. 46 - Desfile Cívico – (década de 50)
Acervo Clécio Penedo

A avenida também é palco das comemorações cívicas, procissões, desfiles de carnaval, enfim dos principais eventos do município à época, agregando expressiva participação de uma população cada vez maior.



Fig 47 - Desfile –década de 1950 – acervo C. Penedo



Fig. 48 - Cartão Postal ilustrando a Av. Joaquim Leite—década de 1960
Acervo André Couto

Igreja e Largo da Matriz

Os recursos obtidos na festa de São Sebastião, em 1958, foram destinados à projetada reforma e ampliação da Matriz. A reforma de 1959 alterou significativamente a forma interna e externa da Matriz de São Sebastião, na tentativa de “modernizá-la”.

Foram alterados substancialmente: o altar-mor, totalmente substituído, retiradas as sacadas do pavimento superior, substituindo-as por vitrais, retirado o portal que marcava a data de fundação da Matriz (1839), além de serem anexadas esquadrias em ferro, tipo basculantes. O Largo foi alterado em seu piso, paisagismo e mobiliário.



Fig. 49 - Largo e Igreja da Matriz – Década de 1950,
antes da reforma - Acervo Clécio. Penedo

Renovação Urbanística

“O Setor de Obras e Serviços Urbanos recebeu de nossa administração toda a atenção. Tivemos logo no início do nosso mandato, problemas sérios, quando a cidade ficou abalada, em virtude das chuvas, que desabaram sobre Barra Mansa. Isto demonstrou, no entanto, o quanto era precária a infraestrutura existente e também a necessidade de estruturação de um plano global para atender com técnica e perfeição aos trabalhos que deveriam ser realizados... Assim, através do próprio pessoal ou empreitando a firmas especializadas, a infraestrutura de Barra Mansa ganhou perto de 6,00km de redes de águas pluviais, com dimensões variadas.” (Revista da Administração Marcello Drable –1967/1970; Barra Mansa: PMBM, 1970).

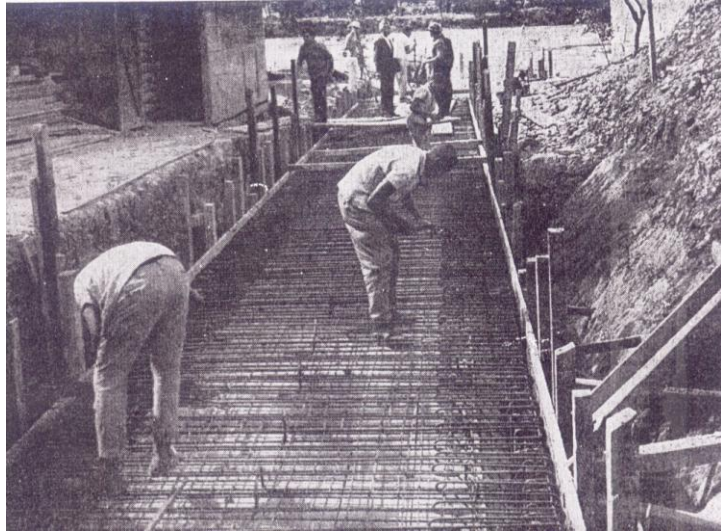


Fig. 50 - Troca de galerias Pluviais na área central – década de 1960 -
Revista da Administração Marcello Drable –1967/1970

Após registrar uma série de outras intervenções, como a construção de pontes, inúmeras praças e obras variadas nos distritos, a revista ainda destaca:

“Gostaríamos de registrar o contrato que firmamos com o Consórcio do Grupo de Planejamento Integrado para elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado para Barra Mansa. Estabelecido o referido Plano, os diversos problemas serão equacionados e as soluções a serem apresentadas para cada setor serão feitas tecnicamente e integradas ao conjunto. Os efeitos benéficos do plano far-se-ão sentir dentro de curto prazo em alguns setores, tão logo o mesmo seja colocado em prática.”

O crédito dado ao plano não foi, entretanto, suficiente para fazê-lo tornar-se realidade nos anos posteriores, quando o mesmo permaneceu engavetado. A população do município era, à época, 102.755 habitantes.

Aspectos Sociais e econômicos



Fig. 51 - Desfile cívico – década de 1960
acervo Clécio Penedo

Trechos da REVISTA CARNET SOCIAL – EXTRA - 3 de outubro de 1968:

“Casa Botafogo: Nós fazemos parte da história desta cidade, pois somos pioneiros, nós vimos crescer e acompanhamos o progresso de Barra Mansa. E nesta data, cumprimos o povo desta cidade pelo transcurso de mais um aniversário. E prometemos que continuaremos com a mesma dedicação de longos anos.”

“Auto Peças São Jorge – Sente-se orgulhosa de poder, nesta oportunidade, regozijar-se com as autoridades municipais, pela grande obra de renovação que estão empreendendo, dando um novo impulso ao progresso de Barra Mansa.”

*“A Viação Cidade do Aço que colabora com sua equipe no **progresso vertiginoso** de Barra Mansa, saúda o dinâmico prefeito, autoridades e o povo em geral pelo transcurso do seu 136º aniversário de emancipação política. SALVE BARRA MANSA! A Cidade Progresso!”*

“No dia em que Barra Mansa vê transcorrer mais um aniversário de sua Emancipação Política, congratulamo-nos com as autoridades, classes produtoras e o povo laborioso e culto desta pujante cidade, reafirmando-lhes os nossos propósitos de estar presente em todas as fases de seu progresso. Banco mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – Bamerindus.”

“O Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A, aliando-se às comemorações de mais um ano de Emancipação Política do Município de Barra Mansa, saúda seus governantes e o povo barramansense, pelo seu crescente progresso e engrandecimento.”

Jornal A Voz da Cidade. nº 1, de 3 de outubro de 1970:

A Deliberação nº 1.045, de 16 de setembro de 1970, oficializa o Brasão do Município de Barra Mansa.”

“...assim como o sol é o centro de um sistema planetário, Barra Mansa é o centro de um sistema político-econômico.”

No brasão ficam registrados: as três setas que crucificaram São Sebastião, santo com o nome do qual fundou-se a primeira capela que deu origem à cidade; o rio Paraíba do Sul recebendo o rio Barra Mansa entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, e o céu em prata com um sol flamejante; as três fases econômicas do município: agricultura, pecuária e indústria; um escudo de prata em lugar do escudo do Barão de Aiuruoca e sob o escudo uma faixa com o lema paz-justiça-labor em latim.



Fig. 52 - Brasão do Município

Cine Éden

O prédio do antigo Cinema Éden foi demolido em junho de 1962, funcionando o cinema até à véspera da demolição. O terreno deu lugar ao atual edifício Éden, que abriga atualmente em seu térreo a agência do BANERJ.

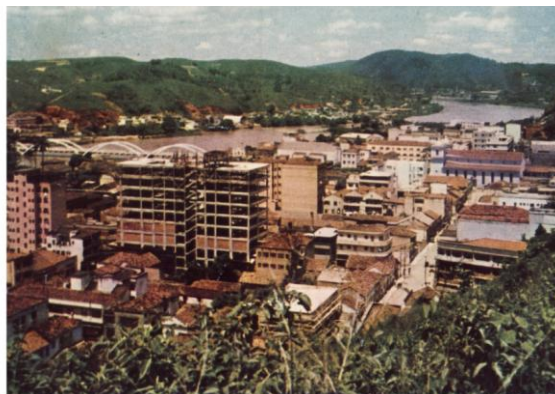


Fig. 53 - Cartão Postal anos 1960
Vista Parcial do centro mostrando
a construção do edifício Éden – acervo André Couto.

Cine Palácio

O Cine Palácio, por seu tamanho e estrutura, agrega os espectadores de cinema da época e funciona também como auditório para shows, formaturas e outros eventos.

“Quando o Palácio foi inaugurado, o Éden foi abandonado pela elite...a elite foi toda para o Palácio, né? Quando inauguraram o Riviera cinqüenta por cento da elite foi para o Riviera e abandonou o Palácio.” (Trecho da entrevista com Sr. Antônio leal, responsável pela programação dos cinemas da cidade durante os anos de 1958-68).



Fig. 54 - Cine Palácio - década de 1960
Acervo Clécio Penedo

Cine Riviera

O Cinema Riviera, com dimensões muito maiores do que os dois cinemas anteriormente citados, cumpriu um longo período de existência e atrações, desde sua inauguração em 27 de maio de 1959 até o início de sua decadência, na década de 1970. O cinema possuía 2500 lugares.

“Dia 5 no RIVIERA ROBERTO CARLOS - RC-7 A maior promoção do ano”. (REVISTA CARNET SOCIAL EXTRA -3 de outubro de 1968).



Fig. 55 - Panorama da Cidade de Barra Mansa na década de 1960, produzido pelo Foto Brasil Acervo Cecília Pacheco

BARRA MANSA: IMAGENS E IDENTIDADES URBANAS

CAPÍTULO III

INDUSTRIALIZAÇÃO: BENESSE E GLÓRIA, FRAGMENTO E DESARTICULAÇÃO

III.1 - Industrialização: do apogeu à crise de valores urbanos

*“Depois da revolução de 1930, operou-se uma outra mais proveitosa para o país - a da siderurgia, da qual foi grande animador o presidente Getúlio Vargas. Como resultado, aos poucos, foram surgindo no município diversas e importantes indústrias, não só de ferro e aço como de outros produtos... culminando, porém, com a instalação, em 1941, da Cia. Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, que nessa época ainda fazia parte do município, como um dos seus distritos componentes. Como era de se esperar, a existência dessas indústrias em seu território não levou muito tempo para transformar Barra Mansa em uma **“Pittsburg Fluminense”**, assinalando ao mesmo tempo uma nova fase de progresso para o município e o marco inicial da emancipação econômica do país.”* ATHAYDE (1971:21-22)

Os principais registros históricos disponíveis nos arquivos das duas cidades, sobretudo aqueles que remontam à história de urbanização de Volta Redonda, apagam inteiramente a importância de Barra Mansa e de sua posição estratégica para acolher a instalação de uma usina de tão grande porte como a CSN. Esta atitude parece dever-se a uma tentativa de creditar a Volta Redonda uma história atrelada desde sempre ao seu desenvolvimento e autonomia, na verdade alcançadas só paulatinamente após a implantação da empresa. Lamego (1963:125) não se refere claramente, em sua análise descrita abaixo, por exemplo, ao fato de a usina ter sido construída em terras barramansenses:

“O determinismo geográfico estabelecendo as vias de comunicação mais naturais entre São Paulo e Rio e entre campos mineiros e Angra dos Reis, condicionou como centro de intercâmbio a

zona de Barra Mansa, predestinando-lhe a primazia na inauguração da nossa indústria pesada. Não sendo escolhida a cidade mesma pelos motivos geográficos citados, nela, todavia, pela vizinhança da grande fonte de ferro e aço, novas e prósperas indústrias certamente em breve irão surgir, solidificando-lhe o seu organismo comercial”

A interpretação de Lamego nos deixa em dúvida. A que diz respeito a primazia citada pelo autor? Ao fato de ter sido no município de Barra Mansa, em seu 8º Distrito, a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional? No parágrafo seguinte ele diz não ter sido ela a cidade escolhida. Sabe-se que foi à época em seu território, e isso não é claramente descrito por ele. Lamego diz também da possibilidade futura de implantação de outras indústrias, não relevando o fato de já estarem em Barra Mansa instaladas, desde a década de 1930, o Moinho Barra Mansa, a Siderúrgica Barra Mansa, a Cia. Nestlé de Alimentos e a Metalúrgica Barbará, e desde 1949, a indústria Dupont do Brasil.

O historiador J.B. de Athayde (1965), ao discorrer sobre a história urbana de Volta Redonda, também não releva a posição estratégica de Barra Mansa, a qual pertencia o oitavo distrito, e que já sediava várias indústrias, inclusive a siderúrgica, na decisão locacional do governo federal. Analisa assim o oitavo distrito quase como uma cidade autônoma, mesmo antes da implantação da Usina. Ele escreve:

*“Graças, porém, às suas condições geográficas favoráveis, novas e promissoras perspectivas ainda lhe despontaram, em 1941, com sua escolha para sede de uma indústria siderúrgica que o Governo Federal, sob a chefia de Getúlio Vargas, decidira construir. Fundada a Cia. Siderúrgica Nacional, sob a presidência do Eng. Guilherme Guinle, observou-se – já nos princípios, que a proporção que as obras da usina e da **cidade** operária caminhavam sob a direção do Cel. Edmundo de Macedo Soares e Silva – o velho povoado de Volta Redonda, na margem esquerda do Paraíba, e o pequeno núcleo urbano localizado nas proximidades da estação velha da Central do Brasil, expandiram-se em ritmo quase semelhante, sob o influxo benéfico do grande*

*empreendimento, transformando-se rapidamente numa **grande cidade**. Sua maioria política, social, econômica e cultural, em 1950, já era uma esplêndida realidade, que só alguns poucos, movidos por interesses mesquinhos, tentavam, debalde, encobrir, quando começaram surgir os primeiros anseios de autonomia política e administrativa do **distrito**, cujas terras vinham fazendo parte do termo do município de Barra Mansa, desde 1832.” (ATHAYDE, 1965:33)*

DISTRITO INDUSTRIAL ou CIDADE INDUSTRIAL: o que se pensou e se estabeleceu de fato em Volta Redonda? Abre-se aqui uma indagação. Se a intenção era a de construir uma “**cidade industrial**”, porque não o fizeram política e administrativamente desde o início.

As questões locacionais e político-administrativas da Companhia Siderúrgica Nacional e de Volta Redonda parecem ser apenas detalhes, se vistas no bojo das transformações ocorridas no município de Barra Mansa neste período de industrialização, mas é justamente este fato o que parece ter estado sempre latente nas representações que a cidade constrói de si mesma nos anos subseqüentes. É o oitavo distrito que, a partir desta decisão locacional, passa a receber todo o foco de atenções: é para lá que se transferem as expectativas de surgimento de uma “*Manchester*” ou de uma “*Pittsburg*”.

Paulatinamente colocada à sombra no âmbito regional, e sem instrumentos locais para estabelecer um diálogo com a instância federal, responsável pelos destinos de Volta Redonda, Barra Mansa passa a se sentir aquém em suas possibilidades de cumprir o seu futuro de pólo também industrial traçado anteriormente.

Outro fato de muita relevância no processo de industrialização dos dois municípios, hoje assim legitimamente considerados, é que Volta Redonda recebeu, desde a origem da instalação da usina, um projeto urbanístico e muitos outros estudos urbanísticos subseqüentes.

O projeto para a Vila Operária de Volta Redonda organiza o território para receber a atividade industrial. Mesmo que hoje não sejam poucas as considerações a serem feitas sobre as incoerências do projeto de Attílio, Volta

Redonda parte de uma elaboração contemporânea à atividade que intencionava desenvolver. Barra Mansa recebe a atividade industrial de forma menos planejada, em princípio, se não de forma totalmente “improvisada”.

A centralidade instaurada na atividade industrial, cada vez mais demarcada por Volta Redonda, fez com que não só Barra Mansa, mas outros municípios vizinhos, mesmo não recebendo nenhum plano efetivo de estruturação e expansão, se adequassem àquele modelo de cidade. Leia-se nesta adequação os fragmentos formais que podem ser identificados – a substituição pouco rigorosa das suas edificações, a perda de potencialidade dos centros tradicionais, a instalação de indústrias de vários gêneros sem nenhuma restrição de localização, a expansão desordenada em consequência do forte processo migratório³⁰, os eixos viários que estruturam a expansão, e a paulatina tentativa de suplantando a sua imagem ligada à atividade agropastoril e afirmar a sua imagem de cidade moderna e industrial.

É possível identificar assim diferenças fundamentais na forma como o modelo de cidade moderna e industrial representado por Volta Redonda foi absorvido nestas cidades. No caso específico da cidade de Barra Mansa, isto se torna mais evidente pela relação de proximidade e dependência. De fato, se hoje as duas cidades se apresentam como municípios autônomos e conurbados, historicamente este processo tem momentos de nítida mudança nas relações entre esses dois centros.

Se, no começo, Volta Redonda se apresenta como um “distrito” dependente de Barra Mansa, e, neste sentido, periférico ao centro principal de Barra Mansa, esta situação será inteiramente revertida após 1954, quando aquela cidade conquista autonomia municipal. A partir de então se observa um movimento recorrente que levará Barra Mansa a ter sua imagem de “velho centro” colocada em concorrência com a nova forma de vida urbana “moderna” e “industrial” associada à Volta Redonda.

³⁰ “Entre 1970 e 1980, Barra Mansa apresentou um crescimento populacional de 53,11%, tendo em vista a grande afluência de migrantes provocada pela atividade da CSN. Esse salto não teve continuidade na década de 1980, quando o crescimento foi de 11,36%. Tal resultado teve como motivo a desaceleração do crescimento vegetativo da população brasileira e a retração da economia que determinou a diminuição da atividade siderúrgica e, conseqüentemente, a diminuição do fluxo migratório para a região. Dados do IBGE População de Barra Mansa 1970 (95.848 habitantes); 1980 (146.750); 1991(163.418) e 2000 (170.593).” REVISTA PERFIL DE BARRA MANSA, convites para bons investimentos. FIRJAN, 2000. p.9; Ver também anexo 3 (tabelas do perfil demográfico nas últimas décadas.

Esse movimento de desqualificação do longo passado de Barra Mansa, inscrito em uma série de “velhos” edifícios e zonas urbanas, levaria a destruição ou abandono de alguns dos mais significativos exemplares do seu patrimônio edificado, associados a uma história que se desejava suplantar ou esquecer. A proximidade com Volta Redonda intensifica as influências do modelo de cidade moderna e industrial e Barra Mansa tem seu espaço urbano reestruturado de forma pouco criteriosa.

Consolida-se, entre as décadas de 1960 e 1970, a influência do modelo de cidade representado por Volta Redonda. Os dirigentes barramansenses tentam, através de intervenções físicas, atingirem os ícones do desenvolvimento econômico instaurados na cidade vizinha, sobrepondo ao tecido urbano de Barra Mansa estruturas desproporcionais e visivelmente inadequadas e permitindo, sem nenhum controle urbanístico, que se estabelecessem uma descontinuidade construtiva, uma perda da qualidade dos espaços livres públicos, e a destruição e desfiguração de edifícios formalmente significativos.

É possível identificar com isso uma fragmentação formal e uma perda progressiva de sua antiga identidade urbana, sendo cada vez mais difícil singularizar Barra Mansa enquanto cidade. Este cenário de sobreposições, descuido e descaso com a cidade existente, que em certa medida caracteriza uma rejeição à sua falta de adequação ao modelo de cidade agora valorizado, atingiu seu ápice na década de 1980, simbolicamente representado pela demolição do antigo edifício do Fórum e pelo incêndio da antiga Estação Ferroviária, ambos sob a conivência do poder público municipal.

A demolição do edifício onde funcionava o Fórum ocorreu em outubro de 1983, para dar lugar à “moderna” agência do Banco Itaú, na principal avenida comercial do centro da cidade – a Av. Joaquim Leite. Estando ali localizado desde 1885, o prédio havia abrigado o Grupo Escolar Fagundes Varela, uma das primeiras escolas do município. Estava bastante impregnado na imagem física da cidade e daquela avenida. Concedida pelo governo municipal, a demolição do Fórum foi um acontecimento que provocou reações contrárias da

população de todas as idades, com crônica nos jornais locais e movimentos de jovens que passaram a pensar não só nesta, mas nas futuras demolições.

Inicia-se aí um movimento preservacionista liderado sobretudo pelos jovens, artistas e intelectuais da cidade, que recebe o nome de MOVIMENTO CULTURAL. A causa prioritária era a reforma da antiga estação ferroviária, abandonada e em ruínas. Propunha-se a sua restauração e a criação de uma casa de cultura. Escrevem-se crônicas e poesias, elaboram-se desenhos e adesivos, organizam-se manifestações, até conseguir o tombamento estadual da estação pelo INEPHAC ao final do ano de 1987. Em janeiro de 1988, um incêndio criminoso destrói boa parte das ruínas da estação.

Apesar de demonstrarem o ápice do descaso do poder público e de boa parte dos moradores em relação à cidade, estes acontecimentos representaram um ponto de inflexão, o início de um processo do qual emergem questões ambientais (a despoluição do Rio Paraíba) e de preservação do espaço urbano mais emblemático da cidade – o seu centro principal. Um momento fértil para o relacionamento entre a cidade e a população, onde as sucessivas imagens e as identidades cristalizadas entraram em processo de avaliação.

As Imagens da Cidade
Barra Mansa 1970-1988

O RIO, A CÂMARA, O PARQUE, A ESTAÇÃO
o crescimento demográfico, o centro e a
periferia, a crise

As indústrias



Fig. 56 - Cia Nestlé de Alimentos – Revista 50 anos Nestlé -1987

“Com essas características de cidade-trabalho, Barra Mansa constitui, hoje, algo particular para seus habitantes, que fazem questão de manter o slogan poético com o qual foi batizada – “A pérola do Paraíba”-, embora sua marca maior seja o vaivém incessante de carretas e caminhões pesados por toda a cidade, as linhas férreas – que transportam progresso – também tolhendo o seu natural movimento citadino, o rio, outrora caminho e via de escoamento, agora um obstáculo a ser penosamente transposto. Nada detém, no entanto, o crescer da cidade, na proporção direta de seu progresso econômico.” (REVISTA COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DA NESTLÉ, Barra Mansa, 1987)



Fig. 57 - Metalúrgica Bárbara – Revista dos 50 anos da Nestlé - 1987

Volta Redonda – a CSN

Área de Segurança Nacional - Planos de expansão e reestruturação urbanística subsidiados pelo Governo Federal e a CSN.



Fig. 58 - Plano de Expansão do Bairro Aterrado
década de 1970

“...Pouco depois seria a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, no distrito de Volta Redonda, que completaria a total transformação do panorama regional, estabelecendo, dada a proximidade das duas cidades (hoje, elas praticamente se ligam, mantidos apenas os limites formais), um único centro fervilhante de trabalho.” (REVISTA COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DA NESTLÉ. Barra Mansa, 1987).



Fig. 58 - Construção do viaduto da Ponte alta –
Dec. 1970. Acervo C. Penedo.

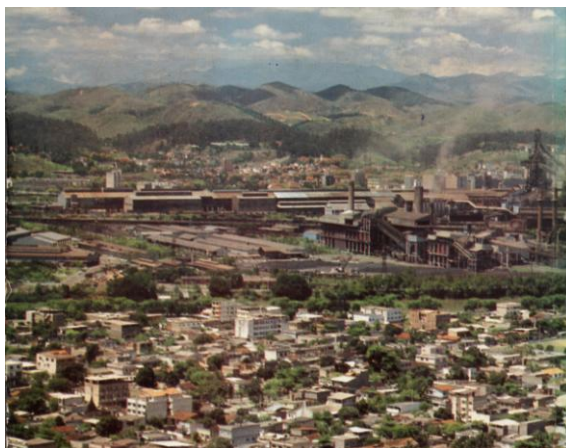


Fig. 60 - Companhia Siderúrgica Nacional –
Bairro Retiro – década de 1980

Rio Paraíba do Sul



Fig. 61 - Vista Parcial da área central – Revista 50 anos Nestlé - 1987

*“...Barra Mansa, Barra Mansa,
Cidade do Paraíba,
Um rio que já morreu.
Barra Mansa, Barra Mansa,
Se o passado não te alcança,
Qual será o futuro teu?....”*

(LEAL, J.M. do Lago Leal. Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada. Barra Mansa, agosto de 1987)

Igreja e Largo da Matriz

A Igreja e a Praça Ponce de Leon “modernizadas” tem o seu entorno composto por uma substituição de edifícios, sem controle e qualidade técnica.



Fig. 62 - Praça e Igreja da Matriz de São Sebastião
Revista 50 anos Nestlé , 1987.

Parque da Preguiça



Fig. 63 - Interior do Parque da Preguiça
Foto: Márcio Ramos – década de 1980.

O Parque tem sua composição paisagística e seu caráter de contemplação cada vez menos valorizado ao longo da década.

*“...Barra Mansa, Barra Mansa,
Do teu Parque Centenário
Onde eu ia namorar,
Só a saudade ficou
Pelos cantos a chorar
Árvores, velhas amigas,
E as palmeiras mais antigas,
Onde o vento ia brincar,
Já morreram, já se foram,
Sem versos e sem cantigas
Que as pudessem lamentar.
E jamais alguém pensou
Em plantar ou replantar...”*

(LEAL, J.M. do Lago Leal. *Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada*. Barra mansa, agosto de 1987)



Fig. 64 - Interior do Parque da Preguiça – Foto: Andréa Auad -1988

Câmara Municipal

As reformas de ampliação ocorridas entre os anos de 1970-72, inserem o pavimento superior na área já ampliada anteriormente. As sucessivas reformas não retirariam, entretanto, a expressão e a imponência do edifício.

“Barra Mansa – uma cidade em extinção espontânea (e você vai ficar aí parado?)” (Panfleto assinado por algumas associações culturais da cidade solicitando a ocupação de parte do prédio da Câmara, a ser desocupado pela Prefeitura, como Centro Cultural – 1984).

Durante 70 anos a Prefeitura ocupou parte do edifício. Somente em 1984 devolveu a parte ocupada à Câmara. Em 1986, através da resolução nº 06/04/86, a Câmara denominou o edifício de “Palácio Barão de Guapi”.



Fig. 65 - Prédio da Câmara – Revista 50 anos Nestlé - 1987

Fazenda da Posse

O abandono caracterizaria o estado físico do marco inicial de ocupação da cidade, citado, entretanto, em todas as revistas comemorativas institucionais.



Fig. 66 - Fazenda da Posse – Década de 1980

Preservação

Em outubro de 1983, acontece a demolição do edifício do Fórum, antigo Grupo Escolar Fagundes Varella, majestoso casarão neoclássico que ocupava um terreno junto à praça da Matriz de São Sebastião. Sua propriedade havia sido negociada entre a Prefeitura e o Poder Judiciário, já sendo, à época, patrimônio municipal. O mesmo foi vendido ao Banco Itaú, sendo consentida a sua demolição.



*“...Um cisco de Fórum invade meu espaço ocular
Eu jogo estas pobres palavras no ar
Enquanto passo a cada minuto diante disso tudo
E fico mudo
E fico surdo
E meu coração chora
Acho tudo isso um absurdo...”*

(Trecho do poema “Um cisco de Fórum no meu olho”, de Alessandro Alex, JORNAL DO BARRÃO, nº 17, 13 a 31 de outubro de 1983)



Fig.67 - Desfile Cívico vendo-se o edifício do Fórum - ex-Grupo Escolar Fagundes Varella -1958 – Acervo Cecília Pacheco

*“...O nosso Grupo Escolar,
Velho Fagundes Varela,
Já não teve a mesma sorte;
Foi luz forte que brilhou
Das mentes porta e janela
E virou Casa de Câmbio,
O progresso o derrubou...”*

(LEAL, J.M. do Lago Leal. *Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada*. Barra Mansa, agosto de 1987)

Aspectos Sociais e econômicos

Organização da “Lista de Bens de Interesse histórico existentes no município de Barra Mansa”- Pesquisa de José Joaquim Silva, o Padre Silva, para o Ponto de Ação Cultural. (déc.1980).

Relatório da situação cultural no Município de Barra Mansa”, enviado em 29 de agosto de 1983 ao Vice Governador Darcy Ribeiro pelo Jornalista José Afonso Gonçalves – Diretor do JORNAL DO BARRÃO:

“...Portanto, senhor Secretário, é fundamental que seja feito o tombamento do antigo Fórum (pelo menos este será possível salvar), para preservar o pouco que ainda resta da história local, antes que a cidade seja completamente descaracterizada e o povo barramansense tenha a sua memória cruelmente castrada. E tenha certeza, professor Darcy Ribeiro, que o tombamento do antigo Fórum será muito bem recebido por estudantes, professores, intelectuais, artistas, trabalhadores e o povo em geral, como atesta o requerimento público que faz parte da documentação anexada”.

*“Barra Mansa, Barra Mansa,
Vitórias materiais
Decepções intelectuais.
Barra Mansa, Barra Mansa,
Cidade que já foi mansa
Barra Mansa, nunca mais.
Barra Mansa, Barra Mansa,
De tantos valores idos
Entre achados e perdidos
Não se encontra o seu passado.
Barra Mansa, Barra Mansa,
Venho pra dar um recado:
Se o passado é esquecido
O futuro é malsortado...”*

(LEAL, J.M. do Lago Leal. *Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada*. Barra mansa, agosto de 1987)



Fig. 68 - Edifício do Banco Itaú – Foto: Andréa Auad

Antiga Estação Ferroviária

O estado de completo abandono do edifício da antiga Estação Ferroviária desencadeia um processo de mobilização social em torno de seu tombamento e recuperação.

"O FÓRUM AINDA FAZ CHORAR MEU CORAÇÃO. NÃO PERMITA QUE O MESMO ACONTEÇA COM A ESTAÇÃO". (Manifesto organizado pelo Movimento Cultural de Barra Mansa em abril de 1983).

"A cidade que perde suas raízes perde a sua identidade - TOMBAMENTO JÁ - A velha Estação pede socorro e quer ficar. Venha somar conosco pela preservação de nossa memória histórica e cultural de Barra Mansa"
(JORNAL DO BARRÃO, nº 20, maio de 1984).



Fig. 69 - Adesivo da campanha pelo tombamento de antiga Estação desativada. Movimento Cultural, 1987. Arte: Clécio Penedo

*Vens resistindo
à investida
dos imbecis
vermes da destruição
com a força
própria d'uma deusa
deusa mente bela
bela mente forte*

(MEDEIROS, Marco e CAMILO, Alexandre. *Tributo a Estação. Barra Mansa, 1985*).

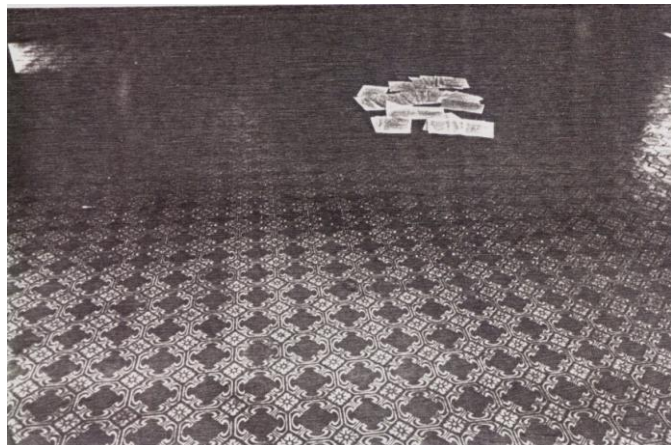


Fig. 70 - Interior da antiga Estação ferroviária - Trecho do piso em ladrilho hidráulico. Levantamento INEPHAC - 1987.

“...A Estação hoje articula-se com as palmeiras imperiais do outro lado da linha e com as sedes históricas da Câmara e do Clube que ladeiam a praça central formando tudo isso o núcleo histórico símbolo coeso da própria personalidade urbana de Barra Mansa.” (Parecer técnico de Ítalo Campofiorito – Coordenador da Fundação Nacional Pró Memória, em 17/08/1987. Pesquisa inserida no processo de Tombamento da antiga Estação Ferroviária - INEPHAC).

*“...Estação, velha Estação,
O teu prédio tão antigo
Ninguém manda restaurar;
Folha triste, amarelada,
És o pouco de memória
És a folha que restou
De todo um livro de história.
Estação, velha Estação,
Que o século viu passar,
...Estação, velha Estação,
Nada era como agora,
Tu tinhas lindo jardim
Que avançava rua a fora.
Esse o progresso roubou,
Progresso que sendo “luz”
Por vezes apaga a Aurora...”*

(LEAL, J.M. do Lago. *Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada*. Barra mansa, agosto de 1987).

“INCÊNDIO AMEAÇA HISTÓRIA” – Na manhã do último dia 24, Domingo, um incêndio deixou o antigo prédio da Estação em estado lastimável. Ela que já vinha sofrendo durante anos de total abandono, sofre mais esse impacto, que tornará esse patrimônio histórico de nossa cidade peça difícil de ser restaurada”. (JORNAL DO BARRÃO, nº81 27/01 a 12/2/1988).



Fig. 71 e 72 - Estação incendiada
Fotos Andréa Auad – 1988



Av. Joaquim Leite

A avenida passa por uma substituição cada vez mais expressiva de seus edifícios que se tornam cada vez mais altos. Permanece sendo um local vigoroso de encontros e trocas de toda a população da cidade.



Fig. 73 - Avenida Joaquim Leite – Revista 50 ano da Nestlé – 1987

“A partir das questões reveladas por Foucault (1985) podemos identificar na frase que o signo em questão é de natureza estética associada à ordem econômica e produtiva. A palavra pérola denota raridade, beleza, singularidade, preciosidade. A palavra trabalho, a riqueza e a prosperidade. As duas idéias se articulam e misturam o significado. Há uma idéia de harmonia entre elas, entretanto, o signo Pérola é mais forte, incidindo inclusive no trabalho. Analisando identidades e diferenças, os trabalhadores se distinguem dos não trabalhadores. O que os diferencia é o não trabalho. A identidade e a inserção estão no trabalho. A identidade diz respeito à atividade produtiva como um todo.”

(Moreira, Andréa Auad. Trecho do Trabalho da Disciplina Teoria do Simbólico, ministrada pelo professor Frederico Araújo, IPPUR, UFRJ, 2001).

Renovação Urbanística

“Barra Mansa retira trens do centro – a prefeitura de Barra Mansa poderá implantar, ainda este ano, um projeto urbanístico, pelo qual serão adotadas, entre outras medidas, o deslocamento do pátio de manobras da RFFSA do centro para o local da Vila Barbará. Pelo projeto, o atual pátio de manobras será transformado em duas avenidas e as linhas férreas passarão por viadutos, resolvendo assim o problema...” (JORNAL DO VALE, Volta Redonda 9 de janeiro de 1982)



Fig. 74 - Vistas da área central. Fonte : Revista 50 anos Nestlé- 1987

“Viadutos e duas avenidas vão desafogar trânsito no centro da cidade....O projeto urbanístico desenvolvido em convênio entre a Prefeitura e o Governo do Estado, seguindo o Programa de Apoio às Capitais e Cidades de porte médio.... Barra Mansa está na rota da ferrovia do aço...Isso só trará vantagens para urbanização da cidade.”

Nem a efetivação do Plano, nem o deslocamento do pátio, só a Ferrovia do Aço e suas inúmeras conexões.



Fig. 75 - Passagem de nível junto à Ponte dos Arcos
Foto: Andréa Auad - 1989

Cine Palácio

Após cumprir alguns anos dando sinais claros de decadência, com um público cada vez menor e sem conservação física, o Cine Palácio foi vendido e transformado em casa comercial do ramo de eletrodomésticos, na primeira metade da década de 1980. Sua Fachada, composta por linhas expressivas do estilo Art Decó, foi escondida pelo letreiro metálico da loja comercial.



Fig. 76 - Fachada das Casas Bahia – antigo Cine Palácio. Foto Airton Soares

Cine Riviera

Apesar de possuir uma estrutura técnica mais moderna, se comparado ao Cine Palácio, a dimensão do cinema (2500 lugares) e um público cada vez mais escasso contribuíram para o seu fechamento na década de 1980.



Fig. 77 - Panoramas da área central – 1987- Fotos: Andréa Auad e Adnilson Luís.

III.3 - Industrialização: da crise à re-significação de valores urbanos

Nas décadas de 1980-90 amplia-se na sociedade barramansense a noção de preservação formal de certos espaços urbanos e edifícios. É possível, a partir daí, observar em pequenos movimentos sociais, sinais de reflexão sobre os espaços de interação da cidade, espaço aqui compreendido pelos seus elementos constitutivos: forma, uso, significado e memória. Questões por décadas negligenciadas e suplantadas por uma idéia hegemônica de cidade, formulada principalmente a partir do modelo estabelecido em Volta Redonda.

Algumas intervenções podem ser exemplificadas neste sentido. A Ponte dos Arcos é recuperada após ser interditada por problemas em sua estrutura; a sede regional do SESC é instalada em uma antiga residência às margens do Rio Paraíba, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx (1986); o prédio da antiga Estação Ferroviária, incendiado em 1988, é recuperado pelo poder público municipal em parceria com a *Nestlé*; o Parque Centenário é revitalizado a partir de uma intervenção dirigida pelo paisagista Roberto Burle Marx³¹, em 1991; a Fazenda da Posse, núcleo original de fundação da cidade, é recuperada pelo SESI, em 1998. Ao mesmo tempo, porém, continuam a ser construídos viadutos, a serem despejados todos os tipos de poluentes no rio Paraíba do Sul, a se ter um controle incipiente sobre o uso e a ocupação do solo urbano.

É possível identificar também, num período mais recente, nos últimos 10 anos, sobretudo se centrarmos a análise nas notícias das iniciativas governamentais, que Barra Mansa tenta re-significar suas “imagens” e suas “identidades” urbanas. No tocante à preservação e conservação dos seus edifícios esta constatação pode ser apreendida pelas inúmeras reportagens que aparecem nos periódicos da região³² neste período.

³¹ A presença do arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx em Barra Mansa, além de garantir a qualidade da intervenção a ser realizada no Parque da Preguiça, evidenciava também o interesse e o engajamento demonstrado por um grupo de cidadãos que lutaram pela revitalização e preservação do Parque à época. Esse engajamento junto ao poder público municipal perdurou durante todo o processo de contratação do escritório de Burle Marx até a execução da obra. (ver anexos 07, 08 e 09).

³² Ver anexo 11 - Lista de manchetes do Jornal Diário do Vale.

Para compreender esse processo de questionamento social sobre o próprio significado da cidade e de sua história, é necessário ir além da estrutura formal e simbólica. Entram em cena novas prioridades, incorporam-se novas demandas. A idéia hegemônica de identidade urbana e social passa também, processualmente, a ser substituída pela possibilidade de se perceber e vislumbrar múltiplas identidades sociais e urbanas.

Embora a cidade, através de suas administrações mais recentes, comece a pensar em construir novas imagens de si própria, a pensar mais atentamente com o que deve se identificar, estes questionamentos ainda não se dão de forma a pensá-la como uma unidade singular, não se pensa em suas características próprias, que tanto foram negligenciadas em seu passado recente.

As notícias sobre preservação do patrimônio edificado, sobre a importância de preservar sua história, de embelezar e alargar ruas, de construir viadutos, de preservar o rio Paraíba, articulam-se de forma fragmentária com a sua imagem de cidade engajada na atividade industrial, em crise, e com a imagem cada vez mais positivamente re-significada da vizinha Volta Redonda.

Neste sentido, as comparações entre a infra-estrutura das duas cidades são muito freqüentes. É comum nos depararmos com cidadãos tecendo comparações já cristalizadas, não só sob o ponto de vista físico, mas também cultural. Frases como estas, descritas abaixo, foram recolhidas durante a pesquisa e norteiam o imaginário do cidadão barramansense, de várias origens sociais:

- *“Olha como Volta Redonda é bonita, como é bem cuidada. Aquilo sim é que é cidade, ruas largas, asfaltadas, tudo no lugar.”*
- *“A administração de Volta Redonda, essa sim é que é boa. Muitos viadutos, trânsito bom, até as favelas tem asfalto.”*
- *“Tudo em Volta Redonda é melhor, tem shopping, as coisas funcionam.”*

- *“Barra Mansa precisava aprender com Volta Redonda, alguém precisava dar um jeito nessa cidade”.*
- *“Isso aqui não tem jeito não, é muito feia essa cidade.”*
- *“Se quiser livraria, cinema, shopping, Lojas Americanas, tem que ir a Volta Redonda. Barra Mansa é muito atrasada”*
- *“Aqui não tem nada para fazer, só esse parque, não tem onde levar criança pra passear, se quiser tem que sair, ir à Volta Redonda”*
- *“O povo de Barra Mansa não tá nem aí para a cidade. Qualquer coisa tá bom.”*

A construção da imagem da cidade que *“não tem jeito mesmo não”* parece contagiar todas as iniciativas públicas e privadas em Barra Mansa. Mas o que parece necessário ser pensado antes que alguém possa *“dar um jeito nessa cidade”* é o que levou à construção dessa imagem tão negativa que a cidade formulou de si própria nos últimos anos.

É necessário repensar também o que aconteceu ao paradigma urbano representado por Volta Redonda ao longo destes 60 anos. O que realmente se cumpriu dentro daquele ideal utópico de desenvolvimento, progresso, forma e estrutura física e social de cidade. O que há de particularidades no entendimento e aplicação deste paradigma nas duas cidades.

Os slogans das últimas administrações (*“Governo democrático e popular - É tempo de mudança”* (1997-2000), e *“Por uma Barra Mansa Bonita e Melhor”* (2001-2004), formulados com o objetivo de “construir” uma imagem positiva da cidade para os cidadãos, não passaram por uma avaliação mais minuciosa e cuidadosa da origem do sentimento de baixa estima que paira sobre a cidade. Sem tentar averiguar as origens deste sentimento, que reside no inconsciente coletivo da população barramansense, as administrações não conseguem a reversão deste quadro, e os slogans não surtem os efeitos esperados.

Neste sentido, parece oportuno salientar aqui algumas questões fundamentais, que poderiam também ser avaliadas pelos administradores municipais quando da formulação dos projetos para a cidade. Uma delas, talvez a mais recente de sua história urbana, diz respeito à relação da cidade de Barra Mansa com o seu patrimônio industrial. Ao contrário de Volta Redonda, onde a CSN parece re-significar continuamente a sua relação com o governo municipal e os cidadãos da cidade, as Indústrias que se estabeleceram em Barra Mansa, excetuando o caso do financiamento concedido pela Cia. Nestlé para a reforma da Estação Ferroviária, não se articularam efetivamente com a cidade. Parcerias sociais e culturais não foram evidenciadas e estimuladas, apenas pode-se constatar, nas inúmeras revistas municipais consultadas, uma apologia às oportunidades de implantação e geração de empregos do setor industrial.

Um patrimônio anterior ao da indústria, intrínseco a todas as cidades, mas no caso de Barra Mansa vigoroso em todos os tempos de sua história, é o seu caráter comercial múltiplo. Desde as tropas do século XIX aos dias atuais, a cidade é feita de trocas, de passagens, de gente que vem até ela para consumir e/ou trazer novas “mercadorias”. Não cuidar deste patrimônio, presente em sua gênese de encruzilhada, parece negar a sua própria condição física e geográfica. Sua imagem de centro comercial sobrevive hoje muito mais pela tradição do que pela sensibilidade de seus governantes para impulsioná-la e promovê-la³³.

Um evidente descuido recente foi a retirada de circulação do “trem mineiro”, que trazia inúmeros consumidores do sul do Estado de Minas Gerais diariamente até Barra Mansa. O trem mineiro deixou de circular em agosto de 1996, depois de circular por décadas, sem que nada de efetivo fosse feito junto ao governo federal pelos dirigentes locais, que deveriam ser os maiores interessados neste intercâmbio comercial.

Outra questão que mereceria uma avaliação é a forma pela qual se estabelecem os limites reais e imaginários do município. A centralidade

³³ “*Levantamento da Junta Comercial de Barra Mansa no ano de 2002, apontou que o município por sete meses consecutivos, é a segunda cidade do Estado em abertura de lojas, ficando atrás somente do Rio de Janeiro*” *Jornal Diário do Vale*, 22 de maio de 2002.

estabelecida na área central da cidade induz a um entendimento limitado da extensão geográfica real da cidade. O entendimento do que é Barra Mansa hoje, para uma parcela influente e representativa de seus moradores, principalmente para aqueles de sua área central³⁴, limita-se a uma pequena parcela de seu território, e condiciona a maioria das intervenções urbanas na cidade.

Neste sentido, as decisões e perspectivas de intervenção para o centro e a periferia da cidade são desproporcionais. Assim, um grande número de moradores da chamada “periferia” da cidade, constituída por inúmeros bairros ocupados principalmente pelos migrantes trazidos pelo crescimento industrial, que teve o seu apogeu nas décadas de 1960-1970, acabam por estabelecer também uma relação pouco engajada com os destinos da cidade.

É oportuno considerar que a construção das relações dos migrantes com a cidade se deu de forma bastante diferenciada na cidade de Volta Redonda. Os migrantes que chegaram a Volta Redonda vieram, principalmente nos primeiros tempos de implementação da CSN, construir uma cidade, muitas vezes com o sentimento de estarem construindo a sua própria cidade ou a cidade de seus filhos. Em Barra Mansa a cidade já estava consolidada, e os que chegaram depois vieram ocupar o que não era cidade, o que de certa forma havia “sobrado”. Há que se pensar até que ponto estas áreas periféricas foram incorporadas de fato (administrativamente, urbanisticamente, socialmente e culturalmente) ao que se considera hoje Barra Mansa.

Se sob vários aspectos urbanísticos, principalmente ligados à qualidade dos serviços urbanos, os bairros periféricos não parecem estar integrados convenientemente à cidade, a sua população, que é bastante representativa em número, dá reflexos disto. Não sendo chamados a participar da "Barra Mansa", não parecem partícipes dela, portanto não parecem muito preocupados com seu destino, não parecem engajados na (re)construção de suas imagens e de seus valores. Neste sentido, nos lembra Carlos Nelson (1986:60):

³⁴ Identificados aqui os bairros do Centro, Ano Bom, Estamparia, Verbo Divino e Santa Rosa, visivelmente diferenciados, sob o ponto de vista das intervenções urbanas, em relação aos outros bairros do município.

"...participar de uma cultura é 'estar em casa' dentro dela. Isto corresponde a dominar uma certa quantidade de códigos classificatórios que, quanto mais gerais e abrangentes sejam, mais básicos são. Entre os conhecimentos básicos que permitem a convivência de milhares de pessoas e interesses, nos espaços tão reduzidos das cidades modernas, está a distribuição de um mínimo de significados coincidentes a uma coleção de lugares ordenados segundo convenções que, para os membros daquele grupo, são referências estruturais."

Um outro aspecto, ligado intimamente à questão da representação social da população, é a recente valorização do patrimônio histórico da cidade. Mesmo guardando um caráter por vezes alegórico, sem muita consistência de propósitos, este processo de valorização pode trazer à tona algumas singularidades de Barra Mansa. É preciso, entretanto, pensar instrumentos adequados de identificação do que sejam os verdadeiros “patrimônios” da cidade, e a quem pertence este patrimônio, sob o risco de cair de novo em ações frustradas e em comparações inevitáveis com o modelo já estabelecido, em estágio adiantado, na novíssima Volta Redonda.³⁵

O reconhecimento das peculiaridades, singularidades, dificuldades e inevitáveis fragmentações pelas quais passou a cidade de Barra Mansa talvez seja o caminho menos tortuoso e mais rápido para encontrar os instrumentos de valorização da cidade, que não sejam apenas frases de efeito, slogans destituídos de significado.

³⁵ Recentemente inaugurado, o “Espaço Memória”, que abriga o Memorial Getúlio Vargas e o Centro de Memória da Companhia Siderúrgica Nacional, responde aos anseios memorialistas atuais de forma ágil, bem elaborada e “bonita”. “Coisas de Volta Redonda”. O que fazer em Barra Mansa?

...
*Agora, após um século,
não és apenas a grande cidade industrial,
que escreve no azul, com o fumo das fábricas,
a mensagem do progresso!*

....
*Barra Mansa, és o Paraíba és o povo!
as lutas, as glórias, os bairros,
as ruas...*
*Mas és também a praça de cem anos da Matriz
Onde se fazem comícios no teatro das eleições...
Onde se armam as barraquinhas
Para as festas do padroeiro
Onde se samba o carnaval
Onde se namora
Onde se vende o torradiiiiiinho!
Onde se discute política
A vida alheia
E futebol!*

Lacyr Schettino
*"Nasce Uma Cidade". Poema comemorativo do 131º aniversário
de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA PROSA E
VERSO nºIX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, p.15-26.*

As Imagens da Cidade
Barra Mansa 1988 -2000

O RIO, A CÂMARA, O PARQUE, A ESTAÇÃO
Preservação, Recuperação, Memória, Desenvolvimento
permanências e transitoriedades, singularidades e
inadequações

As Indústrias

“...O município de Barra Mansa procura driblar a crise e mostra fôlego para dar a volta por cima...Essa terra de gente simples e trabalhadora dá provas de sua pujança, através do trabalho árduo, que levou Barra Mansa a ser um dos municípios que mais crescem em arrecadação em todo o Estado.” (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991 – Editorial)

“Barra Mansa – A pérola do Paraíba do Sul – o município é hoje pólo de atração, devido, principalmente, a sua crescente industrialização”. (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991:p.3)

“Indústrias fogem da crise - Apesar dos tempos de crise, a diversidade de empresas de grande, médio e pequeno porte, dão ao município de Barra Mansa fôlego para superar as dificuldades e socorrer, inclusive, municípios vizinhos, com absorção de mão de obra.” (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991 . p.36)

“Complexo industrial garante arrecadação de ICMS - ...as maiores empresas de Barra Mansa – Siderúrgica Barra Mansa, Cia Metalúrgica Bárbara, Dupont do Brasil, Nestlé, Vermasa, Purina, Emesa, Litográfica Matarazzo, Flumidiesel, Tuvibra,.....” (Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995, p.12)

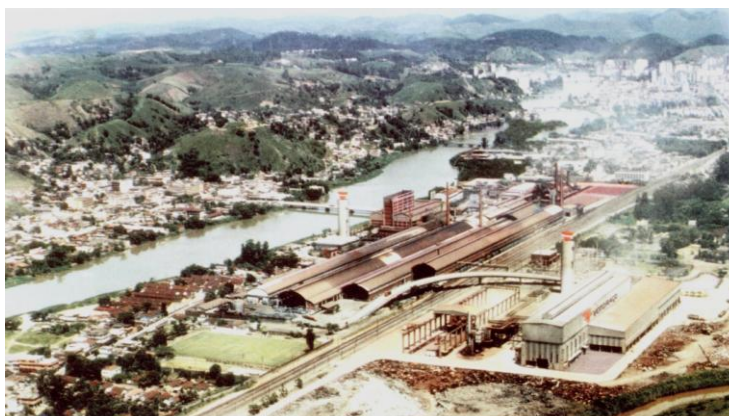


Fig. 78 - Siderúrgica Barra Mansa - Revista da FIRJAN – 2000.

*“A localização de Barra Mansa é privilegiada, uma vez que se encontra **ao lado** da maior usina siderúrgica da América Latina (CSN), dispõe de parte significativa da bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul e está servida pelo mais importante tronco ferroviário do país (RFFSA). Conta com um excelente sistema rodoviário que faz as ligações com as principais capitais e cidades da região sudeste, tendo a rodovia Presidente Dutra (BR116) em seu eixo central...As principais indústrias do município são: Siderúrgica Barra Mansa...; Companhia Metalúrgica Bárbara...; Nestlé...; Cilbrás...; Dupont do Brasil...; Metalúrgica Matarazzo...; Purina...; Emesa...; Griffin...”* (Revista da Representação Regional da FIRJAN: Perfil de Barra Mansa: Convite para bons investimentos, Barra Mansa, 2000).

Volta Redonda – a CSN

“Das concentrações urbanas que se apresentam nessa região a mais expressiva é a do complexo Barra Mansa /Volta Redonda, representando cerca de 56% da população do Médio Paraíba Fluminense. A proximidade entre as duas cidades (cerca de 10 quilômetros), a facilidade de mobilidade permanente entre suas populações e a solidariedade na utilização dos equipamentos urbanos de ambas, fortalecem as atividades econômicas e sociais...”

(Revista da Representação Regional da FIRJAN: *Perfil de Barra Mansa: Convite para bons investimentos*, Barra Mansa, 2000, p.8)



Fig. 79 - Barra Mansa – Vista aérea da área central – Foto: BOB -1998

“Qualquer semelhança não é mera coincidência - Quando olhamos para o lado e vemos uma cidade com tantas semelhanças com a nossa, fica a certeza de que temos muito mais em comum do que pode parecer a primeira vista. Somos, desde o começo, parte de um mesmo sonho. Partes de uma mesma terra, que soube acolher com generosidade aqueles que aqui vieram construir suas vidas. Barra Mansa e Volta Redonda, muito mais do que cidades vizinhas, são cidades-irmãs, e as linhas imaginárias que as separam são facilmente superadas pelos profundos laços de amizade que as unem”.

(Homenagem da Câmara Municipal de Volta Redonda - Revista *Barra Mansa 1832-1997* – (Comemorativa do 165º aniversário da cidade). PMBM, 3 de outubro de 1987).

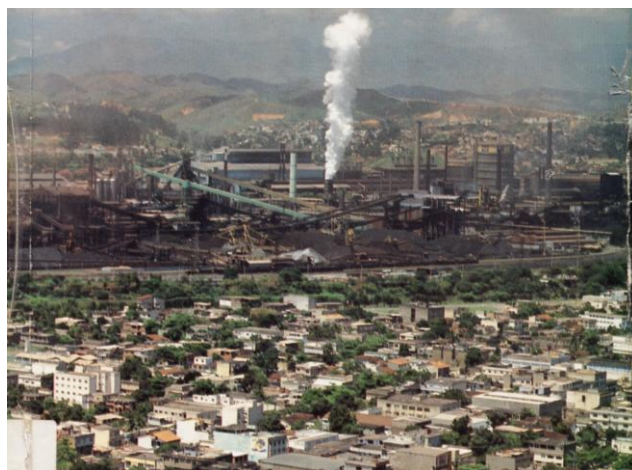


Fig. 80 - Volta Redonda – Panorama da CSN – Bairro Retiro Década de 1980 – Acervo Clécio Penedo

Rio Paraíba do Sul

“...Mas, apesar desse esforço todo, o município ainda tem lá seus problemas. O poluído rio Paraíba do Sul, por exemplo, ainda causa transtornos quando do período de chuvas;...”
(Revista *Municípios do Brasil*, Ano III – nº35/1991 – Editorial)

Quem será mesmo que causa transtornos?



Fig. 81 - Margem direita do rio Paraíba do Sul, Área Central
Foto: Andréa Auad, 2001



Fig. 82 - Foto panorâmica dos bairros Vila Nova, Vista Alegre e Vila Maria, em Barra Mansa. Foto: BOB, 1998.

“Dos projetos ambientais para a região, O projeto de despoluição do rio Paraíba do sul atende à região, tentando minimizar os danos causados à saúde das populações envolvidas. Compreende o controle da poluição industrial, a prevenção de acidentes, o tratamento de lixo e esgotos domiciliares, a fiscalização do garimpo, o zoneamento para atividades industriais novas, a proteção dos mananciais e o reflorestamento....” (Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995,p.4)

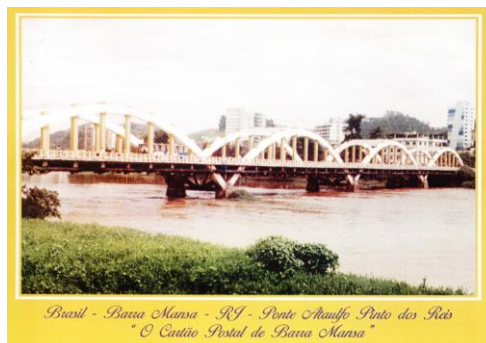


Fig. 83 - Cartão de Natal da Loja Maçônica Independência e Luz - 2000

Parque da Preguiça

“Reformado há 3 anos pelo paisagista Burle Marx, as características do Parque Municipal original forma recuperadas, as árvores centenárias mantidas e mudas de todas as regiões do Brasil foram plantadas... O local é o preferido pelos moradores do centro de Barra Mansa para caminhadas”.

(Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995, p.25)



Fig. 84 - Parque Centenário – Fotos Andréa Auad - 2000

“A permanente presença de pessoas desfrutando dos acolhedores espaços do Parque Centenário (Praça da Bandeira) é uma constante na vida da população, demonstrando a importância daquela área como um dos principais pontos de lazer da cidade”. (Revista da Representação Regional da FIRJAN: Perfil de Barra Mansa: Convite para bons investimentos, Barra Mansa, 2000)

“...o Parque da Preguiça permanece. Apesar das intervenções tantas vezes equivocadas, sempre se intenta preservá-lo, como um território intocável. É importante observar a força do “Jardim da Preguiça”, sua presença e permanência. O que lhe empresta esta força? De onde vem a energia e a motivação que o sustentam? Talvez por suas dimensões ou pelo que oferece à cidade, de alguma maneira a cidade o incorporou como patrimônio. Seu valor não é o do objeto, mas o da presença, o valor adquirido pela própria existência e de sua relação com a população. O Parque Centenário possui uma visibilidade que o tempo e as desordens em seu entorno ainda não conseguiram destruir. O monumento ao Centenário representa hoje não mais imponência e força, mas o tempo lhe deu o poder de símbolo de resistência, incorporando ao “Parque da Preguiça”, em sua vegetação, antes que outros interesses ou algum gesto equivocado venha apagar novamente nossos registros de memórias”. (Pesquisa e análise sobre o Monumento ao Centenário de Barra Mansa – Rosana Barbosa e Regina Oliveira, Dezembro de 2000 – Trabalho da Disciplina Comunicação e Semiótica do Curso de Educação Artística do Centro Universitário de Barra Mansa).

Câmara Municipal

O estado de conservação do prédio ilustra o cuidado que os administradores da casa legislativa tem para com o ele. Recebe sistematicamente a conservação de sua pintura externa, sendo as alterações internas feitas sem nenhum rigor projetual.



Fig. 85 - Edifício da Câmara Municipal – 1995 – Foto: Andréa Auad

Antiga Estação Ferroviária

“Fundação Nestlé ajuda na recuperação da antiga Estação Ferroviária de BM.” (Jornal O SUL FLUMINENSE, 22 a 28 de Junho de 1991).



Fig. 86 - Estação Ferroviária após o incêndio de janeiro de 1988.
Acervo Clécio Penedo.

“Aberta ao público no mês de agosto, a Biblioteca Municipal Professora Adelaide da Cunha Franco ocupa hoje o espaço da velha Estação Ferroviária, que foi totalmente recuperado. O prédio histórico, construído em 1871, teve suas características originais mantidas e é hoje um dos patrimônios históricos da cidade”. (Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995,p.24)

É importante situar aqui que as características originais do prédio foram apenas parcialmente mantidas, devido à falta de rigor técnico da administração municipal, à época, na condução das obras de restauração, não seguindo corretamente as instruções do projeto.



Fig. 87 - Prédio da antiga Estação Ferroviária, atual Biblioteca Pública
Foto: Andréa Auad, 2001

Av. Joaquim Leite

“O setor de comércio de Barra Mansa é um dos mais fortes da região, com uma capacidade de ofertas muito grande dada à diversificação dos ramos e a presença de lojas que atendem à variada demanda gerada pela economia regional. Diariamente recebemos fregueses oriundos de muitas cidades do Sul Fluminense, Norte de São Paulo e Sul de Minas...” (Revista da Representação Regional da FIRJAN: Perfil de Barra Mansa: Convite para bons investimentos, Barra Mansa, 2000,p.19)

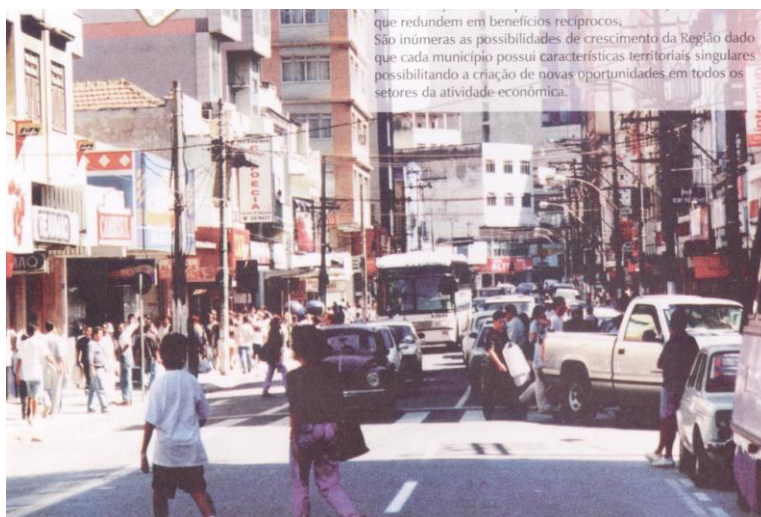


Fig. 88 - Avenida Joaquim Leite – Foto: Revista da FIRJAN, 2000.

Igreja e Largo da Matriz

“A praça da Matriz ganhou um novo visual”
(Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995,p.9)

A Praça Ponce de Leon é acrescida de um grande número de canteiros e bancos, que prejudica substancialmente a perspectiva da Igreja, auxiliada pela paginação anterior do piso em pedra portuguesa.



Fig. 89 - Igreja da Matriz e Praça Ponce de Leon
Revista da Administração Municipal – 3 de outubro de 1997

Intervenções urbanísticas

“Uma necessidade essencial identificada é a reformulação do sistema viário que, culminando com a transferência do pátio de manobras da RFFSA, dará maior dinamismo e possibilitará a reurbanização da cidade, permitindo ainda maior integração dos bairros periféricos.”



Fig. 90 - Pátio Férreo – área central da cidade – Foto: Baião, 1998

“Prefeito retoma desenvolvimento – a cidade resgata o que há 43 anos fora negado ao seu desenvolvimento: O Plano Diretor... Remoção de Pátio Férreo dá lugar a urbanização... De acordo com o projeto, a área remanescente resultará da remoção do pátio de manobras, ficando apenas as linhas de circulação dos trens ... estas áreas serão urbanizadas pela prefeitura permitindo, assim, melhores e mais vias de tráfego de veículos, estacionamento com ampla visão paisagística já definida pelo projeto....” (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991 – p.16-17)



Fig. 91 - Pátio Férreo – junto à antiga Estação Ferroviária
Foto: Carlos Antônio Baião, 1998

Preservação

“Convênio entre Prefeitura e Ibama, IEF e CSN impedem que os fantasmas da destruição acabem com a mata da Cicuta, uma das últimas áreas remanescentes da mata Atlântica.

“Inúmeras são as belezas oferecidas pelos monumentos históricos de Barra Mansa. A verdade é que uma caminhada pelo Brasil- Império pode ser feita entre o Parque Centenário e a Câmara Municipal...” (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991 – p.27)



Fig. 92 - Fazenda da Posse recuperada pelo convênio SESI/ PMBM - 1998

“Barra Mansa: Uma cidade que vive intensamente o presente sem renegar seu passado, buscando um futuro cada vez melhor” (Edição Comemorativa do 163º aniversário da cidade – PMBM, 1995)



Fig. 93 - Construção do Viaduto dos Trabalhadores – Foto: Andréa Auad, 2000

Aspectos Sociais e econômicos

“Barra Mansa, com a emancipação do distrito de Quatis, perdeu pontos na avicultura, mas permaneceu na liderança do gado de leite, que hoje abastece as três cooperativas da região.”

“Apesar da crise o comércio cresce...” (Revista Municípios do Brasil, Ano III – nº35/1991 – p.31,34)

“Apesar do despovoamento da zona rural, a pecuária leiteira e de corte apresenta resultados marcantes na economia do município A produção leiteira é de 95.000 litros diários...”

(Revista da Representação Regional da FIRJAN: “Perfil de Barra Mansa: Convite para bons investimentos”, Barra Mansa, 2000, p.19)

“Parabéns Barra Mansa, Parabéns barramansenses. De agora em diante somos nós, todos nós, que fazemos a nossa história.” (REVISTA Barra Mansa 1832-1997 – (Comemorativa do 165º aniversário da cidade). PMBM, 3 de outubro de 1997.

“Barra Mansa, quem ama cuida!”

“O futuro começa agora” (Revista Barra Mansa histórica, sócio-econômica, cultural. Edição comemorativa do 166º aniversário, PMBM, 3 de outubro de 1998)

Cine Riviera

A tentativa de reabertura ao final da década de 1980, utilizando apenas parte de sua capacidade, não vingaria como investimento privado, permanecendo a cidade até os dias de hoje sem uma sala de cinema.

Cine Palácio

O edifício, ocupado por uma loja de eletrodomésticos, teve sua fachada redescoberta à época da troca do letreiro. O poder municipal intimou a loja comercial a reformular seu projeto de comunicação visual, exigindo também a pintura da fachada.



Fig. 94 - Retirada do painel metálico da Fachada do edifício do antigo Cinema Palácio para reforma, atual Casas Bahia – Foto: Andréa Auad - Maio de 2002

CAPÍTULO IV

Imagens e Identidades Urbanas: dos conceitos à apropriação, “Um Patrimônio Imaginado”

A industrialização, que se estabelece em Barra Mansa no início do século XX, além de redirecionar as suas relações de tempo e espaço, redireciona as relações dos habitantes com a própria cidade. As impressões recolhidas neste capítulo tratam essencialmente do imaginário da autora, pontuado pelas leituras de diversas fontes iconográficas e escritas sobre a cidade de Barra Mansa, subsidiadas pela literatura contemporânea que elabora conceitos sobre imagens e identidades urbanas.

O ato de investigar sobre as imagens e as identidades de uma cidade implica, de forma metodológica, pensar um recorte espacial e temporal. No caso específico de Barra Mansa, se coloca uma questão central ligada à transformação de sua imagem como potente cidade agrária e comercial, ao final do século XIX, em centro industrial e comercial ao final do século XX. O que teria acontecido à imagem dessa cidade nos últimos cem anos? O que teria provocado transformações significativas nos signos que a identificam como cidade?

Se num primeiro momento a atividade industrial se implanta de forma muito semelhante a outras cidades do Vale do Paraíba Fluminense, isto se particulariza após a instalação, na década de 1940, da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, em seu oitavo distrito – Volta Redonda. Neste sentido não é possível investigar sobre as modificações essenciais relacionadas às representações sobre Barra Mansa, ou seja, sobre as representações entre a sua forma física e a imagem mental que fazem da cidade os seus habitantes, sem pensar o seu relacionamento com Volta Redonda.



Fig. 95 - Escritório Central da CSN – Foto: Andréa Auad - 2000



Fig. 96 - Companhia Siderúrgica Nacional
Bairro Vila Operária
Foto: Andréa Auad



Fig. 97 - Companhia Siderúrgica Nacional
Vista da Praça de Alimentação do Sider Shopping
Foto: Andréa Auad

“A cidade nos leva a estudá-la em confronto ou em comparação com outras cidades-irmãs e faz com que nos debrucemos sobre as características que as identificam para encontrarmos, nos meandros da fisionomia de uma cidade particular, os traços físicos ou construídos responsáveis pela sua identidade singular. Estamos diante de uma cidade concreta e seu estudo exige ser enfrentado na concretude da sua realidade fenomênica.” (FERRARA,2000)

Se o recorte temporal mais expressivo para o estudo das relações entre imagens e identidades urbanas de Barra Mansa parece se estabelecer entre os anos 1937 a 2000, período em que se compreende o início, o apogeu e a crise do ciclo industrial na cidade, é o seu centro urbano principal o lugar mais

significativo a ser recortado. Para este lugar geográfico parecem terem sido direcionadas todas as atenções ao longo da história da cidade. Esta afirmação pode ser ilustrada pelas descrições das fontes primárias e iconográficas recolhidas ao longo da realização da pesquisa. É sempre “este lugar” identificado como a Barra Mansa.

“...Minha Mãe me dizia que o Brasil era o coração do mundo..... e eu pensava: o coração do Brasil é o coração do mundo. Barra Mansa o coração do Brasil, e a avenida Joaquim Leite nº 466, onde então morávamos e meu pai tinha um estúdio fotográfico, o coração de Barra Mansa. E minha mãe não me contrariava. Mas que privilégio tinha eu, ter nascido no centro do mundo....” (Cleris dos Santos , "Velho Problema" — In: Revista Prosa e Verso XI – Grebal, 2000)



Fig. 98 - Avenida Joaquim Leite — Foto: Adnilson Luis, 1987.

Este centro tenta se adequar fisicamente durante todo o período industrial aos novos signos de representação do que seria o “ser cidade”, moderna, indústria e que, após a década de 1940, passa a ter um modelo muito próximo a ser paulatinamente materializado, a cidade de Volta Redonda. Se analisarmos os relatos sobre a cidade ao longo destas décadas, e também as suas fotografias e ilustrações poderemos identificar períodos de adequação e períodos de incoseqüentes mudanças nesta área da cidade. É sempre,

porém, uma adequação, uma construção de imagem que se realiza dentro de um processo de substituições “angustiadas” e “inglórias” quando comparadas a um modelo de cidade que vai se desenvolvendo em Volta Redonda, muito diferenciado do processo seguido por Barra Mansa.

“... a percepção da imagem urbana supõe uma concreta base material sobre a qual é gerada a tensão/produção de aspectos imateriais, talvez ilusórios, mas cada vez mais representativos da cidade; desse modo, a apropriação dos lugares urbanos se dá na exata proporção em que se multiplicam as imagens e seus imaginários.” (FERRARA, 2001:28)

A busca frenética das elites do poder público local por um alinhamento com a diretriz modernizante e industrial na qual ingressaram muitas cidades brasileiras após a década de 1930, e de forma mais direta, na tentativa de se alinhar ao desenvolvimento da sua vizinha Volta Redonda, após a década de 1950, fez com que os antigos signos do caráter urbano de Barra Mansa ou de seu desenvolvimento passassem a ser anulados, não se diferenciando ou sobressaindo das demais cidades, tornado-se assim paulatinamente “invisíveis”.



Fig. 99 - Av. Joaquim Leite
Foto: Andréa Auad, Maio 2001



Fig. 100 - Av. Joaquim Leite
Foto: Andréa Auad, Abril 2001.

Neste processo de perda de particularidades, foi esquecida e negligenciada pelos administradores, e por conseqüência por boa parte da população, uma série de valores urbanos, como por exemplo: a determinante presença física do rio Paraíba do Sul (ressaltando-se aqui a contribuição do Rio não só como recurso hídrico, mas como forte presença para a sua paisagem urbana); a substituição muitas vezes inconseqüente de suas edificações; a desatenção com os fatores negativos da ocupação desordenada de seu território; a negação da possibilidade de interação com a cidade já consolidada, do novo patrimônio social, formado pelos migrantes, instalados em sua maioria nos bairros periféricos.

Todos estes “descuidos” e “desatenções” parecem ter ocasionado feridas irreversíveis quando se estabelecem as descrições atuais sobre o espaço urbano de Barra Mansa. Embora os slogans elaborados pelas administrações mais recentes no sentido de tentar uma recuperação da cidade e de sua imagem se multipliquem, recuperá-la ou re-significá-la no campo das representações que a população, de um modo geral, estabelece sobre a cidade, é tocar necessariamente nestes aspectos antes negligenciados.

Neste sentido, é necessário que se perceba como a imagem material e imaterial, representada ao longo destas décadas, pôde provocar o imaginário de seus habitantes, influenciando enormemente a sua relação com a cidade.

“...imagem e imaginário urbanos são manifestações de dupla mão, ambos se referem à cidade como espaço físico e construído e como lugar que se individualiza naquele espaço. Nas duas situações, a cidade é cenário e atriz de uma relação social que contracena com o homem, usuário ou cidadão urbano.”(FERRARA, 2000:118)

Em se tratando das imagens, há aquelas que permanecem e aquelas que são transitórias. Há aquelas que mesmo permanecendo materialmente alimentam diferentemente o imaginário, com o passar dos tempos. Aquelas que não permanecem, que são mutiladas ou destruídas por agentes públicos e privados, ou até mesmo que permanecendo fisicamente, passam

despercebidas, não contribuem para a formulação do imaginário de forma vigorosa.

Identificar permanências e transitoriedades de uma cidade, a cada tempo de sua existência, é um exercício de leitura urbana que pode balizar a elaboração de intervenções na cidade com um maior grau de responsabilidade por parte de cidadãos, técnicos e administradores. Assim, como nos aponta Rossi (1995:49):

"...devemos ter presente que a diferença entre passado e futuro, do ponto de vista da teoria do conhecimento, consiste precisamente no fato de que o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser esse o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos."

Em Barra Mansa, o centro urbano é um acervo de imagens de todos os gêneros e tempos, não só as imagens que se encontram materializadas nas suas construções e no ambiente urbano, mas as imagens que podem ser lidas a partir dos relatos de seus moradores em diversas épocas.



Fig. 101 - Fachada das Casas Bahia, antigo Cine Palácio
Foto: Andréa Auad, 2002.

“Dissociar os estudos sobre urbanidade e as pesquisas sobre a morfologia urbana acarreta a perda da questão urbana em sua especificidade. A cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos comportamentos citadinos com os ritmos mais sincopados da evolução de certas formas produzidas. A complexidade é imensa.”
(LEPETIT,2001:65)

Nas temporalidades diversas, às quais nos chama atenção Bernard Lepetit, residem inúmeras possibilidades de leituras de um mesmo espaço que, descuidadosamente, poderíamos ler como sempre o mesmo. Na cidade, muda o leitor e muda o tempo do leitor, constantemente.

Essa idéia, no caso de Barra Mansa, remete, de forma imediata, a um fragmento da sua área central que merece ser destacado em função da sua permanência física, que, mesmo mutilada ao longo dos anos de sobrevivência, “permanece” de forma expressiva no imaginário de tantos homens, em tantos tempos. Trata-se do conjunto arquitetônico e paisagístico formado pelo edifício da antiga Estação Ferroviária, o Parque Centenário da Preguiça (Praça da Bandeira), o edifício da Câmara Municipal, o edifício do Clube Municipal (antiga residência no século XIX), e as margens do rio Paraíba do Sul, presença significativa na construção paisagística de Barra Mansa e que hoje, escondidas parcialmente, denunciam um certo desprestígio.



Fig. 102 - Margem direita do Rio Paraíba do Sul
Foto: Andréa Auad – Setembro 2001

Os relatos gráficos e iconográficos existentes deste conjunto nos auxiliam afirmá-lo como talvez a imagem de maior “permanência” da própria cidade, e hoje de seu centro. É ali que se concentram os maiores emblemas e “monumentos” da cidade. É daquela área que se referem orgulhosos os habitantes da cidade quando querem mostrar a Barra Mansa. Muitos destes mesmos habitantes se ressentem de ter só isso para mostrar.

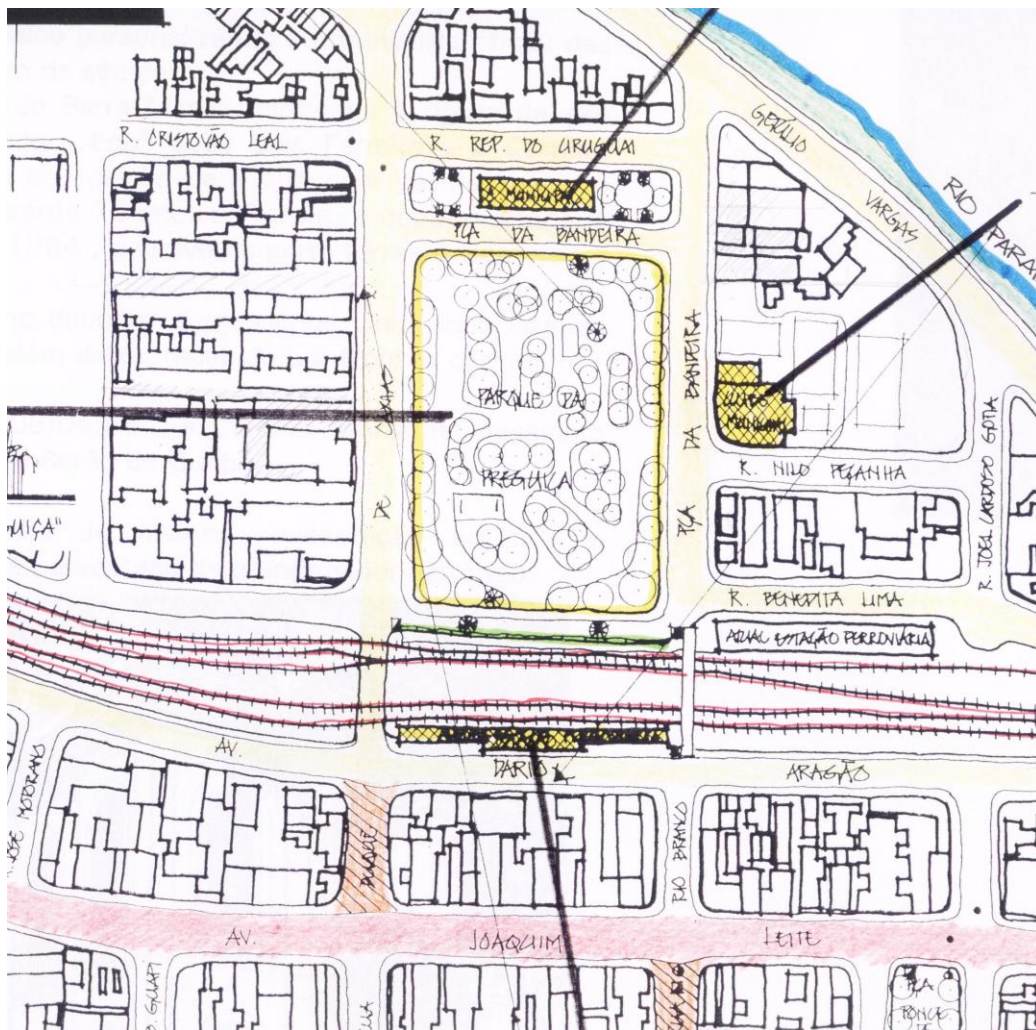


Fig. 103 - Conjunto Arquitetônico e Paisagístico na Área Central
Fonte: Projeto final de graduação, UFF – Andréa Auad - 1989



Fig. 104 - Antiga Estação Ferroviária
Foto: Airton Soares – 2001



Fig. 105 - Câmara Municipal e Parque da Preguiça
Foto: Airton Soares -2001



Fig. 106 - Clube Municipal
Foto: Andréa Auad – Maio de 2001

Um olhar mais atento nos auxiliaria ampliar este repertório. Apesar de esta ser a imagem de maior visibilidade da área central, não é necessariamente a única. As singularidades urbanas estão, no caso de Barra Mansa, escondidas, veladas. Seria possível ilustrar aqui alguns bons exemplos materiais que, inevitavelmente passeiam pelo imaginário de seus habitantes.

*“... a imagem urbana apresenta a chancela do hábito, do cotidiano descompromissado e, por isso mesmo, fortemente enraizado na cumplicidade das crenças e valores constatados pela visão e registrados coletivamente. Uma simples fruição.”
(FERRARA,2000:120)*



Fig. 107 - Av. Joaquim Leite.
Foto: Andréa Auad, Maio 2001

A qualificação das representações sugeridas por Ferrara (2000:119-120) nos auxilia a produzir uma seleção e ao mesmo tempo uma indagação temporal e espacial de algumas imagens da área central de Barra Mansa. Este olhar bisbilhoteiro intenciona chamar atenção para as inúmeras possibilidades de interpretação da qualificação proposta pela autora, indicando alguns dos inúmeros caminhos a serem percorridos pelo imaginário coletivo. Assim, é possível selecionar imagens e refletir sobre elas:

- “Imagem edificada – surge isolada na auto-suficiência do edifício onde a arquitetura fala por si mesma.”

Selecionar edifícios “auto-suficientes” é selecionar os já consolidados por seu caráter de permanência e também aqueles a serem redescobertos neste tempo presente. Tarefa que exige, no caso de Barra Mansa, um esforço de desvendar fachadas, eliminar pré-conceitos, redescobrir valores.



Fig. 108 - Parque e Câmara
Foto: Andréa Auad -2001



Fig. 109 - Avenida Joaquim Leite.
Foto: Andréa Auad -2001



Fig. 110 - Avenida Joaquim Leite – Foto: Ailton Soares -2001

- *Imagem escultórica – exhibe formas, materiais, volumes, cores, criando o seu próprio espaço, que pode ser transportada para vários contextos sem perder sua eficiência visual e sua iconicidade.*

Se a cidade produziu no passado estruturas edificadas escultóricas que falam de tempos e lugares sem perder a sua potência icônica, produz também no tempo presente novas dessas estruturas, que passeiam diariamente pelo nosso imaginário. O tempo presente é um tempo repleto de realizações a serem avaliadas como de nossa inteira responsabilidade futura.



Fig. 111 - Monumento Comemorativo do 1º Centenário.
Foto: Jesse Chiesse – 2001



Fig. 112 - Ponte dos Arcos.. Foto: Jesse Chiesse 2001



Fig. 113 - Portal da antiga Estação Ferroviária, atual Biblioteca Municipal. Foto: Andréa Auad – 2001



Fig. 114 - Construção do Viaduto dos Trabalhadores - 2001

- *Imagem emblemática – Reconstrução simbólica da história documental da cidade.*

A reconstrução da história de uma cidade passa necessariamente pela história individual de cada um de seus leitores, inculcados aqui os valores de seu tempo e de seu espaço. Onde e a partir de quando é possível para o observador “olhar” e “imaginar” esta cidade.



Fig. 115 - Antiga Estação Ferroviária, Atual Biblioteca Municipal
Foto Airton Soares – 2001



Fig. 116 - Sede da antiga Fazenda da posse reformada
pelo convênio PMBM/SESI. Foto: Andréa Auad –2001



Fig. 117 - Casario da Av. Domingos Mariano, centro.
Foto: Andréa Auad - 2001

- *Imagem renovada – responsável por manter a aparência urbana sobretudo moderna, saneada, e adequada.*

Os vários tempos atualizam a idéia do “ser cidade” moderna, saneada, adequada. A cidade se realiza a partir destas formulações. A cada tempo e a cada ator, uma idéia de renovação.



Fig. 118 - Av. Joaquim Leite – Foto: Andréa Auad –2001



Fig. 119 - Interior do Parque da Preguiça.
Foto: Andréa Auad –2001



Fig. 120 - Edifício Residencial
construído na década de 1980
Foto: Airton Soares - 2001



Fig. 121 - Av. Domingos Mariano.
Foto: Airton Soares 2001



Fig. 122 - Av. Joaquim Leite.
Foto: Andréa Auad, 2001

- *Referencial – demarcar, assinalar espaços, seus roteiros, lugares e geografia.*

Os roteiros estão relacionados com a identificação de lugares por pessoas. Há alguns roteiros que referenciam muitos lugares para poucos espectadores. Outros roteiros referenciam poucos lugares para muitos espectadores. Os lugares da cidade são diversos, as pessoas e seus tempos também. Múltiplos são os tempos, os roteiros e as referências.



Fig. 123 - Igreja Matriz – Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 124 - Interior Do Parque Da Preguiça.
Foto: Andréa Auad – 2001



Fig. 125 - Av. Joaquim Leite – Edifício Éden – Foto: Andréa Auad - 2001

- *Imagem estática – Panoramas e sky lines que identificam, à distância, o específico de uma cidade.*

O específico de uma cidade, as estruturas materiais que claramente a identificam, nem sempre estão relacionadas ao que convencionalmente se escolheu representar. O específico é também aquilo que se apresenta aos olhos e ao inconsciente coletivo mesmo sendo insistentemente negado, negligenciado.



Fig. 126 - Ponte Dos Arcos – Foto: Airton Soares - 2001



Fig. 127 - Pátio Férreo – área central – Foto: Andréa Auad - 2001

- *Imagem segura – Organiza a cidade, torna-a simbólica e representativamente eficiente.*

Em muitos casos, a sensação de segurança está relacionada ao conhecido, ao estabelecido, às certezas. A sensação de segurança é construída e, se desejada, deve ser alimentada a cada tempo, mesmo que mude o conhecido, o estabelecido, as certezas.



Fig. 128 - Av Domingos Mariano. Edifício Sede da Associação Comercial - foto: Airton Soares – 2001



Fig. 129 - Interior do Parque da Preguiça
Foto: Andréa Auad – 2001



Fig. 130 - Metalúrgica Saint Gobain, antiga Bárbara .
Foto: Andréa Auad - 2001

- *Imagem apelativa – Cartão postal, publicidade que concretiza o modo de reconhecer e avaliar uma cidade. Delícias de qualquer viajante desavisado.*

Os viajantes são muitos, nem sempre desavisados, e entretém relações de maior e menor proximidade espacial e temporal com o universo visitado. Assim, mudam o reconhecimento e a avaliação da cidade.



Fig. 131 - Ponte dos Arcos – Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 132 - Passarela sobre a linha férrea junto à antiga Estação Ferroviária. Foto: Baião, 1998.

- *Imagem pública – Faz circular valores e marcas, referências e identidades urbanas: Cristo Redentor, Estátua da Liberdade.*

Ser público, ser coletivo, ser de todos, por vezes, ser de ninguém. O que pode nos dar a certeza de sermos proprietários de um bem tão valioso como o espaço da cidade na qual habitamos?



Fig. 133 - Sede da Prefeitura de Barra Mansa – Antigo Moinho
Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 134 - Margem esquerda do rio Paraíba do Sul
Foto: Andréa Auad - 2001

Ao atribuirmos qualidades e valor às imagens materiais da cidade poderemos incorrer em muitos acertos, mas também em grandes erros. Se pensarmos apenas serem certas imagens materiais formuladoras do imaginário da população, naturalizamos a capacidade crítica do observador, do habitante que recebe outras informações advindas de outras “leituras”. Este trabalho, entretanto, tende a privilegiar a arquitetura e o urbanismo, o que nos leva a focar a dimensão material e “visível” da cidade.

Ao atribuirmos também valor às representações do imaginário, abrimos as possibilidades de leitura da cidade. É aí que residem, substancialmente, as possibilidades de conservação e transformação das relações dos habitantes com a cidade. A formulação do imaginário poderá determinar em muitos casos o orgulho, as expectativas e o envolvimento dos cidadãos com as questões de toda a ordem que se estabelecem na cidade, como por exemplo: a conservação e preservação do seu patrimônio edificado, social e ambiental, a escolha dos seus representantes políticos, o controle urbano, os meios que contribuem para a sua valorização em nível regional e nacional.

*“... Está claro que, embora a cidade seja marcada pela imagem institucional, que, não raro, constitui seus pontos referenciais, o que nos interessa, basicamente, é aquela imagem nutrida pelo imaginário, e vice-versa e que constitui a forma pela qual o homem se apropria da sua cidade. Portanto, apropriação é o espaço da cidade qualificado, informado pelo uso; cidade como espaço habitado, vivido, qualificado, modificado: espaço socializado, espaço social.”
(FERRARA, 2000:123)*

Apropriação. Assim como organização, planejamento, modernização, investimentos, infra-estrutura, redesenho, esta talvez seja uma das grandes questões a ser elencada na pauta dos trabalhos urbanos pensados para Barra Mansa. O cuidado intensivo na formulação de caminhos que possam suscitar e estimular a interação e articulação dos habitantes “centrais” e “periféricos” da cidade, com as suas singularidades, a sua memória, o seu pertencimento a

este “lugar”, naturalmente desencadearia a busca e a preocupação com o que tão diretamente é relacionado como “ausências urbanas”.

Ajudaria também olhar para a cidade evitando as receitas de “sucesso” e “desenvolvimento” tão inoportunas para o seu traçado e geografia urbanas. Este por certo é um caminho mais difícil e de resultados não muito previsíveis, mas tomemos como referência que a atitude institucional tomada nestes 63 anos (1937-2000) foi a de tentar adequar-se aos modelos prontos e o resultado pode ser avaliado e qualificado como muito aquém das expectativas.



Fig. 135 - Trecho da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Foto: Andréa Auad, 2001.

“Além do ver físico, simples sensação, há um ver inteligente a que se opõe o cotidiano como continuidade perceptiva. Observar é produzir descontinuidade, que desfaz o anonimato da vida diária.” (FERRARA, 2001:125)

*Barra Mansa. Glória aos que te ergueram!
Aos que fizeram de ti a princesa que és hoje!
Aos que plantaram teu chão!
Aos que a tornaram mais bela!
Mais culta!
Mais Próspera!
Mais feliz!
Glória também aos humildes
Aos obreiros anônimos!
Que te deram as mãos calosas!
A alegria da esperança!
E o carinho cotidiano
De quem cultiva uma rosa!*

Lacyr Schettino

“Nasce uma Cidade”. Poema comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA PROSA E VERSO nºIX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, (p.15-26).

BARRA MANSA: IMAGENS E IDENTIDADES URBANAS

CONCLUSÃO

“...a imagem é uma pista que, explorada hermeneuticamente, aproxima-nos de uma verdade escondida; portanto, a imagem é a chave que permite revelar um significado preexistente à imagem, porém, subjacente a ela. O leitor é um detetive... Como decorrência de sua postura fenomenológica a leitura é, a partir de Peirce, manifestação da unidade imagem/imaginário; para Benjamin, a leitura da imagem supõe a sagacidade de uma mente iluminada capaz de flagrar pistas e revelar verdades escondidas na história, entendida como realidade a ser descoberta numa outra manifestação da dicotomia sujeito/objeto de conhecimento.” (FERRARA,2000:128)

Este trabalho tenta se aproximar de uma leitura urbana que possa se utilizar dos vários olhares que são possíveis a partir da cidade, a partir de suas muitas “imagens”: edifícios, relatos, textos institucionais, poemas, crônicas, fotografias, monumentos, enfim dos inúmeros signos a serem lidos a partir da sua representação, que não deixa de constituir-se de revelações. Senão no sentido de uma mente iluminada, mas no sentido de ser sempre uma leitura individual, que traz consigo além de certa sagacidade, uma parcialidade. Neste sentido, esta leitura não pretende instituir verdades absolutas sobre o que se pretendeu observar, mas trazer à luz alguns aspectos ainda não revelados.

Trazer à luz, iluminar o que não pôde ser visto, desvelar. Apontar para o que se quer esconder, ou para o que não se tem consciência que pode e deve ser mostrado. A imagem que insistentemente nos quer mostrar os poderes públicos e as instituições talvez não revele, de forma abrangente e representativa, a imagem da cidade, nem instiguem positivamente o seu imaginário.

Há, no caso de Barra Mansa, uma série de lugares “escondidos” como imagem física, mas que não são vistos como imagens necessariamente positivas. Acendê-los pode despertar novas leituras e novas apropriações.



Fig. 136 - Av. Joaquim Leite, junto à Praça da MatrizFoto: Airton Soares - 2001.



Fig. 137 - Rua de pedestres junto ao Parque da Preguiça. Foto: Airton Soares – 2001.



Fig. 138 - Av. Joaquim Leite - Foto: Airton Soares - 2001.

“... a imagem urbana se globaliza e todas as cidades se assemelham, porém o imaginário urbano ainda é a válvula capaz de transformar a mercadoria e o consumo em conhecimento que se amplia e se torna mais complexo.” (FERRARA, 2000:130)

O trabalho contemporâneo com as cidades se, de um lado, pretende alinhá-las ao que chamamos de estética e lógica globais (no que se refere ao desenvolvimento sócio-econômico), ao mesmo tempo pretende buscar a sua singularidade. Este é um momento fértil para se pensar não só o quanto Barra Mansa tem potencial para continuar alinhada política e economicamente, mas também socialmente. Encontramos-nos diante de cidadãos descontentes e frustrados com a estética e conservação da cidade, com a falta de

oportunidades de lazer e cultura, com o descaso com o meio ambiente, com as poucas oportunidades de interação entre centro e periferia. Uma cidade sem projetos que envolvam não só a sua imagem física, mas que suscitem positivamente o seu imaginário coletivo. As últimas intervenções urbanas na cidade, ocorridas nos últimos vinte anos, não nos fazem acreditar que sejam possíveis mudanças de “imagens” sem um trabalho que articule o imaginário.



Fig. 139 - Fazenda da Posse – Foto: Andréa Auad - 2001.

Fala-se muito na busca de uma identidade para a cidade. Muitas das citações refletem claramente o sentido de “invenção” de uma identidade. Inventar uma identidade para Barra Mansa não é tarefa tão difícil. Tarefa relativamente fácil e inútil. São inúmeras as associações tentadas em busca de se aliar um desejo de desenvolvimento e sucesso, que se de fato foram inventadas, não atingiram verdadeiramente nem aos seus inventores. Neste sentido, descreve Stuart Hall (1995:183):

“.... Essa paradoxal procura de uma identidade perdida é idealista, pois considera ser possível recuperar a degradação, levando a cidade a retomar suas qualidades e características anteriores: omite-se a realidade que, contextualizada, escreve uma história irreversível.”



Fig. 140 - Pátio férreo junto à passagem de nível da antiga Estação Ferroviária
Foto: Airton Soares - 2001.

A cidade se constrói a cada dia, há imagens e identidades sendo diariamente tecidas, alinhavadas, costuradas, alteradas, renovadas. Se cristalizamos alguns momentos, precisamos estar atentos aos dias subseqüentes; eles nos darão novas imagens, novas identidades. O sentido não é o de sobreposição, mas o de contigüidade, de justaposição de imagens e identidades urbanas.

A tentativa de buscarmos uma “identidade” relacionada ao que se institucionalizou chamar de patrimônio histórico necessita de uma atitude reflexiva em relação ao próprio conceito de patrimônio histórico, tão bem conduzida por Françoise Choay (2001:11):

“Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiqüidade de seu presente, “Patrimônio Histórico” tornou-se uma palavra chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade”.

O conceito de patrimônio histórico liga-se diretamente aos bens destinados ao usufruto de uma comunidade, pertencentes à sua memória e sua história. Está também diretamente relacionado com as suas representações. Portanto, quanto mais o bem patrimonial for entendido e vivido como tal, maiores serão as chances de serem agentes formuladores de uma identificação coletiva. Entretanto, se ao contrário, a muito poucos se referirem estes bens como patrimônio, quase nada falarão a respeito das identidades de uma cidade.

A idéia de substituição incondicional do passado, trazida pela modernidade, encontra hoje uma resposta não menos radical e intransigente. A visão contemporânea sobre preservação nos faz acreditar que quase tudo pode ser preservado, pelo simples fato de ser antigo, de falar sobre nós mesmos, do nosso passado, como se pudéssemos aprisioná-lo assim. Esta idéia, de certa maneira, engessa a nossa atitude em relação à cidade do presente e abre uma discussão: o que é preciso preservar? Quem estará apto a responder? Em *“Alegoria do patrimônio”*, Choay (2001) aborda uma série de ambigüidades e arbitrariedades que envolvem atualmente a noção de patrimônio.

“A sedução de uma cidade como Paris deriva da diversidade estilística de suas arquiteturas e de seus espaços. Arquitetura e espaços não devem ser fixados por uma idéia de conservação intransigente, mas sim manter sua dinâmica: este é o caso da pirâmide do Louvre.” (CHOAY, 2001:16)

Uma das reflexões, muito oportuna, provocada pelo texto de Choay, refere-se à arbitrariedade presente muitas vezes na determinação de quem diz o que deve ser preservado. Falando sobre a França, a autora resume:

“O campo patrimonial na França e, sob denominações diversas, no mundo inteiro, é palco hoje de um combate desigual e incerto, no qual porém, o poder dos indivíduos permanece grande, em que a ordem de um prefeito, de um inspetor de monumentos históricos, de um arquiteto ou de um administrador de patrimônio ainda pode mudar o destino de um monumento ou de uma cidade antiga.” (CHOAY, 2001:213)

Neste sentido, estabelecer uma postura apenas técnica com relação à preservação do patrimônio parece ser investir na cristalização de bens relacionados a uma fração minoritária de cidadãos. Se a maioria dos cidadãos não os reconhece como patrimônio, por exemplo, o que se pode esperar como preservação.

Com relação à preservação e conservação uma questão séria a ser abordada é a natureza destes bens patrimoniais. A noção contemporânea de patrimônio tende a se desprender da obrigatoriedade de estar relacionada a monumentos, prédios institucionais, espaços livres públicos monumentais. Neste sentido, um olhar mais atento também elencaria espaços urbanos e edificações pequenas em tamanho e grandes em significação. Todas estas classificações e juízos de valor não devem passar apenas pelo crivo de alguns poucos técnicos, mas de parcela representativa de cidadãos. Quanto maior a representatividade, mais legítimo o valor patrimonial.

"Mas o que tem valor? e que tipo de valor? Responde-se, em geral: valor estético ou valor histórico, ou um e outro juntos. A resposta parece óbvia. No entanto, não é, nem mesmo é certa, tanto assim que inúmeras coisas foram destruídas no passado, como não tendo valor histórico-estético, e que hoje lamentamos a perda de incomparáveis valores histórico-estéticos."
(ARGAN, 1998:227)



Fig. 141- Vila Operária da Siderúrgica Barra Mansa
Bairro Saudade. Foto: Andréa Auad - 2001.



Fig. 142 - Bairro Saudade.
Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 143 - Bairro Saudade, Siderúrgica Barra Mansa
ao fundo. Foto: Andréa Auad - 2001

A tendência preservacionista que atinge as cidades de todo o mundo a partir da década de 1960, parece enfim ter atingido Barra Mansa nos anos 1990. Esta, porém, é mais uma receita a ser seguida ou é uma atitude secretada pelos habitantes da cidade? Há que se pensar esta tendência no sentido de sua legitimidade.

No caso de Barra Mansa, é possível perceber atualmente, por parte de seus representantes de classe, uma tendência preservacionista com relação aos bens edificados, ligados ao seu passado agrário. Inserem-se neste sentido, as suas fazendas e o seu casario mais representativo, suas estações de trem desativadas, seu Parque Centenário da Preguiça. Ora, se compararmos esta tendência àquela estabelecida na década de 80, em que nenhum desses bens era motivo de orgulho dos dirigentes locais, podemos perceber uma mudança expressiva, porém ainda pouco reflexiva. Fica aqui algumas indagações: a quem pertencem estes bens? Que população se referencia neles? São estes mesmos os bens a serem preservados ou existem outros a serem elencados? Quem poderá responder a estas perguntas?

“Qual pode ser, com efeito, o valor histórico de um edifício ou de um conjunto de edifícios, se não tiverem a bela linearidade temporal tão pacientemente edificada pela história, tão pacientemente apreendida e conservada pela memória orgânica e pouco a pouco reduzida a uma abstração pelas memórias artificiais? Como se pode, sem esse suporte, construir o quadro de referência que dá o significado histórico a um monumento, a um conjunto urbano ou a uma aldeia antigas?” (CHOAY, 2001:229)

A questão do patrimônio histórico em Barra Mansa depara-se hoje com uma sociedade agrária pouco representativa. Nos últimos sessenta anos conforma-se uma expressiva sociedade industrial, e, portanto, um patrimônio edificado relacionado a ela. E não só os edifícios que de alguma forma remetem ao período em que se estabelece esta atividade, como as fábricas, as casas comerciais construídas a partir da década de 1940, o casario de estética modernizante, mas também, e necessariamente, um número expressivo de pessoas relacionadas diretamente à atividade industrial, que se inicia em 1937. Entender estes bens imóveis e esta população como partícipes do repertório patrimonial parece ser essencial.

“Os lingüistas nos ensinaram o valor semiótico do contraste. O sentido constrói-se na contigüidade, com base na diferença, mas desde que a justaposição dos signos se converta em articulação. Os elementos arquitetônicos modernos (ou pós-modernos), que se supõe valorizarem a cidade antiga, fazem-no efetivamente, desde que respeitem essa articulação e suas regras morfológicas e que não sejam implantados, como em geral acontece, na malha urbana histórica de forma autônoma, como objetos independentes e auto-suficientes.” (CHOAY, 2001:224-225)

Ao se articularem, o novo e o antigo patrimônio podem conviver pacífica e harmoniosamente. Um dará suporte ao outro, por justaposição articulada. A valorização do passado não diminuirá o valor do presente, que deve ser construído com atenção e cuidado.



Fig. 144 - Ponte sobre o rio Paraíba do Sul, junto à Siderúrgica Barra Mansa
Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 145 - Siderúrgica Barra Mansa e a ponte ilustrada acima
Foto: Andréa Auad - 2001



Fig. 146 - Colégio Estadual Baldomero Bárbara, construído na década de 1950 - Foto: Andréa Auad – 2001



Fig. 147 - Praça junto ao Colégio Estadual Baldomero Bárbara, construção da década de 1970 - Foto: Ariadne Silva – 2001



Fig. 148 - Igreja junto ao Colégio Estadual Baldomero Bárbara - Construção da década de 1960 - Foto: Ariadne Silva – 2001

A hipervalorização do patrimônio edificado, “na ordem do dia” nas cidades de todo o mundo, reflete certo temor de abandonarmos uma história conhecida para enveredarmos em uma seara desconhecida por nós, uma história a ser realizada. É o temor de “trocar o certo pelo duvidoso”. Assim temos, como aponta Choay (2001), uma “inflação patrimonial” que se transforma por vezes em fetichismo. Assim, a preservação passa por um comportamento narcisista em relação ao que se preserva. As sociedades servem-se disso como um espelho. E nem sempre o que se vê preservado representa o patrimônio social de uma determinada comunidade.

“... o patrimônio histórico parece fazer hoje o papel de um vasto espelho, no qual nós, membros das sociedades humanas do fim do século XX, contemplaríamos a nossa própria imagem.”(CHOAY, pg.240)



Fig. 149 - Fazenda da Posse, atual Centro Cultural PMBM/SESI.
Foto: Andréa Auad - 2001

A identificação do patrimônio, da imagem e da identidade urbana não está necessariamente vinculada ao passado de uma cidade. Isto se dá cotidianamente, na construção diária da cidade. Nas relações que se estabelecem entre as pessoas e os lugares desta cidade. Assim, falar de patrimônio, no caso específico de Barra Mansa, é falar de sua antiga Estação Ferroviária, preservada pela administração municipal e pelos seus moradores, mas também é falar de intervenções urbanas mais recentes (suas indústrias, suas construções modernas, seu pátio férreo que materializa-se expressivamente na cidade) e de pessoas, um grande número de migrantes instalados em seu território nos últimos 30 anos, por exemplo.



fig. 150 - Últimas unidades residenciais da vila Barbará, demolida durante a década de 1990. foto Ariadne Silva, 2001



fig. 151 - Ruína da última unidade residencial da vila Bárbara. foto Ariadne Silva - 2001.

“É necessário sondar a imagem patrimonial com um olhar crítico ou clínico que nos faça separar e dissociar os materiais heterogêneos com os quais a construímos”. (CHOAY, 2001:249)

Um aspecto importante, que pode ser despertado por um olhar mais inteligente e bisbilhoteiro sobre a cidade, é a atitude classificatória do poder público no que se refere à noção de patrimônio, principalmente aquele ligado às edificações. Nossa cultura de cidades nos conduz a chamar de patrimônio o que institucionalmente é considerado como tal. Esta atitude, muitas vezes, proporciona resultados muito frustrantes em termos de preservação. O poder público estabelece, de forma por vezes pouco representativa, o que seja o patrimônio de uma determinada população, sem, contudo, averiguar a sua correspondência real. Isto acarreta muitas vezes uma falta de comprometimento de boa parte da população com estes imóveis e bens patrimoniais. Para que seja de fato legitimado por parte representativa da população, não se pode deixar de indagar de quem é aquele patrimônio, no sentido essencial da palavra, ligado à categoria do pertencimento afetivo, da memória, dos valores históricos. Como lembra corretamente Ferrara (2000:124):

“...Identificar os lugares da cidade supõe perceber o processo de imagens presentes e passadas que os qualificam e atestam um modo de apropriação.”



Fig. 152 - Interior do Parque da Preguiça
Foto: Jesse Chiesse - 2001

“Quando deixar de ser objeto de um culto irracional e de uma valorização incondicional, não sendo, portanto, nem relíquia, nem gadget³⁶, o reduto patrimonial poderá se tornar o terreno inestimável de uma lembrança de nós mesmos no futuro.”
(CHOAY, 2001:257)

A área central da cidade de Barra Mansa, ao longo dos anos estudados por esta dissertação, passou por um acréscimo significativo de edificações. Passou também por uma expressiva substituição destas mesmas edificações. Existe um caráter de transitoriedade, de passagem, que caracteriza as intervenções neste centro. Algumas imagens, entretanto, permaneceram. Há o que permanece para além do conjunto Câmara/Estação/Parque.

Muitos são os exemplos a serem citados deste passado presente na área central da cidade. Permanências bastante significativas podem ser destacadas sobretudo na avenida Joaquim Leite. Cenário de intensas trocas comerciais e sociais da cidade, esta avenida manteve não tanto as edificações que a caracterizaram em várias épocas (é um lugar de constante renovação), mas a sua dinâmica de interatividade e interação, e pode ser vista como um “patrimônio” coletivo e social. Moradores de várias idades e de várias camadas sociais a identificam como parte comum. A sua multiplicidade de uso e de público a faz o mais democrático espaço da cidade.



Fig. 153 - Avenida Joaquim Leite –1937
Acervo Aciap



Fig. 154 - Avenida Joaquim Leite – 2000
Foto: Airton Soares

³⁶ Aparelho ou pequeno objeto prático, divertido por seu caráter de novidade.

Se podemos citar exemplos de “patrimônios”, sob o ponto de vista material da cidade de Barra Mansa, estariam no mesmo pé de igualdade bens já consolidados no imaginário coletivo de boa parte da população, como o prédio da Câmara Municipal, o Parque da Preguiça, o prédio da antiga Estação Ferroviária, a Ponte dos Arcos, a Avenida Joaquim Leite... – e bens evidentes, cuja potencialidade é negligenciada, como é o caso do rio Paraíba do Sul.

A constituição física da cidade de Barra Mansa passa invariavelmente pela presença determinante do rio Paraíba do Sul, ao qual a cidade deve a riqueza energética e de abastecimento de água numa instância, e a vigorosa geografia e paisagem natural em outra. Desconhecer isso é desconhecer o que mais originalmente conforma e singulariza o seu espaço urbano.

Em Barra Mansa, as margens do rio Paraíba do Sul constituem-se de lugares de significativa beleza. São, porém, ocupadas de forma negligente. Nas áreas públicas apresentam-se muitas vezes veladas, escondidas, não acessíveis aos cidadãos. São tratadas com certo desprestígio e descaso. O sítio urbano ocupado hoje pelo SESC – a antiga Ilha Mury - é uma intervenção a ser parabenizada, que trouxe a informação de como esta realidade pode ser diferente.

O rio atravessa a cidade e conseqüentemente a vida de seus moradores, mesmo que isso, muitas vezes, não seja sequer percebido. Esta riqueza poderia ser mais generosamente cuidada e compartilhada e deve merecer destaque em todas as intervenções urbanísticas que tangenciam a presença do Paraíba do Sul.

Se ao nos servirmos da noção de patrimônio para pensarmos a noção de identidade conseguimos atrelar passado e presente, representatividade e legitimidade, estaremos num caminho promissor. Se, ao contrário, desvinculamos de forma descompromissada o passado e o futuro, dirigentes e sociedade, apenas numa busca alegórica de preservação do “patrimônio”, estamos fadados a insucessos.

O conceito de identidade constitui-se hoje num tema que suscita um debate intenso na teoria social. Antigas representações de identidade, que estabilizaram o mundo social por muito tempo, estão em declínio. Este

processo é denominado, segundo salienta Stuart Hall (1995:54), de “crise de identidade”:

“A identidade encontra-se profundamente implicada na representação. Assim, a configuração e a reconfiguração das relações tempo-espaço no interior de diferentes sistemas de representação têm impacto profundo sobre como as identidades são localizadas e representadas.”

Ao pensarmos as bases em que se apóiam os cidadãos de uma cidade para definir a identidade coletiva e cultural contida no lugar, devemos sobretudo ter em mente que não são bases fixas; estas bases se transformam com o tempo. O sujeito contemporâneo, que anteriormente tinha experiência de uma identidade unificada e estável, percebe-se fragmentado; não com uma, mas com muitas identidades. O sujeito “pós-moderno”, inserido na alta modernidade conceituada por HALL (1995), é pensado como isento de identidade fixa, permanente ou essencial. A identidade assim tornou-se uma “festa móvel”, formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam. Poucos cientistas sociais e intelectuais negariam hoje os efeitos profundamente perturbadores das idéias sobre a alta modernidade e, particularmente, sobre como o sujeito e a questão da identidade vieram a ser conceituados.

“A identidade totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia... confrontamo-nos com uma multiplicidade difusa, confusa e fluida de identidades possíveis, podendo nos identificar com cada uma delas, ao menos temporariamente.” (HALL,1995: 12).

Os discursos oficiais de Barra Mansa andam a décadas em busca da “identidade” perdida pela cidade. Se isto parecia possível na década de 30, quando Barra Mansa sonhava em ser identificada com a idéia de progresso, de industrialização e de urbanidade, hoje estas palavras por mais que sejam constantemente repetidas, não ecoam mais. A idéia de progresso,

industrialização e urbanidade tornou-se uma supra-realidade para a cidade e seus dirigentes, mas, ao mesmo tempo, substituiu prioridades, emudeceu algumas vozes, descaracterizou fisicamente a cidade, alterou os seus canais de identificação. Assim, um observador mais atento, e desavisado, depara-se constantemente com um cenário de descaracterização, de fragmentação, com a ausência de visibilidade e potencialidades.



Fig. 155 - Trecho do Viaduto Alexandre Fischer
Foto: Jesse Chiesse - 2000.

Como reconstituir então os canais positivos de identificação, de alteridade para a cidade? O caminho mais seguro parece ser o de redirecionar prioridades (econômicas, ambientais, sociais e culturais), dar ouvidos a muitas vozes, repensar a imagem física de Barra Mansa através da sua imagem contida no imaginário de seus cidadãos.

Para além do “receituário”, é preciso pensar que os atores sociais contemporâneos não investem na elaboração de códigos ou valores comuns a partir de visões tão cristalizadas e fechadas. A partir desta diversidade presente nos atores, muitas podem ser as identificações possíveis para Barra Mansa, tanto quanto forem as “Barra Mansas” possíveis de serem identificadas. É preciso atentar para o fato de que, por exemplo, a Barra Mansa

identificada pelo morador da área central pode não ser aquela identificada pelo morador da Vista Alegre ou da Vila Maria (bairros periféricos da cidade). É preciso assim distribuir os “canais” de escuta e os “sinais” de identificação.



Fig. 156 - Ocupação do Bairro Vista Alegre
Foto: Andréa Auad - 2001

Alguns autores contemporâneos apontados por Stuart Hall (1995), como Giddens, Harvey e Laclau realizam diferentes leituras da natureza da mudança no mundo pós-moderno, mas suas ênfases na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e na deslocação contêm uma veia comum: estamos diante de uma fragmentação, de uma “pluralização” de identidades, sustenta Hall (1995:34):

“Aqueles que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno na alta modernidade (segunda metade do século XX) não foi simplesmente seu afastamento, mas seu deslocamento.”

Um dos processos apontados por Hall, que necessariamente contribui para redirecionar as identidades culturais, é a globalização. Mesmo sabendo

não se tratar de um fenômeno recente - “a modernidade é inerentemente globalizante” (Giddens, 1990:03)³⁷ - os seus desdobramentos contemporâneos nos atingem como cidadãos do mundo, de forma impactante, analisa Hall (1995:69):

“...a globalização tem de fato o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um impacto pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e de novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, políticas, plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu impacto geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam em torno do que Robins chama de “Tradição”, uma tentativa de restaurar sua pureza anterior e recuperar as unidades e certezas que se sente estarem sendo perdidas. Outros aceitam que as identidades estejam sujeitas ao jogo da história, da política, da representação e da diferença, de tal maneira que é improvável que elas voltem eventualmente a ser unitárias ou “puras”; e elas conseqüentemente gravitam em torno do que Robins (seguindo Homi Bhaba) chama de “Tradução”. (HALL, 1995:69)

Assim, no caso de Barra Mansa, buscar a “identidade perdida” pode ser um caminho inglório, pois a cidade já não se constitui dos mesmos sujeitos, nem em número, nem em espécie, se comparada aos anos do seu apogeu industrial (décadas de 30-40). Talvez seja mais coerente e necessário encontrar as novas identidades elaboradas a partir de suas circunstâncias atuais, investir nelas, ampliar os seus recursos.

³⁷ “E como nos lembra Wallerstein, o capitalismo foi, desde o início, um negócio da economia mundial e não dos estados nacionais... Assim, tanto a tendência rumo à autonomia nacional quanto aquela rumo à globalização estão profundamente enraizadas na modernidade.” HALL (1995:52)



Fig. 157 - Nova passagem de pedestres sobre o rio Paraíba do Sul, junto aos destroços da antiga Ponte Mauá - Foto: Regina Célia - 2001

A tentativa de alinhar-se a um contexto nacional de desenvolvimento econômico é o grande mote dos municípios brasileiros. Para ser reconhecido nacionalmente, os municípios necessariamente devem se apresentar vigorosos sob o ponto de vista econômico. A base econômica que sustenta o alinhamento de Barra Mansa nos últimos 60 anos encontra-se centrada na atividade industrial, que passa hoje por sérias reformulações de tempo e de localização. O “lugar” e o espaço ocupados atualmente pelas indústrias, a partir de todo o desenvolvimento tecnológico e informacional, não tem o caráter permanente dos anos que originam a industrialização brasileira. O investimento exclusivo e inquestionável na economia industrial parece também dever ser resignificado. Se a aposta de desenvolvimento econômico for apenas centrada na atividade industrial, o “lugar” poderá estar fadado ao esvaziamento.

Neste contexto, em Barra Mansa não só a economia industrial deve ser resignificada, buscando soluções alternativas de ampliação e convívio (parcerias, projetos comuns, incentivos), mas outras economias podem ser buscadas e oportunizadas no sentido de priorizar a idéia de “lugar”. Alguns exemplos podem aqui ser apontados, como o incremento da sua vocação mais evidente, seu tradicional comércio, o seu acervo patrimonial que pode ser vinculado a atividades turísticas, a sua conjugação com o desenvolvimento regional auto-sustentável, o investimento em áreas que já se consolidam com grande sucesso, como é o caso da implantação de universidades, o

investimento na sua qualificação como cidade a ser respeitada regional e nacionalmente dentro das suas singularidades, dentro das suas alteridades.

Imagens e identidades urbanas podem ser conjugadas de inúmeras formas. Objetividades e subjetividades incluem-se nestas possibilidades de articulação. As correspondências (que podem se obter no plano mais objetivo – degradação, beleza, decadência, sujeira, fragmentação,...) e as remissões (que se estabelecem no plano das subjetividades – memórias, sensações, sentimentos,...) que podem nos suscitar o espaço de uma cidade não devem ser desconsideradas num trabalho de Urbanismo. Lidar com o espaço da cidade, com seus planos e projetos, inclui necessariamente a atenção no que secreta a sua coletividade, os indivíduos que estabelecem o sentido e os significados de sua existência.



Fig. 158 - Passarela sobre a linha férrea, junto a antiga Estação Ferroviária
Foto: Andréa Auad - 2001

“Conjunto de lugares e de edifícios que os ocupam dão uma conformação às cidades e definem os seus ritmos. Através deles se produzem e se mantêm memórias. Os espaços costumam ser mais eficientes nesse sentido do que os livros, álbuns de fotografias e até filmes. As pessoas que conseguem distinguir a “cara” do lugar onde vivem e lembrar como era e como evoluiu e chegou a ser o que é, se sentem mais seguras, têm uma sensação mais forte de serem dali.” (SANTOS,1988:53).

...
*E o Barão de Aiuruocã
na sua carruagem de quatro cavalos negros,
não reconheceria no templo de agora
a capela que suas mãos ergueram!...
Mas a alvorada se abre em sinos sobre
a rosa dos vergéis do Paraíba....
Enaltecendo aos que a engrandeceram
como a Barra Mansa de hoje
A Barra Mansa de amanhã.
A Barra Mansa de sempre!...*

Lacyr Schettino

"Nasce uma Cidade". Poema comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa (1963), publicado na REVISTA PROSA E VERSO nº IX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, p.15-26.

BARRA MANSA: IMAGENS E IDENTIDADES URBANAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO MARCELO DRABLE (1967-1970). Periódico informativo sobre a administração municipal. Barra Mansa: Prefeitura, 1970.

ALMEIDA, Antônio Figueira de. *Barra Mansa, memória comemorativa do 1º centenário*. Rio de Janeiro, 1932.

ANDRADE, T.; SANTOS, A. M. P.; SERRA, R. *As cidades médias e o processo de desconcentração espacial das atividades econômicas no Brasil:1990/95*. [S.l. : s.n.], nov. 1998. (Relatório do grupo NEMESIS/IPEA/PRONEX).

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ATHAYDE, J. B. *Barra Mansa e seus administradores*. Juiz de Fora: ESDEVA, 1971.

_____. *A Igreja Matriz de São Sebastião de Barra Mansa*. [S.l. : s.n.], 1960. v. 1.

_____. *Volta Redonda – A Cidade do Aço (Notas Históricas)*. [S.l. : s.n.], 1954.

_____. *Volta Redonda através de 220 anos de História*. [S.l. : s.n.], 1965.

_____. *Volta Redonda e a campanha emancipacionista*. Volta Redonda: Ed. Fluminense, 1962.

BARRA MANSA – A pérola do Paraíba – Onde o trabalho é fundamental. Barra Mansa: Companhia Nestlé de Alimentos, 1987. (Periódico de divulgação da empresa).

BARRA MANSA – REEDIÇÃO DA REVISTA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA CIDADE EM 1932. Barra Mansa: Câmara Municipal, 1991.

_____. 2. ed. 1993.

_____. 3. ed. 1994.

_____. 4. ed. 1996.

_____. 5. ed. 1999.

BARRA MANSA – UMA CIDADE QUE VIVE INTENSAMENTE O PRESENTE SEM RENEGAR SEU PASSADO, BUSCANDO UM FUTURO CADA VEZ MELHOR. Periódico comemorativo do 163º aniversário de fundação da cidade . Barra Mansa: Prefeitura, out. 1995.

BARRA MANSA EM REVISTA. Barra Mansa, 3 out. 1956.

BARRA MANSA EM REVISTA. Periódico comemorativo do aniversário de fundação da cidade. Barra Mansa: Prefeitura, out. 1956.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madri: Taurus, 1997. p. 11-67.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CHOAY, Françoise. *Urbanismo: utopias e realidades*. São Paulo: Perspectiva, 1965. (Coleção Estudos).

_____. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.

COSTA, Alkindar. *Volta Redonda ontem e hoje*. Volta Redonda: Prefeitura, 1992.

_____. *Volta Redonda – Fragmentos da História*. Volta Redonda, 1975.

COSTA, Elio da. *Atílio Corrêa Lima: uma obra inacabada*. 1990. Monografia (Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

EGLER, Tamara Tânia Cohen. Ciberespaço: novas formas de interação social. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v.13, n. 1, jan./jul. 1998.

FALCON, Francisco José Calazans. *A história cultural*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1991. (Cadernos Rascunhos de História).

FEEMA. *Estudos para o planejamento municipal de Volta Redonda*. Rio de Janeiro, 1977.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Os significados urbanos*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Em busca da idade de ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FERRERO, Claudia Maria G. *Pesquisa biográfica sobre Auguste Marie Glaziou*. Rio de Janeiro: Fundação Parques e Jardins/Coordenação de Educação Ambiental, [19--?].

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. 3. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1985.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1995. (Textos Didáticos, n. 18).

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

IMPrensa BARRAMANSENSE. Periódico imparcial dedicado aos interesses municipais. 19AB, dez.1888; jan. 14 fev.1889.

JORNAL A VOZ DA CIDADE. n. 1, 3 out. 1970.

JORNAL “A SEMANA” – Barra Mansa, 3 out. 1938.

JORNAL “O MUNICÍPIO”. Barra Mansa, 10 set. 1911.

JORNAL “O SUL FLUMINENSE”, 22-28 jun. 1991.

JORNAL DO BARRÃO, n. 20, mai. 1984.

_____. nº 17, 13-31 out. 1983.

JORNAL DO VALE. Volta Redonda, 9 jan. 1982.

- KOSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia / USP.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.
- LEAL, J. M. do Lago. *Crônica ritmada para uma cidade desmemoriada*. Barra Mansa, ago. 1987.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LIMA, Atílio Correa. A cidade industrial. *Revista de Arquitetura*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 77, jan./fev.1947.
- LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 272p. (Obras completas, 1ª série, v. 2).
- LOPES, Alberto Costa. *A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda*. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LOPES, Edward. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MANSO, Celina Fernandes de Almeida. *Goiânia – uma concepção urbana moderna e contemporânea- um certo olhar*. Goiânia: [s.n.], 2001.
- MOREIRA, Andréa Auad. Barra Mansa: um olhar sobre a cidade e seu meio ambiente urbano. *Jornal Folha Barramansense*, Barra Mansa, 20 nov. 1991. p. 8.
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A ferro e fogo – construção e crise da “família siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941-1968)*.
- MULLER, Nice Lecoq. *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora SENAC/Editora Marca D'água, 1996. 346 p.
- PERFIL DE BARRA MANSA – Convite para bons investimentos. Barra Mansa: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. Barra Mansa: Prefeitura, 3 out. 1997.
- REVISTA ARCHIVO PITTORESCO – Semanário Ilustrado. Lisboa: Ed. Tipographia de Castro Irmão, v. 11, 1868.
- REVISTA CARNET SOCIAL – EXTRA . Barra Mansa : Prefeitura, 3 out. 1968
- REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. Barra Mansa histórica, sócio-econômica, cultura. Edição comemorativa do 166º aniversário. Barra Mansa: Prefeitura, 3 out. 1998.
- REVISTA DOS MUNICÍPIOS DO BRASIL. Barra Mansa – A pérola do Paraíba. Rio de Janeiro: EDINAL, v. 3, n. 35, 1991.

REVISTA PROSA E VERSO IX . Nasce Uma Cidade. Poema em Prosa e Verso comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa . Barra Mansa: GREBAL, 1998.

REVISTA PROSA E VERSO XI . Barra Mansa: Grebal, 2000.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Álbum do Estado do Rio de Janeiro – Centenário da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro, 1922.

ROCHA, Alan Carlos (Org.). Barra Mansa Picaresca (reminiscências). 5. ed. Barra Mansa: Câmara Municipal, 1999.

RONCAYOLO, Marcel. *La ville et ses territoires*. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry. *Villes & civilisation urbaine*. Paris: Larousse, 1992.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAES, Flávio Marques de. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Angela M. Penalva; COSTA, Laís Silveira; ANDRADE, Thompson A. Federalismo no Brasil: análise da descentralização financeira da perspectiva das cidades médias. *Economia Aplicada – Brazilian Journal of Applied Economics*, São Paulo, v. 4, n. 2, abr./jun. 2000.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Preservar não é tombar, renovar não é por tudo abaixo. *Revista Projeto*, São Paulo, n. 86, p. 59-63, 1986.

_____. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SCHETTINO, Lacyr. Nasce uma cidade. Poema em prosa e verso comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa. *Revista Prosa e Verso*, Barra Mansa, n. 9, p. 15-26, 1998.

SOUZA, Célia Ferraz; PASAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

SUPERINTENDÊNCIA DE TRILHOS E PERFIS. *As Raízes do progresso a caminho da desativação*. [S.l. : s.n.], 1994. (Coleção Trabalhadores em Luta, n. 2).

TERRA, Carlos G. *O jardim no Brasil do século XIX: Glaziou Revisitado*. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2000.

VEIGA, Sandra Mayrink. *Volta Redonda, entre o aço e as armas*. Petrópolis: Vozes, 1990.

VOLTA REDONDA (RJ). Prefeitura. *Informações para o Plano Diretor*. Ago. 1994. (Coleção Cadernos de Planejamento, v. 1)

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ANEXOS

ANEXO 1

Mapas de Localização do Município de Barra Mansa



Localização do município na região do Vale do Paraíba, entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.
Fonte: Revista *Barra Mansa - convite para bons investimentos* - FIRJAN – 2000



Localização do município na região do Vale do Paraíba fluminense.
Fonte: Revista *Barra Mansa - convite para bons investimentos* - FIRJAN – 2000

ANEXO 2

Artigo publicado no jornal *Folha Barramansense*, em 20/11/1991.

BARRA MANSA UM OLHAR SOBRE A CIDADE E SEU MEIO AMBIENTE URBANO

Ao chegar aos seus 159 anos e tendo sobre o vivido a ciclos econômicos avassaladores e destruidores de seu meio ambiente, como o cultivo do Café e a Pecuária Leiteira, Barra Mansa tenta resistir ao declínio e aos desastrosos de seu último ciclo: a Industrialização.

A indústria dos mais variados gêneros que começou a se instalar aqui por volta dos anos 30, deixa hoje rastros devastadores ao meio ambiente natural da cidade: O Rio Paraíba do Sul, de riquíssima beleza estrutural com suas águas e margens completamente poluídas por produtos químicos, esgoto e lixo; um adensamento populacional que foi se intensificando ao longo destes anos e que provocou uma intensa ocupação desordenada, muitas vezes irregular (as margens do Rio e nas encostas desconsiderando suas declividades); A poluição atmosférica que modifica cada vez mais o clima e umidade naturais, dentre outras perdas de referências ambientais e urbanas.

O mais assustador é que pode-se observar que durante estes anos parece ter se formado uma consciência coletiva na cidade que fez com que parecesse natural conceder a indústria em favor da sua modernização, do desenvolvimento, do aumento da sua possibilidade de gerar empregos. É claro que durante muito tempo esta pareceu ser uma gloriosa entrada.

Tenho observado muito de perto a cidade nos últimos anos. Tendo morado aqui entre 1976 e 1984 não conseguia compreender o abandono ambiental desta cidade. Não compreendia os buracos das ruas; as margens do Rio Paraíba cheias de lixo; a falta de arborização da cidade, a não reposição das árvores que despenavam do Parque Centenário da Preguiça; a falta de conhecimento e interesse pelo cen-

tro histórico que tinha seus edifícios ora sendo pintados aleatoriamente, ora sendo demolidos, abandonados ou reformados indevidamente; o fechamento do último cinema, a inexistência de atividades de cultura e lazer. Incomodava-me a passividade, a falta de carinho e o quase descumprimento da maioria da população com relação a todas estas questões. Tudo isto era visto por mim neste tempo de forma muito confusa e descontextualizada, passional até.

Contudo viver em uma cidade era já naquela época, instintivamente, prolongar, estender a minha própria casa. Eram naturais para mim as preocupações com sua limpeza, beleza, iluminação, ventilação, qualidade de vida, qualidade ambiental. Não conseguia muita ressonância quando colocava estas questões para as pessoas de uma maneira geral. Desejei muito sair daqui.

Quase 8 anos se passaram e, hoje, consigo formular mais objetivamente o que minha intuição mostrava naquela angústia adolescente. Para onde me desloquei não encontrei nenhum paraíso ambiental, mesmo porque não consigo encontrar diferenças muito significativas num país onde os valores são genericamente inescrupulosos com relação a lucros, interesses pessoais, hierarquia social, preservação histórica, cultural e ambiental. Descobri, e isto devo em muito a minha formação de "Arquitetura e Urbanismo", uma maneira não passional mas criticamente positiva e por isso mesmo mais abrangente, de observar e trabalhar a cidade, o seu meio ambiente natural e construído.

Observar a cidade tornou-se um exercício muito estimulante para mim. Passei a perceber o quanto e importante para o reconhecimento do indivíduo como cidadão, o olhar, atento e crítico pelas ruas, praças, edifícios, elevações, vegetação, rios, trânsito

Por: ANDRÉA AVAD MOREIRA

de pedestres e veículos da sua cidade. Essa atitude é essencial para uma transformação qualitativa da realidade urbana onde ele está inserido. Observar a cidade com meio, habitat, abrigo, qualidade de vida, e transferir mar, "cuidar dela" em desejo, direito necessidade.

Quando olho para Barra Mansa hoje sinto instantaneamente um grande carinho e afeição acompanhados ainda de muita angústia e tristeza. Estes sentimentos se misturam a minha certeza de que se trata de um ambiente urbano potencialmente muito forte. Forte economicamente, forte social e culturalmente.

Chego muitas vezes a criar cenas que são ao meu entender completamente possíveis: O Rio Paraíba do Sul menos poluído pelas indústrias da cidade (é preciso iniciar soluções locais), com suas margens limpas, bem cuidadas e se transformando em verdadeira área de respeito, lazer e admiração; O conjunto arquitetônico histórico formado pelo Parque Centenário da Preguiça, a Câmara e o Clube Municipal, e a Antiga Estação Ferroviária (incendiada em 89) restaurados, compreendidos historicamente e com sua manutenção garantida pela população; O ar menos poluído através dos filtros industriais efetivamente exigidos pela população e pelo poder público; As ruas mais bem tratadas mais transitáveis e arborizadas; O lixo tratado de maneira lógica com coleta seletiva e eficiente; As áreas de expansão controladas, sendo consideradas infra estrutura e meio ambiente; A população dos bairros e do Centro sendo integrada efetivamente aos problemas e soluções da cidade e se responsabilizando pelo seu destino.

Fantasia? Para mim sempre pretexto e oportunidade.

Andréa Avad Moreira - Arquiteta formada pela Universidade Federal Fluminense.

ANEXO 4

Comportamento demográfico de Barra Mansa e Volta Redonda entre os anos de 1970 e 1991:

INCREMENTO RELATIVO DECENAL SEGUNDO CONJUNTO DE LOCALIDADES SELECIONADAS 1970 /91					
GRUPOS	População (mil habitantes)			Incremento %	
	1970	1980	1991	1970/80	1980/91
Brasil	93.139	119.002	146.825	27,8	23,4
Regiões metropolitanas	23.574	34.992	42.570	48,4	21,7
Cidades médias de 1970 metropolitanas	2.578	4.137	5.627	60,5	36,0
Cidades médias de 1970 não metropolitanas	10.295	14.944	20.157	45,2	34,9
Cidades médias de 1970	12.873	19.082	25.784	48,2	35,1

Fonte: IBGE/ Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991 e contagem da população de 1996.
(Réplica da tabela 5, publicada no livro *Cidades Médias Brasileiras*, pg.143)

Taxas anuais de crescimento de Barra Mansa e Volta Redonda – 1970/91

UF	Município	População			Taxa Anual De Crescimento 1970/91 (%)
		1970	1980	1991	
RJ	Barra Mansa e Volta Redonda	226.995	338.382	392.521	2,64

Fonte: Trecho da tabela publicada no livro *Cidades Médias Brasileiras*, pg.151.

Crescimento de Barra Mansa – Volta Redonda 1960/2000

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO				
	1960	1970	1980	1991	2000
BARRA MANS E VOLTA REDONDA	167.998	226.995	338.382	392.521	412.639
INCREMENTO 60/70	35,11%				
INCREMENTO 70/80	49,07%				
INCREMENTO 80/90	15,99%				
INCREMENTO 90/2000	5,2%				

Interpretação dos dados recolhidos - Fonte: IBGE

ANEXO 5:

Entrevista com o ex-prefeito de Barra Mansa Marcello Drable Roteiro e citações

A entrevista foi realizada no dia 21 de Abril de 2002 na residência do ex-prefeito, e durou aproximadamente 3 horas.

Prefeito de Barra Mansa por duas gestões (1967-1971) e (1977-1983), trata-se de um homem público com significativa expressividade em Barra Mansa no auge de seu desenvolvimento industrial (décadas de 1960-70). Algumas de suas reflexões sobre a cidade neste período e sua apreciação do atual momento de Barra Mansa, neste final de século XX, foram bastante elucidativas para este trabalho. Além disso, alguns trechos da entrevista citados aqui refletem, em certa medida, a postura do ex-prefeito com relação às suas atitudes frente aos problemas enfrentados pelo município à época.

Roteiro da entrevista:

Como homem público que assumiu a administração da prefeitura de Barra Mansa por duas vezes, como o sr. analisa o processo de industrialização da cidade? Há diferenças muito grandes entre o período que precede a chegada da CSN e o período posterior a este acontecimento? A história de Volta Redonda ser reconhecida como um lugar, como um município isolado, ou como um distrito ligado a Barra Mansa, a nível nacional, como isso repercutia nacionalmente? Quer dizer, tinha-se a idéia de que Volta Redonda era Barra Mansa?

Sr. MARCELO DRABLE - Sempre, sempre, sempre se falava em Volta Redonda. Sempre, fora de Barra Mansa, em São Paulo e tal, referiam-se a Volta Redonda.

No período que vai da inauguração da CSN até a emancipação municipal, nesse período curto, o poder público de Barra Mansa tinha participação efetiva na vida de Volta Redonda?

MD - Ah tinha, lógico que tinha, é lógico que tinha. Obras, lá essa coisa toda era feito tudo para Volta Redonda, tudo custeado por Barra Mansa, era um distrito de Barra Mansa, entendeu? A Siderúrgica inclusive e... ela parece que não pagava até imposto...; não, não pagava imposto territorial. Pagava ICM. Mas Volta Redonda era distrito de Barra Mansa, então Barra Mansa suportava todo o ônus administrativo.

Quando do surgimento de Volta Redonda, não só com a CSN, que é um projeto industrial internacional, mas com o surgimento daquele projeto urbano, um lugar urbanizado, com plano urbanístico, com controle urbanístico rigoroso como a CSN mesmo fez questão de assumir. Não sei se o Sr. tem alguma informação dessa época, mas o Sr. pensa ter existido algum reflexo sobre Barra Mansa, que é uma cidade construída sob bases muito diferentes?

MD - Não. A influência de Volta Redonda sobre Barra Mansa foi sempre indireta. Porque Volta Redonda propiciou a Barra Mansa um comércio mais intenso que eles não tinham lá. Tudo lá estava em construção, não é? Então todo mundo vinha gastar em Barra Mansa, os clubes de Barra Mansa eram freqüentados pelo pessoal de Volta Redonda também e tudo aqui em Barra Mansa sofria esse reflexo de lá que eles vinham gastar aqui. Porque lá não tinha quase nada. De forma que foi, eu acho que foi a única vantagem que Barra Mansa recebeu de Volta Redonda foi essa, mais nada.

E com relação à industrialização, de modo geral, o que o Sr. acha sobre Barra Mansa ? O que o Sr. acha que Barra Mansa ganhou e perdeu com a industrialização?

MD – Não perdeu nada. Ganhou naturalmente, se as indústrias vieram pra cá e trouxeram... dinheiro pro município...

Ganhou também do ponto de vista da ocupação urbana, das transformações urbanas....?

MD - Claro, você diz em relação às indústrias de Barra Mansa? Claro que ganhou.

Como ela recebeu esses migrantes, como é que esses migrantes se implantaram na cidade. O Sr. acha que isso teve um controle eficiente? Poderia ter sido melhor, poderia ter sido diferente, a forma como ela absorveu esse contingente populacional?

MD - Mas ocorre o seguinte, que esses migrantes na ocasião foram absorvidos pelas empresas existentes em Barra Mansa, que estavam no apogeu, tocando a todo vapor assim por diante. Porque o Brasil estava numa fase transitória de crescimento, com o incremento de portos de navio, construção de navio e fábrica de automóvel, não sei o que, coisa e tal, aqui também se produzia muito, etc. E esse pessoal que veio para Barra Mansa, essa mão de obra que veio, essa absorção era sempre feita por essas indústrias, Barbará, Nestlé, a SBM.

Como é que o Sr. avalia Barra Mansa hoje?

MD - Eu acho que melhorou muito. Melhorou muito e porque isso é uma coisa de lógica. Cada prefeito que entra, por muito ruim ou bom que seja ele tem que ter feito alguma coisa. Eu por exemplo eu me dediquei aos colégios, eu fiz parece que 31 ou 32 colégios. Eu tenho colégio nesses bairros todos, na cidade, todo canto aí tem colégio, você vai lá tem uma placa com o meu nome lá. Então eu me dediquei muito a isso. Agora outros se dedicaram a outras bobagens, outras coisas e agora por último...esse aí está se dedicando em asfaltar a cidade. Eu acho que a única coisa que ele fez até agora é asfaltar rua, mas...eu acho que o padrão melhorou.

O quê que o Sr. acha que era preciso priorizar em Barra Mansa?

MD - Eu acho que para priorizar em Barra Mansa a primeira condição seria haver uma conjunção entre as diferentes forças de Barra Mansa, seja prefeito, Associação Comercial, essa coisa toda, para trabalhar no sentido de captar algumas indústrias para cá. Porque nós não temos mais campo para uma indústria grande, não temos. Porque se amanhã colocarmos uma indústria grande em Floriano, ele se emancipa também, então nós não temos, mas vamos admitir que se fosse para Floriano e se não for grande que trouxessem pequena, mas que lutassem nesse sentido. Mas eu não vejo isso, eu vejo é trazer covil, coisa de polícia para cá, aquilo para mim foi um atentado para Barra Mansa, porque só serve para trazer bandido para cá esta delegacia que fizeram agora lá perto do cemitério...

Com relação a essa questão da indústria, o Sr. falou que em determinado momento... na época da sua chegada aqui, Barra Mansa se industrializava a ponto de... causar inveja aos resendenses. Esse processo de ascensão econômica de Barra Mansa foi até quando? Quando é que isso começou a declinar? E porque?

MD - Não houve assim um declínio, eu não acredito em declínio. Eu acredito que Barra Mansa acompanhou o Brasil. Barra Mansa está estagnada, praticamente no que tange a mão de obra. Não aumentou a capacidade de absorção dessa mão de obra, então está acompanhando o Brasil. Agora ela parou no crescimento industrial, eu acho até que realmente não é bem um declínio mas caiu alguma coisa porque a Edimetal fechou, foi embora. A White Martins saiu, foi embora. Então essas duas indústrias saíram daí. Em compensação as outras cresceram também. A Nestlé cresceu muito, Barbará cresceu muito, a Siderúrgica Barra Mansa cresceu muito, elas cresceram. Então houve um equilíbrio. Daí eu achar que não houve um declínio. Entendeu? Houve uma queda, mas há o equilíbrio, houve um equilíbrio. Agora essa situação de dificuldade de desemprego é do Brasil, não é Barra Mansa.

MD - Não lhe parece ter sido sempre muito tímida essa ligação entre a indústria, o patrimônio industrial que a gente tem em Barra Mansa com o poder público municipal, com a prefeitura.

MD - Tímida?

Tímida no sentido de parcerias, de trabalhar juntos pela cidade...

MD - Não, não. Pelo menos eu tenho que falar na minha administração, na minha administração pelo contrário. Eu fui tremendamente ajudado pela SBM, pela Nestlé, inclusive

em homenagem a Nestlé eu fiz um colégio em Quatis e coloquei o nome do Henry Nestlé que era o dono da Nestlé.

Que tipo de auxílio, de parceria, por exemplo, o Sr. estabeleceu no seu governo com as indústrias?

MD - Quando eu precisava deles, eles me ajudavam. A Nestlé, por exemplo, me ajudou muito quando houve aquela enchente em Barra Mansa, uma calamidade doida. A SBM muito. A Barbará é que... nunca ajudou a prefeitura. Nunca. Até a Siderúrgica Nacional quase que centralizou o potencial dela aqui, ajudando a arrumar a cidade, a refazer. Porque nós não tínhamos trator, não tínhamos nada. E ela então veio aqui com tratores, carregadeiras, com uma porção de coisas, fez o diabo aqui, ajudou muito. Muito mesmo... A Nestlé tem coisas aí que é o Clube Nestlé, lá tem aquela coisa toda, fazem festas.

Ela financiou o restauro da Estação a pedido da prefeitura.

MD - É ... praticamente foi ela que fez aquilo. Porque ela deu dinheiro pr'aquilo. A Barbará tem uma parte social também grande lá, esportivo-social, todos eles tem. Agora cada um guardando suas proporções não pode ter um acordo que a CSN tem, não é possível.

Mas hoje me parece que, pelo menos se comparado um pouco com o que acontece com Volta Redonda, em que a indústria, em que a CSN tem um papel fundamental junto à prefeitura no sentido das parcerias...

MD - Não, tem mais. Você está enganada. Tinha...Ela ajuda porque a industria depende de Volta Redonda; não é uma industria como a nossa aqui, cuja sede da industria não é em Barra Mansa. Nós aqui somos um apêndice da industria. Porque por exemplo a sede da Barbará não é em Barra MansaA sede da Nestlé não é em Barra Mansa, a sede da SBM não é Barra Mansa. Agora a Siderúrgica em Volta Redonda não. Ela foi responsável pela criação de Volta Redonda. Volta Redonda hoje existe devido à existência dela. Então ela participa, mas ela participa assim. Eu acho até de forma tímida. Eu acho.

É, me parece que a timidez é muito mais por parte do poder público mesmo, acho que trocamos pouco com as indústrias, fazemos poucos projetos em parceria com essas indústrias porque na verdade é um numero de indústrias significativo. Indústrias de certo porte não é?

MD - Não. Mas a SBM por exemplo tem um time de futebol, tem campo de futebol, tem uma escola, ou então tinha, acho que no meu governo acabou a escola porque eu fiz aquele colégio em Saudade.

Em uma dessas revistas da sua administração, na prestação de contas de 1982, tem um comentário relacionado ao antigo edifício do Fórum. A aquisição do antigo edifício do Fórum, demolido no governo de Luiz Amaral, foi realizada através de troca ou permuta do terreno onde foi construído o Fórum novo? Qual era o interesse da administração municipal na época?

MD - Interesse?

Com relação ao prédio do Fórum que foi demolido posteriormente.

MD - Ao prédio. Bom! Aquilo dali é o seguinte. Primeiro, memória não existia, ... é conversa. Que ali foi um português que construiu aquilo para residência dele. Posteriormente ele morreu e fizeram dali um colégio, um grupo escolar, colégio escolar. E não sei porque, sinceramente, teria memória. Então eu quis derrubar aquilo ali pra fazer ali um edifício sede das indústrias do Sul Fluminense. Então seria um edifício com lojas iluminadas em baixo e escritórios das diferentes companhias que tem no Vale do Paraíba, ou no Brasil inteiro, que quisessem ter um escritório ali. Eu estava já bem adiantado nisso quando então me denunciaram, que eu estava acabando com a memória de Barra Mansa. Isso era um cara que tinha aqui, um tal de Durval, qual o nome dele? Escreveu pro Roberto Marinho dizendo que eu estava destruindo a história de Barra Mansa. Eu convidei para que ele me mandasse alguém aqui pra me dizer qual era a memória que existia naquele prédio, está entendendo? Mas ninguém se meteu não. Mas o fato é que quando o seu Chagas Freitas subiu ao governo, eu tinha uma influência grande lá com as pessoas. Então eu fui até o seu Chagas Freitas, que é meu amigo pessoal, disse pra

ele que queria trocar esse terreno por aquele do Paraíba, só que aquele do Paraíba, aquele não era da prefeitura, aquele foi roubado do rio, que a prefeitura em tempos remotos não tinha onde jogar as terras iam jogando lá e foi formando aquele terreno. E eu então meti na cabeça do seu Chagas que aquilo era da prefeitura e que queria trocar.

Ali junto ao edifício da Câmara não existia nada?

MD - Não. Não ali não existia. Existia uns casebres velhos, um troço que a prefeitura fazia de garagem, um troço horroroso, um pardieiro... Mas então eu combinei com o seu Chagas Freitas e ele então mandou a mensagem pra Assembléia trocando os terrenos. Como eu tinha muita amizade na Assembléia, fui lá e conversei com o pessoal e eles aprovaram o negócio. Então foi feita a troca. E aí eu consegui com o seu Chagas que ele construísse o Fórum como também reformou o de Rio Claro a pedido meu. E foi feito o Fórum ali nessas condições. Mas depois o Luiz Amaral em vez de levar meu projeto pra frente, ele trocou o terreno ali, o Fórum ali pelo Moinho. Uma troca que eu achei... Primeiro que lá não dá um status de prefeitura.

Ele trocou o Fórum pelo Moinho?

É. Ali onde era o Fórum ele trocou pelo moinho, pela compra do moinho...E implantou no Moinho o Centro Administrativo...Eu acho que lá não serve pra isso porque queria a prefeitura onde é o SESC.

Na Ilha Mury?

MD - SESC. ...E eu cheguei a fechar negócio com o Mury na ilha em 700 mil cruzeiros...Mas acabei não podendo fazer o negócio na ilha lá. Mas o que eu queria fazer ali na ilha com a casa era transformar em prefeitura. Como fizeram o SESC, fazia a prefeitura e construía o Fórum ali na ilha, então ficava os dois poderes ali na ilha. E fazia da ilha o resto, zona de lazer pro povo ir lá domingo, brincar com as crianças, dar banho na minhoca, ... pescarem. Eu acho que seria um ponto de convergência pra famílias no domingo, etc, podia ter até bares, restaurantes, qualquer coisa lá de atração. Mas ele trocou o negócio e acabou fazendo isso que fez aí; fazendo a prefeitura que a meu ver não valoriza nada Barra Mansa. Se você vai nas cidades por aí tem boas prefeituras, bons prédios, agora a daqui...Sobre a sua formação? Você estuda o quê? Direito?

Andréa Auad - Arquitetura e Urbanismo.

MD – Arquitetura e...

Andréa Auad– Urbanismo.

MD – É mais ou menos a mesma coisa, mas por exemplo o direito tem várias ramificações, é... um polvo não é? Cheio de ramificações. Cada um é especialista num determinado caso, não é? E tem a ver uma coisa assim. Mesmo na arquitetura parece que a ... questão de...

Andréa Auad – De Urbanismo.

MD – De Urbanismo, isso já é uma...uma ramificação não é? Então é isso, nós passamos por transformações. Eu acho que transformações para melhor. Está bom. Agora, na transformação um leva vantagem o outro leva desvantagem. Isso é a lei do mais forte, do mais capaz, que hoje nós temos dificuldade de dar emprego pro analfabeto vamos dizer assim, mas o preparado também está em dificuldade. É a falta de emprego, antigamente era fácil, mas hoje não. Hoje está mais difícil porque se você não estuda vai sofrer pra burro e se você estudar vai ter dificuldade que não é pequena.

O meu interesse maior é relatar em minha dissertação um pouco dessa história de Barra Mansa no séc. XX, no período entre as décadas de 30 e 90. Então, as minhas dúvidas são ligadas à base dessa economia, que foi a indústria.

MD - Certo. Não tem nem dúvida. A indústria foi a base daqui. Antigamente, Barra Mansa teve um ciclo como Resende teve e também Barra do Piraí, o ciclo do café. E se nós chegarmos bem lá atrás era açúcar, era cana. Entendeu? Mas teve o ciclo do café, o Barão de Aiuruoca teve em Resende e veio pra cá. E... passou ao gado, foi quando o mineiro veio pra cá. E depois a indústria. Foram as três fases de Barra Mansa.

Não sei se o Sr. concorda ou discorda, mas acho o comércio o grande vigor daqui.

MD - E... você me desculpa mas eu discordo. Ainda é a indústria. A indústria é a base... Eu acho que o comércio aqui é uma consequência.

Sempre foi uma consequência?

MD - Não, antigamente não. Não antigamente. Você quer ver, ainda agora eu fui a Falcão, eles asfaltaram a estrada até Falcão. Lá em Falcão me disseram que vão asfaltar agora ligando com a Fernão Dias em Minas. Então se ocorrer isso o comércio de Barra Mansa vai levar uma vantagem muito boa. Porque aquele pessoal que vinha no trenzinho fazer compra aqui, e que hoje não tem mais o trenzinho vão pra Juiz de Fora. A estrada Fernão Dias é uma maravilha, não é? Eles virão pra cá porque é muito mais perto. Vão voltar a fazer compras em Barra Mansa. Entendeu? Eu acho que Barra Mansa vai levar uma vantagem muito boa novamente. Antes da Siderúrgica Barra Mansa era o comércio aqui que... era o grande negócio em Barra Mansa por causa dos entroncamentos. Justamente por isso, porque o pessoal de Angra comprava em Barra Mansa, Resende vinha à Barra Mansa, então, o comércio era a grande coisa. Mas depois da SBM acabou. Aí foi a indústria... Fecharam a estrada da linha Carvalho com a linha de Minas, caiu muito o comércio aqui.

Piorou muito?

MD - Caiu tremendamente. E hoje, na minha concepção, eu acho que o comércio em Barra Mansa até prejudica a cidade, em parte. Porque você vê hoje o grande comércio de Barra Mansa está tudo na mão de lojas de fora, cuja matriz não é aqui. Então você entra numa loja dessa aí e compra uma geladeira pra você, eles vão dizer que daqui a três dias eles te entregam. A nota vem do Rio, tudo de lá, de São Paulo, o imposto é de lá, não é daqui. Enquanto aqui levam o nosso dinheiro e não deixam nada. Porque o que ele deixa de imposto aqui é um negócio ínfimo. É só aquele liquidificador que você comprou e pagou ali na hora. Porque uma peça maior vem tudo de fora e o imposto é lá de fora, entendeu?

Funciona aqui uma distribuição. Esse é um perfil novo, porque antigamente o comércio era fundamentado em estabelecimentos locais, não é?

MD - Locais. Você vê por exemplo, eu sempre digo a Casa Botafogo por exemplo, o que ela ganha ela paga o imposto aqui. Todo imposto dela é aqui. Agora você não pode dizer a mesma coisa de um Ponto Frio e sei lá mais o quê.

Dos primeiros relatos que falam da cidade, o comércio é vigoroso desde sempre, ele é uma constante no café, na pecuária, depois na indústria. Me parece assim um pouco descuidada a atenção pro comércio como uma atividade vigorosa na cidade, poucas são as iniciativas de fazê-lo ser mais produtivo para a própria cidade, gerador de mais renda interna.

MD - Eu não acho um declínio eu acho que são as transformações que nós estamos passando. Você quando criança pensava de uma maneira e age de uma maneira, hoje você pensa diferente e age de outra maneira. Mas é você. Eu acho que foram transformações. Nós estamos nos transformando....

Sr. Marcelo, muito obrigada, obrigada pela sua atenção.

ANEXO 6:

Entrevista com o memorialista José Carlos Faria Roteiro e citações

A entrevista foi realizada no dia 05 de março de 2002, na residência de José Carlos Faria e durou aproximadamente 2 horas e 30 minutos.

O médico e memorialista José Carlos Faria há cerca de 30 anos se dedica a recuperar documentos e depoimentos sobre a história cultural, social e urbana da cidade de Barra Mansa. Assumiu, por duas vezes, uma Secretaria Municipal nos governos do prefeito Marcello Drable, entre os anos (1967-1971) e (1977-1983) e hoje é membro efetivo do Grêmio Barramansense de Letras e da Academia Barramansense de História. Sua visão sobre como a cidade se estruturou em seu ciclo industrial é significativa, por se tratar de um homem atento ao desenvolvimento da cidade de forma ampla e aprofundada. Alguns trechos reproduzidos aqui, junto ao roteiro, objetivam, ilustram fatos da cidade que pela ausência de fontes documentais, só são acessíveis através da oralidade.

Roteiro da Entrevista:

Fale um pouco sobre a origem e o auge da implantação industrial na cidade.

JOSÉ CARLOS FARIA – Eu era garoto.

Como a cidade era pensada naquela época? Pensada em relação à preservação do espaço urbano, o espaço da cidade, em relação à sua reestruturação urbana pra receber essa indústria. Você tem alguma notícia disso, se lembra como se pensava Barra Mansa como cidade nessa época?

JCF – ...As primeiras indústrias instaladas aqui eram muito ligadas aos laticínios. A primeira grande indústria foi a Nestlé. Barra Mansa era uma cidade, por volta de 1940, essencialmente agropecuária. As indústrias que haviam antes e criadas nessa época eram direcionadas e preocupadas com o aproveitamento de produtos alimentares. A Nestlé veio parar em Barra Mansa em 1937, me parece, porque Barra Mansa naquela ocasião era o maior produtor de leite no Brasil. Era um município extremamente criador de gado, de gado leiteiro. Mas a história da guerra, a 2ª Guerra Mundial, trouxe pra nossa região uma modificação de idéias sobre desenvolvimento, porque nós éramos ordenados por um presidente já ditatorial e começamos a perceber que a indústria pesada, indústria do aço, indústria do ferro, eram essenciais para o desenvolvimento. Então se pensou que a fabricação do aço, que era até então uma coisa impensável, podia se tornar realidade... Pra sorte da região, o nosso governador na época era o genro do presidente e eles escolheram essa região porque a topografia era favorável. Então, em 1940, começou a pensar na construção da usina siderúrgica em Volta Redonda.

Que pertencia a Barra Mansa.

JCF - É, era Barra Mansa, porque Volta Redonda nessa época era o 8º distrito, pertencia a Barra Mansa, e pertenceu até 1954.

Talvez você não tenha isso claro porque era um menino, mas Barra Mansa se dava conta de que essa indústria, de tamanha envergadura, viria para o município ou isso era uma coisa que não se falava muito por aqui?

JCF – Era impensável. Ninguém imaginava, nem os políticos da cidade sabiam que Barra Mansa era, vamos dizer assim, visada para a construção dessa usina. Aquilo apareceu como que caído do céu. Eles não tiveram nenhuma preocupação nem imaginaram o que isso iria representar no futuro, esse desenvolvimento tão grande né. Eles nem podiam imaginar...Não tinham essa dimensão. Era um pensamento assim, muito, muito restrito, uma cidade do interior. Acho que naquela época, quando começou a construção de Volta Redonda, porque lá não havia nada, Volta Redonda era um distrito que tinha criação de gado e plantação de laranja. Os moradores eram um número assim muito pequeno. Você não tinha nem uma comunicação normal de Barra Mansa a Volta Redonda. A comunicação era essencialmente ferroviária. Eram os trens que passavam aqui do Rio pra São Paulo. Aí depois de algum

tempo, iniciada a construção da Usina propriamente dita, apareceu uma pessoa de muita coragem, começou a comprar uns lotações e começou a fazer um transporte coletivo por um caminho que era uma estrada de fazenda, uma estrada de barro, que não havia uma estrada real e você levava de Barra Mansa a Volta Redonda, ali onde era a sede do início da empresa mais que meia hora, quarenta minutos. Era uma viagem até certo ponto problemática e quando chovia a coisa se tornava mais difícil ainda. Então isso demonstra que não havia na visão dos políticos, dos dirigentes, essa idéia da importância da indústria e ainda aconteceram fatos que eu tive conhecimento depois que de certo modo diziam muito mal da nossa percepção, percepção de Barra Mansa a esse respeito.

Havia muitas críticas em relação à postura dos dirigentes municipais de Barra Mansa.

JCF - Eles em Volta Redonda não tinham nada, e precisavam pensar que tinham Barra Mansa como ponto de partida.

Precisavam de suprimentos?

JCF – Tudo, tudo. Eles tentaram, por exemplo, fazer um aluguel, havia aqui em Barra Mansa um hotel muito antigo, que hoje não existe mais, chamado Hotel Careca. Esse hotel era naquela época um hotel relativamente confortável pra ocasião e o dono, que já faleceu, ele foi convidado a fazer uma espécie de contrato e ele não aceitou de maneira nenhuma. Os dirigentes, os diretores, os construtores da CSN mandavam hospedar visitas, pessoas que vinham visitar as obras, e não tinham como hospedar. Eles precisavam também de uma infraestrutura hospitalar, eles chegaram aqui na Santa Casa e tentaram fazer um acordo com a provedoria, a direção nessa época por acaso era também o prefeito da cidade e eles não conseguiram. Quer dizer eles foram obrigados a construir lá um hospital de madeira que foi usado durante alguns anos. Nessa época eles foram obrigados a construir muitas casas de madeira, quer dizer muita coisa foi feita com dificuldade, por falta de compreensão e de talvez ignorância daquele pessoal.

É possível afirmar que o prefeito de Barra Mansa à época, Mário Pinto dos Reis, não tivesse a noção de que em terras desse município estava sendo construído aquele império de dinheiro e de negócios?

JCF – Eles não tinham a sensibilidade para perceber isso. E assim foi que as coisas foram ficando difíceis e essa dificuldade perdurou por muito tempo. Houve uma época por exemplo que Volta Redonda começou a crescer, começou a crescer, começou a ter assim uma população cada vez maior, começou a ter boas lojas, começaram a eleger alguns vereadores. Então a Câmara Municipal tinha vereadores de Volta Redonda. Inclusive um tio meu foi presidente da Câmara aqui, mas era de lá. Começaram com um, dois, três, já eram quatro ou cinco vereadores. Eles lutavam pra ver se o prefeito de Barra Mansa gastava um pouco de dinheiro lá.

Se assumia aquele distrito.

JCF – Assumir um pouco aquilo ali. O Prefeito não queria aquilo de jeito nenhum, ele achava que a Companhia Siderúrgica tinha obrigação de fazer tudo e ele não conseguia separar o que era uma empresa construtora de uma indústria da população. Então eles começaram um movimento de rebeldia, de autonomia...

Que culminou com a emancipação.

JCF - E acabou culminando com a emancipação.

A impressão é que Barra Mansa percebe Volta Redonda como problema e não como possibilidade, o fato é que ela não recebe a mesma atenção.

JCF – Por não ter visão.

Visão? Ela acaba recebendo apenas problemas, não é José Carlos? Por exemplo, recebe uma leva grande de migrantes, com uma falta de planejamento. De uma certa maneira, Volta Redonda se preparou pra receber essa demanda de imigrantes, mas Barra Mansa não me parece ter sido preparada, estruturada para isso.

JCF – A coisa foi mais triste que isso, porque foi um movimento político influenciado vamos dizer assim, pela política do estado, que levou à emancipação de um distrito, mas não nas suas dimensões geográficas, está certo? O distrito de Volta Redonda na realidade começava... Não sei se você conhece o rio Brandão, onde tem o hospital da CSN. Então a Companhia Siderúrgica ela se situava 90% no território do 1º distrito, porque Barra Mansa era mais ou menos isso. Então quando chegou na hora da emancipação, os políticos de Niterói e os deputados... eles fizeram a emancipação de um distrito que levou uma parte muito grande de Barra Mansa. Eles estabeleceram lá aleatoriamente... “não aqui está bom”. Aqui tem uma fazenda, aqui tem... da fazenda daqui pra lá e traçamos aqui a divisa e nessa coisa, nessa correria o que aconteceu? Hoje, a gente vê o território de Barra Mansa e Volta Redonda apresentarem a forma mais esquisita possível. Os bairros localizados nas divisas começam a prosperar, a crescer, a produzir e o homem não obedece divisa nem fronteira, nem limite.

Tem uma conurbação, uma junção em muitas áreas. Em que medida você percebe que o modelo urbano pensando pra Volta Redonda, um modelo de cidade planejada, influenciou numa reestruturação urbana de Barra Mansa? Como é que você vê por exemplo quando Volta Redonda se consolida como cidade, depois da emancipação, e aquele modelo já está estabelecido ali, como é que você pensa o que isso teria influenciado nos políticos daqui, nos governantes daqui como projeto pra essa cidade? Você acha que as pessoas pensavam aquele modelo como progresso, desenvolvimento, industrialismo? Isso era muito evidente, o que se falava de progresso para Barra Mansa, de desenvolvimento pra Barra Mansa? Era algo parecido com o que acontecia em Volta Redonda ou algo totalmente diferente?

JCF – Não. Eu acho que em determinado período do crescimento de Volta Redonda, o reflexo do progresso se fez em todas as direções. Naturalmente Barra Mansa, que é uma área contígua, mas também se fez na direção de Piraí, Barra do Piraí, e não obedeceu a nenhuma previsão. O pensamento dos dirigentes nunca, nunca influenciou nisso. O progresso ele vai na direção em que o homem pensa que tem que se dar bem. Você começa a usar áreas para expansão. Expansão, vamos dizer assim, industrial, expansão comercial, todo tipo de expansão. Você precisa da área, precisa do terreno e você não se atém a direções, ou ordens ou estudos advindos de uma coisa existente. Você vai aonde há interesse, aonde há facilidades.

É uma coisa mais intuitiva do que planejada?

J. CARLOS – É mais intuitiva. Barra Mansa, por exemplo, é uma cidade que por uma infelicidade topográfica ela não pode fazer muito estudo nesse aspecto. De determinar vamos fazer assim aqui, aqui vamos fazer assim, acolá, não. Aqui a nossa área plana que resta ou a única que ainda existe pouco é a área da Colônia Santo Antonio, lá terreno é mais ou menos contíguo e plano, mais eles não tem um estudo para o aproveitamento daquilo. As coisas estão indo pra lá sem nenhuma orientação, aquilo vai indo de acordo com a cabeça de cada um. Os nossos dirigentes políticos, eles mal dão conta de melhorar o que existe e de procurar criar escola porque a população esta sempre crescendo, crescendo, crescendo então eles ficam com essa preocupação de alfabetização daqueles que nascem sem nenhuma escola. E eles não tem nem capacidade de pensamento para estudar o transporte coletivo, transporte público...

Observando os vários ciclos econômicos pelos quais passou Barra Mansa, o quê você imagina como benefícios dessa industrialização? O que, no seu entendimento, ela perdeu com esse processo de industrialização, de certa forma realizado sem esse suporte de planejamento.

JCF – Eu acho o seguinte: a indústria, seja ela pesada ou não, a indústria de um modo geral, numa região como a nossa, de difícil topografia, ela traz muito mais progresso do que se você pensar numa exploração da terra para agricultura e para agropecuária. A topografia é difícil, de uma certa maneira a indústria pesada ou leve ela traz muito mais progresso e eu não acho que ela tenha causado assim grandes danos, porque os danos já existiam, os danos maiores eram decorrentes da nossa incapacidade de visão administrativa, da nossa infeliz topografia. Então não foi a indústria que causou os problemas. Então eu acho que se você pudesse fazer um estudo, você pudesse fazer uma previsão, isso se prestaria para nossas mãos. Porque em

Barra Mansa as áreas são pequenas e contíguas, a falta de infraestrutura é muito grande pra você atender um aglomerado humano que se introduz por entre grotas ou morros, margens de rio e tal, sem espaço. Então fica muito difícil de você fazer uma previsão para uma infraestrutura. Eu acho que a indústria não teve nada a ver com isso, ela nos trouxe benefícios, progresso e a nossa infraestrutura até hoje é muito precária.

Hoje o mundo inteiro pensa na preservação do patrimônio da cidade, na memória urbana. Você falou um pouco no início, mas eu gostaria que você registrasse um pouco mais. Qual seria a situação ideal pra uma cidade como Barra Mansa? O que seria importante preservar? Não só sob o ponto de vista do patrimônio arquitetônico e paisagístico, mas da memória coletiva da cidade?

JCF - Eu acho o seguinte: o secretário de educação da municipalidade teria que fazer um estudo para o ensino da história da cidade nas escolas municipais. Com isso ele daria possibilidade de aparecer pessoas interessadas, garotos... Isso é questão de gosto e sensibilidade. Você é menino de 10 anos, 11 anos, você é despertado por uma coisa que te chama a atenção e você vai atrás daquilo. Agora se não aparece aquilo, aquilo passa despercebido.

Você não é informado sobre aquilo. Não tem aquela informação, daí não constrói um sentido de preservação....

JCF – É. Você não é informado sobre aquilo. E eu acho por exemplo que uma escola superior você vê aí, ela tem cadeira de história, aquilo poderia através da secretaria também de cultura e de educação fazer com que fosse ensinado um pouco para aqueles alunos do curso superior sobre a história da cidade. E quando a gente fala sobre a história da cidade, a gente abrange todos os setores que possa representar o interesse. Aqui, ali, acolá. Esses grêmios todos eles devem ser prestigiados. O prefeito não pode simplesmente ir uma vez na vida assistir uma solenidade num grêmio desse porque ele vai ser homenageado, porque ele vai ser acariciado, não. Ele deve estar por dentro, através dos seus secretários, certo? O secretário deve levar ao conhecimento dele, porque ele tem o que fazer, porque ele tem muita ocupação então ele não pode, é claro que ele não pode ficar prestando atenção nisso. Mas os secretários chegam perto dele e dizem assim “Olha, é informado que vai acontecer isso, tem isso assim, a gente precisa se fazer presente, a gente precisa incentivar, a gente precisa ajudar, a gente precisa criar prêmios, a gente tem que fazer disputa nas escolas, a gente tem que enfim...”

Movimentar as agremiações culturais seria importante.

JCF – Movimentar isso. Nós vamos pegar, vamos dizer assim, a idéia. “Vamos construir um museu da cidade”. Eu ouço essa história, eu já ouvi isso muitas vezes, esse é um filme que eu já assisti muito, você pega aquilo que já é pouco, que foi preservado, que tem uma coisa aqui, outra ali. De repente e junta num lugar só. Logo, aquele quem toma conta do acervo se desinteressa por isso, aquilo vai tudo pra deteriorização....Então se a cidade, através do poder público, que não quer fazer, que não quer se preocupar, não quer gastar dinheiro com um museu. Preservar o pouco que existe, aí não tem, não adianta você ficar “Ah! Tem um... uma pessoa ali, tem um cidadão ali, Ter uma coisa, isolada, que faz isso ou faz aquilo”. “Ah! O André está colecionando um móvel (?) não sei o que”. Isso é bom mas não é o que resolve.

Isso não fomenta na população como um todo um sentimento de... preservação, não é?

JCF – Eu acho que é certo pegarem a Barbará, uma casa que foi uma antiga fazenda, então que através do SESI conseguiram preservar aquilo fazer uma remodelação lá mais ou menos boa.

O que você acha das instalações da Fazenda da Posse?

JCF – É. Acho que aquilo pode ser um espaço cultural muito bom, se a prefeitura quiser se preocupar com aquilo, gastar algum dinheiro, colocar funcionários que sejam, vamos dizer assim, adequados, que tenham interesse....preparados para aquilo, não empregados comuns que vão lá por causa do pagamento no fim do mês. Aí não adianta. Por exemplo, vão fazer daquilo uma galeria de fotos, uma galeria de fotos antigas. Vamos expor essas fotos de uma maneira bem protegida e adequada para que todos vejam. Que aquilo tenha duração permanente, que aquilo fique lá, que só aumente ao invés de acabar, que vá aumentando

aparecendo mais um, aparecendo outra. Eu estou vendo a luta de um rapaz, lá da associação São Silvestre. Se chama Gentil. O Gentil tá lá com uma porção de coisas antigas, de documentos, tá lá tudo pelas mesas, pelo chão. Aquilo vai ser carcomido do jeito que está, as coisas não podem ser guardadas dessa maneira. A gente tem que arranjar assistência de um museólogo, uma pessoa que está acostumada [com este trabalho], para poder orientar. “Isso aí a gente faz assim, assim, assim”, né. Não pode ser...

Fazer de forma apropriada? Tecnicamente apropriada?

JCF – É ... Eu acho. Aqui quando nós pretendemos fazer e... depois não conseguimos. Havia a ajuda de um museólogo lá de Resende, ela veio nos dar uma orientação nessa época pra fazer essa exposição. Mas depois nós não tivemos como continuar porque acabou o tempo de governo. Então, a minha idéia é que o secretário de cultura, o secretário de educação eles tem que trabalhar em conjunto e mostrar interesse nisso...formular um projeto pra isso, pra preservação. Existe muita gente interessada você pega um rapaz como o ... Clécio Penedo. O Clécio Penedo é uma boa cabeça, ele gosta de pintar, ele gosta disto, então, tem que explorar aquilo dele. Ele vive daquilo. E ele é uma pessoa que... pessoa que tá lá na UBM também...

Está no UBM, Clécio está em plena atividade, coordena o Núcleo de Difusão Cultural da instituição.

JCF - É, então. Eu acho que tem que ser assim. Eu uma vez, eu não sei quantos anos faz isso. Eu gosto muito de história, história de um modo geral. E eu estudei um assunto que eu gosto, eu sempre gostei até hoje. Eu leio tanto sobre a Guerra do Paraguai e o Brasil, ocorrido em 1864-1870. Então eu tenho mais de cinquenta volumes sobre esse assunto, dos mais diferentes, de todas as nacionalidades: Estados Unidos, Paraguai, Uruguai..., argentino, italiano... de alemão, colombiano... Em determinada época, eu não sei quem foi que me trouxe um recado do Luiz Mury que gostaria que eu fizesse lá uma palestrinha sobre esse assunto, não sei pra que classe de alunos. E peguei e me coloquei a disposição. “Não, é só me dizer quando vai ser, quando que é, que aí eu vou preparar e tal, o tempo que pode consumir e tal”, depois não sei o quê que houve, não sei se mudaram as coisas lá, ou eles esqueceram, e palestra não aconteceu, mas eu me lembro disso. E a única maneira de você conservar as coisas é você lutar por elas, é você se dedicar a elas.

É necessário informar as pessoas sobre o que você acha importante?

JCF - Você passar conhecimento. Você divulgar, por isso quando eu digo assim que nas escolas públicas municipais o ensino da história da cidade ele deve ser obrigatório, pode ser uma coisa sucinta pode ser uma coisa adequada à idade das crianças, mas fazer aquilo, porque fazendo aquilo no meio daquela imensidão de meninos vão aparecer aqueles que vão se interessar, ou aqueles que vão disputar aquela curiosidade (?) e assim é que é. Se não fizer assim não vai. Se você não informar, não vai despertar o interesse....Pois é, e por enquanto você lida com, vamos dizer assim, pessoas responsáveis que não mostram interesse naquilo que você fez, aquilo fica como se fosse uma... fica naquilo, eu por exemplo, eu digo à vocês eu já fui assediado, fui procurado por muitos anos por gente e mais gente, principalmente quando chega essa época de setembro, de outubro que vem o aniversário da cidade. E eu então o quê que eu faço? Eu me fecho em copas e digo: “*eu não estou; eu não posso; estou ocupado; vou embora...*” mas porquê? Porque eu já gastei muito, vamos dizer assim, já gastei...muito verbo com isso. Para pessoas que às vezes não mereciam, que estavam fazendo aquilo por interesse muito...puritano e tal, então hoje em dia eu evito falar. Às vezes eu recebo telefonema aí de fora, de Resende, sei lá e digo: “*não tô nessa não, eu tô escrevendo um livro aí sobre a história da cidade e tá tá tá*” e vou embora. Eu vou levando então assim, não vivo com a coisa pra mim só. Acho até triste. Eu às vezes fico pensando “puxa como é que pode se amanhã eu levanto, sentado começo a escrever, a pesquisar e não sei o quê. Será que vale a pena?” mas pelo menos me diverti, pelo menos passo o meu tempo.

O seu livro está pra ser concluído?

JCF – Ele está dependendo da extensão que eu queira dar ou não, sabe como é que é? Às vezes eu pensei assim “não, eu vou parar em 1900. Porque tinha um prefeito aí que me desagradava. Quer saber de uma coisa, não vou chegar na época dele não, parou por aqui, ah

eu não sei o que falar?” sabe. Mas... a verdade é a seguinte, se é pra fazer uma coisa boa, não digo uma coisa ótima, uma coisa boa, você precisa estar incentivado por aqueles que tem a obrigação, né? Aí você diz assim “então *sigo*, né? “*sigo*”. Se você não vê ninguém interessado pensa “vou tocar a minha vida, fico na minha casa, vou ler o que gosto, escrever o que gosto, fico aqui pra mim mesmo, passa meu tempo,... deixa pra lá.

Voltando lá atrás, sobre Volta Redonda, essa falta de visão do pessoal daqui de perceber que ali estava sendo gerado um núcleo de muita riqueza, muita importância e não foi dada a devida importância pra isso na época. Mas você não acha também, um questionamento meu é... que o oposto também ocorreu? Porque a impressão que se tem, pelo menos o sr. olhando de hoje né, para quem não viveu a época como eu, sempre quando você pega um documento de época por exemplo, aqueles jornais (?) que o Getúlio divulgava. Ele já falava de Volta Redonda, no momento que Volta Redonda ainda era um simples distrito, que não existia, portanto era parte de Barra Mansa. Eu nunca ouvi falar, pelo menos na usina, a CSN vir para Barra Mansa. Sempre, desde o primeiro momento, parece, essa é a impressão que eu tenho, que o governo federal resolveu estabelecer aqui a usina. Quer dizer, parece que houve desde o início a intenção de tirar aquela área ali do território de Barra Mansa. Meio que como se fazer um distrito federal, claro que não tinha esse nome mas o poder federal estabeleceu daqui... chega pra lá quem vai mandar é a gente, né. Há aqui uma área de segurança nacional, inclusive toda essa questão. Então o poder público de Barra Mansa não teria sido, um questionamento meu, alijado?

JCF – Eu acho que não. Eu acho o seguinte. Primeiro o governo federal, ele lutou muito pra ver se conseguia as condições pra fazer a Usina. Na cabeça do governo federal essa história de local era segundo plano você entende? Ela podia ser aqui, podia ser pra lá, podia ser pra lá. Veio parar aqui por dois motivos: primeiro o governador do nosso estado era o genro do presidente. Certo? Ele então tinha interesses. O Amaral [Peixoto] era um camarada, que ele gostava de perpetuar os seus modos e obras pelo estado afora. Não é aqui, em qualquer lugar do estado. Todas as cidades têm uma marca dele aí. Então ele naturalmente conversando, confessou isso, talvez capacidade técnica e não sei o que. Disseram a ele que a área aqui era a área adequada porque era muito plano. Era uma área situada perto, perto do porto, entre as duas maiores cidades do país, então o povo daqui... Essa sua desconfiança a respeito da atuação do governo federal não se justifica, não.

Eu acho que você falou do que talvez eu perceba também. Na verdade, os governantes barramansenses, aí não é uma questão de ter ou não ter visão, se tivessem sido incluídos no sentido de infraestrutura, enfim de trabalhar juntos, nesse projeto de implementação siderúrgica, talvez a história tivesse sido outra...

JCF – ...Eu tenho a impressão de que se Barra do Piraí tivesse uma área melhor que Volta Redonda, topograficamente melhor, a Usina poderia ter ido para lá.

Mas tinha a ligação com o ramal de Angra dos Reis que era muito, muito importante a ligação com o porto para a usina siderúrgica, e esta ligação se dava por Barra Mansa.

JCF – Mas tudo isso é o que eu estou te falando. Então entre as duas cidades do porto para a chegada do carvão, tudo isso foi especulado, então vamos dizer assim que o povo daqui tem culpa. Quer dizer, o povo quando eu digo são os dirigentes, é de não perceber o que aquilo ia acarretar. Certo?

Pensando até antes, até o início da industrialização já, na época da crise do café talvez, pensando num prazo longo, teria faltado a Barra Mansa uma elite de dirigentes capaz de pensar a cidade?

JCF – Eu acho.

Porque que algumas cidades conseguem formar essa elite, e outras não, sem fazer aqui nenhuma apologia à elite... Não uma elite econômica mas, uma elite pensante...de dirigentes que pudessem, que dessem um norte pra cidade.

JCF – ...Quem plantava café, quem plantou e encheu e invadiu o morro que escapasse, você não tem mata nativa por aqui, eles não imaginavam que a terra pudesse cansar. E planta e

planta e planta e a água vem por morro abaixo e vai levando aquele humo, vai levando, vai levando a terra cada vez mais morta, muito bem, eles custaram, eles custaram para perceber isso, porque? Eles tinham uma mão de obra barata, o país ainda era um país escravocrata, a mão de obra escrava plantava isso tudo com a maior tranqüilidade. Aí, de repente, começou a aparecer as leis que precederam a lei da Abolição propriamente dita, lei do Ventre Livre, lei do Sexagenário, essas coisas todas...aquela elite, aquela elite de Barões que tinha aqui na região, eles começaram a dar o fora daqui, dar o fora daqui em busca de quê? De trabalho escravo não podia ter mais. Eles foram em busca de terras novas, de São Paulo, terras ricas para plantar café de novo. Tanto é que tem cidades de São Paulo que foram fundadas por gente daqui. Aquela região lá de Campinas, de Ribeirão Preto é gente daqui que foi pra lá. Aí de repente veio a abolição, eles ficaram completamente de pés e mãos amarrados. Daí o que é que aconteceu? Houve como que um adormecimento, e os fazendeiros, mineiros, agropecuaristas, perceberam que estava na hora de plantar, pasto de botar boi. Foi então o que fizeram, de 1900 até a 1920-30, todos os fazendeiros de Barra Mansa eram mineiros oriundos do sul de Minas. Daqui não tinha mais nada, parecia que um fazendeiro daqui, um nada, era um acidente, todos eles eram de Minas. E eles derrubaram esse cafezal todo e plantaram pastos e e por isso que naquela época, aproximadamente 1930, Barra Mansa era o maior produtor leiteiro do país.

Toda essa área de divisa com Minas, bem próxima a Barra Mansa, sempre teve a cidade como pólo econômico, de entreposto comercial, de serviços. Quando Barra Mansa perdeu o trem mineiro que fazia essa ligação, ela perdeu essa demanda. Não reestruturou essa possibilidade de troca e com tudo isso perdeu, não é? Quer dizer, ela não consegue pensar que com isso...o comércio sofreu as conseqüências, não é? Acabar com o trem mineiro não era só acabar com o trem azul que era bonitinho, que era bucólico, mas acabar em parte com a economia gerada por esse fluxo de pessoas, uma boa parcela de gente que vinha comprar, que vinha se utilizar desses serviços aqui, não é? Me parece uma falta de estratégia de desenvolvimento econômico, o que o senhor acha?

JCF – O próprio governo de Minas fez questão de dificultar e nunca melhorar a vinda pra cá... com a finalidade e com o desejo de deslocar esse movimento desse comércio todo para Juiz de Fora, então quer dizer, paralelo à faixa da fronteira de 30, 40, 50 km. Você entendeu? Isso foi uma maneira, uma maneira de defender o estado, agora não, agora o estado do Rio, por necessidade, está construindo uma estrada asfaltada de Amparo pra lá. Essa estrada que vai pra Falcão. Ela está quase terminada estão lá chegando, asfaltaram até... talvez falte lá uns 10 km, para chegar até Minas. Então vamos dizer assim, talvez com o meio de comunicação, bom, o camarada venha.

É uma questão de quem tem a melhor estratégia de desenvolvimento econômico? De quem é mais atraente?

J. CARLOS – O progresso tem uma certa hora que não obedece ao pensamento e ao desejo de ninguém, ele vai e é do homem, ninguém segura. Ele pula pra lá. E você está construindo, quer comprar uma fazenda, está interessado lá, e você diz “puxa mais aqui é, é divisa com Paraguai” não importa, a fazenda vai ficar um pouco lá, um pouco cá. Não interessa, eu estou atrás do terreno, dos bois, da fazenda. Não me interessa se a bandeira é verde e amarela ou se vermelha e azul. Ora eu quero... se eu tenho paz e tranqüilidade para trabalhar na fazenda é assim que eu vou...

José Carlos, muito obrigada, obrigada pela sua atenção.

ANEXO 7

Foto do arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx em visita a obra do SESC Barra Mansa, por ocasião da elaboração do projeto para o Parque da Preguiça - 1991. Acervo Gilda Nora.



Cópia da reportagem do diário *A Voz da Cidade* sobre a visita da equipe de Burtle Marx a Barra Mansa, em 1991.

A VOZ DA CIDADE

ANO XX - 5113 - SEXTA-FEIRA, 26 DE ABRIL DE 1991 - Cr\$ 80,00

PRIMEIRO E ÚNICO DIÁRIO DA REGIÃO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DIRETOR - JOAO BATISTA PANÇARDES

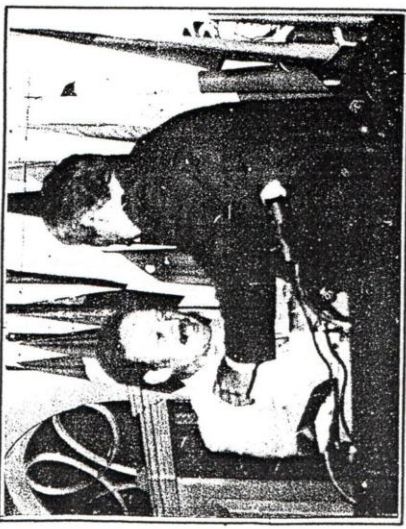
PORTE PAGO DR/RJ ISR-52-1979/89

BARRA MANSA: PRIMEIRO DE MAIO COM INAUGURAÇÕES E FESTAS

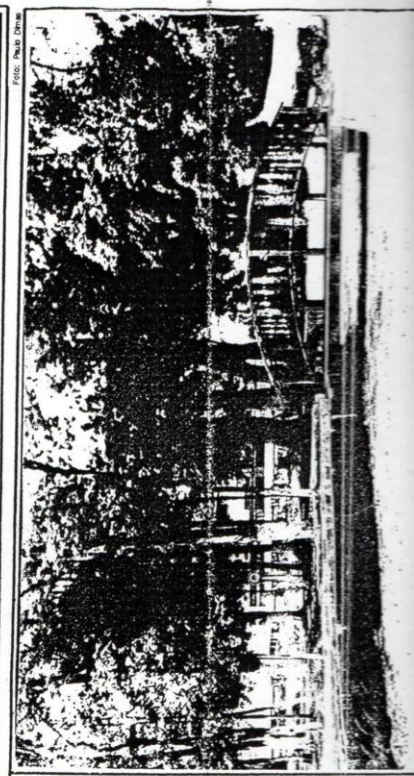
O dia 1º de maio será bastante movimentado em Barra Mansa. Dia contragrado ao trabalhador, vai ser comemorado, segundo a Secretaria Municipal de Divulgação e Promoções, com muitas obras civis e inauguração de várias obras pelo Prefeito Ismael Alves de Sousa.

As bandeiras Nacional, Estadual e Municipal serão hasteadas na Praça da Liberdade às 8 horas e em seguida na Praça Ponce de Leon será colocada uma coroa de flores no Monumento do Trabalhador.

No bairro Bos Sore será inaugurada a usina de Açofole e a Fábrica de Manilhas em terreno próprio, junto à Secretaria de



EQUIPE DE BURLE MARX VISITA PARQUE CENTENÁRIO



Volta Redonda se previne contra a cólera

O Secretário Municipal de Saúde da Prefeitura de Volta Redonda, Antônio Carlos Serra, preocupado com a cólera já ameaçada entre no país, fez alerta à população para tomar medidas de prevenção para o caso. Explicou que não existe no Brasil vacina disponível, por isso a mesma é fabricada pelo próprio agente causador da doença.

Na região ainda não foi constatado nenhum caso, mas se a doença chegar poderá matar rapidamente, sendo em vista que a região não está totalmente saneada.

RESUMOS

AVA ROTAFOGO ajuda hoje na Academia Militar das Amélias Negras na programação de comemoração dos 130 anos do Brasil. Ato dirigido com

ANEXO 10

Cópia do cadastro arquitetônico do INEPAC que referencia a autoria do Parque Centenário ao paisagista Glaziou.

INEPAC		GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	CADASTRO
DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO		SEEC-RJ	ARQUITETÔNICO E
		DEPARTAMENTO DE CULTURA	URBANÍSTICO
município	Barra Mansa	distrito Sede	codiq:
denominação	Praça da Bandeira (Jardim da Prequiça)		
endereço	Praça da Bandeira		
uso original	Lazer	uso atual	Lazer
data / período	2a. metade do século XIX	autor projeto	Augusto François Marie Glaziou, botânico
proprietário	Poder Municipal		
		<p>Situação e ambiência Grande espaço arborizado situado no coração da cidade entre a estrada de ferro e o rio Paraíba, que se constitui na sua principal área verde, não só por suas características paisagísticas, mas também por sua intensa utilização por parte da população.</p>	
<p>início século XX</p> 		<p>Características A praça, de forma retangular, teve seu traçado original totalmente modificado em meados do século XX, só resistindo, de sua concepção original, a arborização abundante e grandiosa, apesar de terem sido derrubadas as palmeiras que circundavam a praça. Teve também sua área diminuída pois ligava-se ao prédio da Prefeitura e ao leito da estrada de ferro. As portadas que envolvem os portões de acesso também são recentes, feito da reforma de meados desse século. A praça possui atualmente uma quadra de esportes, em play-ground, um coreto e recantos de lazer contemplativo.</p>	
		<p>Estado de conservação Bom.</p>	
		<p>referências bibliográficas / fontes A primeira foto foi reproduzida do Álbum do Estado do Rio de Janeiro - ed. do Centenário da Independência - 1922. Athayde, J.B. de - Barra Mansa em Revista XXXXXXXXXX - 1956. Sr. Gentil (funcionário da COMUTUR).</p>	
		levantamento	Alvaro
		revisão	<i>Alvaro</i>
		data	out/80
		data	nov/80

ANEXO 11

Lista de manchetes recentes (década de 1990) do jornal *Diário do Vale* sobre preservação arquitetônica e ambiental de Barra Mansa

- 05/06/1993 – “Casarão da Fazenda da Posse deve ser demolido”
- 03/05/1996 – “Restauração da Fazenda da Posse sai do papel”
- 03/04/1996 – “Reforma da Fazenda vai ser iniciada”
- 19/05/1996 – “Fazenda da Posse conta a História de Barra Mansa”
- 09/07/1996 – “Fazenda da Posse vai virar Museu
- 23/08/1996 – “SESI pede prazo para iniciar reforma da Fazenda da Posse”
- 03/10/1997 – “Resgatando a História e construindo o futuro”
- 27/10/1997 – “Fazenda da Posse será reformada – obras começam em janeiro”
- 30/12/1997 – “Exposição vai eternizar a Fazenda da Posse”
- 07/10/1997 – “Parque da Preguiça: oásis em meio ao verde”.
- 19/02/1998 – “Clube Municipal poderá ficar sem a restauração”
- 18/03/1998 – “Diretora do INEPHAC vai vistoriar o Municipal”
- 10/06/1998 – “Técnica do IPHAN vistoria obras na Fazenda da Posse”
- 29/06/1998 – “Parque Centenário preserva calma”
- 29/06/1998 – “Municípios formam comitê pela volta do trem mineiro”.
- 18/08/1998 – “Apelo pelo restauro do Clube”
- 03/10/1998 – “O futuro começa agora”- Encarte PMBM
- 15/10/1998 – “Cresce risco de desabamento em Clube”
- 16/10/1998 – “Secretário de Cultura pede ajuda para salvar o Clube”
- 14/10/1998 – “Município ganha a Academia Barramansense de História”
- 11/11/1998 – “Estação de Saudade vai ser transformada em museu”
- 12/11/1998 – “Cidade perde construção histórica. Clube Municipal vai ser demolido
- 13/11/1998 – “Apenas parte condenada será demolida”
- 17/11/1998 – “Academia de História aciona a justiça contra a demolição”
- 18/11/1998 – “Presidente do Clube critica a direção da Academia

Barramansense de História”

- 24/11/1998 – “Desaba a lateral do Salão de Bailes do Clube Municipal”
- 25/11/1998 – “Romantismo a bordo do trem mineiro”
- 17/12/1998 – “Câmara aprova verba de R\$30.000 para reforma do Clube Municipal”
- 18/12/1998 – Sessão Cartas – Alan Carlos Rocha
- 22/12/1998 – “Obras da Fazenda da Posse devem ser inauguradas”
- 22/02/1999 – “Obras devem ficar prontas este mês”
- 07/03/1999 – “Prefeitura elabora projeto de revitalização do Parque”
- 20/08/1999 – “Barra Mansa ganha novo Centro Cultural”- Inauguração do Centro de Cultura Fazenda da Posse.

- 29/03/2000 – “Parque Centenário vira cenário de caminhadas”
- 09/02/2000 – “Propostas de Tombamento”
- 25/01/2001 – “Moradores pedem a reforma da Estação de Trem em Antônio Rocha”
- 10/09/2001 – “Fazendas de Barra Mansa”
- 03/10/2001 – “Prefeitura preserva área de mata Atlântica”
- 02/03/2001 – “Parque Centenário fecha para obras de recuperação”
- 06/01/2002 – “Fundação e Emancipação” – Alan Carlos Rocha.